

ORGANIZAÇÃO
NIEVE MATOS



ELAS+

TRAMAS DIVERSAS

≡ MARE

ORGANIZAÇÃO
NIEVE MATOS

ELAS+
TRAMAS DIVERSAS

≡ MARÉ

Copyright 2022 © Nieve Matos

Projeto gráfico e diagramação
Gustavo Binda

Revisão
Patricia Galletto

Capa e Ilustrações
Alessandra Pin Ferraz

Fotos
Bru Negreiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E37 Elas+ : Tramas diversas / Organizado por Nieve Matos –
Vitória: Maré, 2022.
241 p. 21cm

ISBN: 978-65-86358-41-4

1. Teatro – Espírito Santo 2. Dramaturgia 3. Coletânea
I. Matos, Nieve (Organizadora) II. Coletivo Elas Tramam
III. Título

CDU 821.134.3(81)-2

IMPRESSO NO BRASIL | PRINTED IN BRAZIL |2022|

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Maré
editoramare.com | @mare.editora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou manuscrita por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem a permissão da editora.

SUMÁRIO

- 5 | Apresentação
- 10 | Vermelho Cor de Boca
- 29 | As Visitas
- 58 | Sem Conexão
- 80 | (Re)Visitar
- 102 | Silêncio, ou Coração Inundado de Palavras
- 121 | Sandy 50
- 135 | Engasgos de uma Antiga Intimidade
- 165 | Carambolas
- 188 | O Legado
- 212 | Degredadas Filhas de Eva

APRESENTAÇÃO

por Nataly Firmino Volcati

Este quarto livro do coletivo *Elas Tramam* é mais um resultado da expansão espiralar iniciada no ano de 2017 com a formação do coletivo e a consequente publicação de seu primeiro livro. Um movimento que exigiu a reconsideração de outros modos de ser mulher – assim como de não sê-la –, bem como, afinal, o questionamento do que é “ser”. Eis que surge o quarto núcleo do coletivo: *Elas+ : Tramas diversas*, formado inicialmente por 15 identidades femininas.

Em reuniões quinzenais, mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transfemininas (não binárias compreendidas no espectro da feminilidade) experimentaram novos modos de descobrir, apresentar, definir, representar, esquecer, lembrar e, sobretudo, inscrever suas histórias através da produção dramática. Dessas 15 identidades nem todas puderam permanecer durante o processo – apesar de suas demonstrações de interesse em participar –, pois não há dramaturgia mais difícil de escrever do que aquela que se faz no palco da vida. Essas que não ficaram não são menos importantes do que aquelas que permaneceram. E este talvez seja um ponto fundamental sobre a realidade daquilo que se propõe “diverso”. Diversidade é também a necessidade de aprender a lidar com a falta, não somente com a presença.

Nestes momentos de presença, questionamos toda anormalidade que

habita no “normal” e exploramos os incomuns que nos compõem, um movimento que nos tornou comuns umas com as outras através da fala e da escrita. Neste espaço de refúgio, percebemos: nós não somos iguais – e que bom que não somos –, mas somos potentes. Exatamente porque somos diferentes e plurais.

Com ou sem o batom vermelho de chama.amanda na boca, transcrevemos os verbos que habitam nos objetos e, principalmente, em nossa carne. Tanto os verbos das violações contra nossa carne, como nos descreve Carol Batista, quanto os verbos que nos trazem a lembrança da necessidade de preencher essa mesma carne de amor, como nos traz Dee Reis.

Nessa dinâmica dos afetos que nos atravessam, Natália Couto e Nataly Volcati delineiam suas narrativas através da voz de suas (e nossas) avós. E com as vozes, os cheiros e os toques, damos luz a novas histórias, mas também conhecemos a escuridão que constitui outras.

Toda essa complexidade da carne forma identidades diversas, como a que nos é apresentada através da simplicidade dançante e cantante na narrativa de Sandy Vasconcelos. Simplicidade esta que não é sinônimo de facilidade, e Lara Cardozo é incisiva quando nos mostra que as intimidades – pilar das identidades –, quando conjuntas, acumulam engasgos.

Engasgos estes que por vezes são doces, mas, principalmente, ácidos, como quando mordemos as carambolas de Thalia Peçanha. Uma acidez que é capaz de corroer a carne e chegar aos ossos, ossos carregados de legados, que Saskia Sá tem cumprido. Ossos estes que se desintegram e voltam ao pó, sendo alimento da terra pela qual as serpentes de Carla Carrion rastejam e se enveredam para a árvore do (auto)conhecimento.

Neste processo, mordemos as maçãs, as carambolas, as carnes e as línguas para nunca deixarmos de mover os dedos para escrever e de abrir a boca para sussurrar, falar, gritar e cantar. E utilizamos o silêncio somente para ouvir a outra falar.



VERMELHO COR DE BOCA

chama.amanda



APRESENTAÇÃO

“Seu corpo é a sua casa.”

Nieve diz que tudo é clichê. Pois lembremos, então, que estamos mesmo vivendo em um tempo em que o básico tem que ser dito. Tem sido preciso, e precioso, reafirmar que a arte e a cultura têm valor – que esse tempo com elas nos faz ser quem somos. Esse tempo é que nos dá, também, vida. Mas, além dos dizeres, é preciso fazer... e fazemos tantas vezes em silêncio.

Um batom vermelho sugere que o que fazemos se chama “silêncio ao contrário”. Quem iria imaginar que um objeto poderia enriquecer o vocabulário social e colaborar com os apontamentos alheios quando nos vissem em atividade – ora, qualquer atividade? Nosso corpo é político.

“Calada, você tá errada”, uma frase que ouvi tanto durante a vida e que foi endereçada com tom de brincadeira às mulheres com quem

cresci, em meio a casos, discussões e opiniões. Antes de dizer, ainda em silêncio, nós... – você, mulher, já está errada. Como participantes “vivas” dos diálogos, nada do que disséssemos faria sentido, seria o certo, ou seria levado em consideração.

Veja você, quem vai desejar ser mulher num contexto desse?

Ser mulher é uma escolha?

Se for pra emudecer, em objeto, admito que há dias em que a constatação mais próxima da realidade do que escutamos é “nosso ouvido parece um penico”.

Quando não é uma parte do corpo, às vezes, eu, você – inteiramente – somos tratadas como objeto. Foda-se. Fodam-se.

O nosso corpo é a nossa casa. Então que seja *re-dito* e *bem-dito* o clichê, e o repetiremos várias vezes, “ovárias vezes”, até que fique entendido, e feito, que a casa é uma responsabilidade de todes.

Que a sua leitura, sua interpretação, seja também a nossa voz em atitude.

chama.amanda é multiartista, comunicadora e educadora social. Cria do interior do Espírito Santo e criada na travessia entre o campo e a cidade grande. Por meio da expressão artística e cultural, busca manter-se viva e construir conhecimentos. Trabalha com arte e cultura de forma autônoma, em instituições e em coletivos há mais de 12 anos na Grande Vitória. Como suporte de expressão corporal, utiliza desenhos, pinturas, graffiti, lambe-lambe, tatuagens e escritas em prosa e poesia. Seu processo criativo se dá a partir de suas vivências; realiza intervenções urbanas por necessidade de existir e lutar pelo que é e acredita. Integra atualmente o 7 Luas Tattoo Studio, a Rede Mulheres Urbanas e a Santa Sapataria. Mulher, sapatão e cansada de tanta violência, junto ao Elas+ : Tramas diversas escreve pela primeira vez uma dramaturgia.

VERMELHO COR DE BOCA

chama.amanda

Personagens:

BATOM 01 - Pessoa com vagina, orientação sexual lésbica.

BATOM 02 - Pessoa que se identifica como mulher, podendo ser também pessoa LBTQIA+ ou não binária.

BATOM 03 - Pessoa que se identifica como mulher cis ou trans.

BATOM 04 - Pessoa que se identifica como mulher, podendo ser também pessoa LBTQIA+ ou não binária.

BATOM 05 - Pessoa que se identifica como mulher cis ou trans.

LÍVIA - Pessoa com vagina, jovem, com idade entre 22 e 27 anos.

MULHER DA ATA - Mulher cisgênero com idade entre 45 e 50 anos.

HOMEM 01 - Homem cisgênero, grisalho, idade entre 50 e 60 anos.

HOMEM 02 - Homem cisgênero, idade entre 50 e 60 anos.

HOMEM 03 - Homem cisgênero, idade entre 30 e 35 anos.

HOMEM 04 - Homem cisgênero, idade entre 40 e 45 anos.

QUADRO 01 - Maquiagem

Uma penteadeira com espelho no canto do palco, o foco de luz está ali.

Lívia entra na cena, senta-se no banco da penteadeira, abre o estojo de maquiagens – que é imaginário – e começa a se maquiar. Segura um batom, olha para ele, admirada, contempla-o. Olha-se no espelho, ainda segurando o batom, ajeita os lábios para receber a cor. Passa o batom e segue se maquiando com objetos invisíveis.

Batom 01 - *(em off)* Eu não tenho nada contra as outras cores, mas é porque... o vermelho, né? Você me escolhe e eu fico assim, cheia de mim *(uma luz no centro do palco mostra um objeto sobre um banco bem alto: um batom)*. Você nunca gostou de rosa e, dentro das suas histórias, eu tento entender se era mais pra contrariar ou pra sair do padrão.

Batom 01 entra em cena caminhando devagar, passa pelo local no centro do palco e caminha até a penteadeira onde Lívia está se maquiando. Posiciona-se perto dela e fica ao seu redor, toca-a nos ombros e cabelos, abaixa-se até a altura em que ela está sentada e a olha através do espelho.

Batom 01 - Que gatura todas as meninas usando coisa rosa.

- “Mas você é menina, menina usa rosa.”

- “Eu quero a blusa preta.”

- “Mas seu guarda-roupa só tem essa cor!”

- “Preto sempre foi sua cor preferida, né?” *(indo para o centro do palco, Batom 01 devagar se aproxima do banco, segura o batom, olha pra ele e segue o monólogo, enquanto Lívia continua a se maquiar com a maquiagem imaginária)*

Batom 01 - “Eu escrevo para me livrar...” foi o que você disse da úl-

tima vez que me usou na parede daquele bar insalubre. Lembra? *(olha para Lívia sentada na penteadeira e caminha até ela novamente. Interpreta como se estivesse vivendo a cena que descreve. As luzes do centro do palco se apagam)* E que delícia. Beijo os copos, marco bocas e peles de outros lugares mais. Pelo menos uma vez na semana é de lei – e que delícia... carimbar até as janelas dos ônibus com você.

Batom 01 - *(através do espelho, olha para Lívia, que continua se maquiando)* Por baixo da máscara, ainda assim você me carrega com você. Enquanto eu puder falar, você tá viva comigo.

A luz do centro do palco acende e Batom 02, 03, 04 e 05 estão onde estava o banco, enfileirados, maquiados de vermelho ou com figurino vermelho, de frente para a plateia. Batom 01 vai saindo devagar de perto de Lívia e começa a se aproximar do centro do palco para dialogar olhando diretamente para o público.

Batom 01 - Eu sei que eu te lembro de quem você é, e tá tudo bem.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(coro cantarolando e interpretando a música)* “Me usa, me abusa pois o meu maior prazer... é ser sua mulher.”

Batom 01 - *(a cada substantivo utilizado, vai olhando o seu corpo e falando para si mesma)* Na idade da pedra, talvez... eu nem tivesse essa cor, esse formato, esse tamanho. Mas eu já era usada. *(caminha e se junta a seus companheiros batons, ficando ombro a ombro com eles enquanto a luz da penteadeira se apaga)*

Batom 01 - O ser humano tem mania de achar que Deus só se manifesta no homem. *(pausa)*

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(olham fixamente para a plateia e dizem em coro)* Eu sou uma coisa. *(luz se apaga completamente após a frase)*

QUADRO 02 - Um conselho

Foco de luz na penteadeira, apenas um batom vermelho sobre ela. Lívia entra em cena e se senta. Fica se olhando no espelho.

Batom 01 - *(entra e, atrás da moça, inicia a fala)* Não vai me contar nada hoje? Você demora pra voltar... Parece que tem medo de encontrar comigo. Você sai... leva uma parte de mim, mas outra parte sempre fica pra contar a história.

Luz da penteadeira se apaga e a luz central do palco se acende. Há uma mesa no centro do palco, com cinco cadeiras atrás dela. Homem 01 está ao centro da mesa. Os outros homens estão dispostos nas cadeiras ao lado, bem como a Mulher da ata, que usa um batom vermelho. A mesa é montada de frente para a plateia.

Homem 01 - Vamos iniciar, então, a reunião, temos muitos pontos a tratar. Qual é o primeiro ponto? *(volta seu olhar à Mulher da ata)*

Mulher da ata - Vamos iniciar com questões do patrimônio histórico, por favor, a senhora Lívia pode nos trazer as questões?

Lívia se levanta do meio da plateia, está sem batom.

Batom 01 - *(surge por detrás da mesa no centro do palco, atrás do Homem 01, abaixa-se sobre os ombros dele e olha para Lívia)* “Quanto custa a sua hora? R\$ 100? Eu pago! *(pausa)* Mas você só está aqui há 15 minutos.” *(Batom 01 se levanta e fica atrás do Homem 01, imóvel)*

Batom 02 - *(entra na cena por detrás da mesa, caminha lentamente até*

Lívia, interage com ela, com carinho, tocando em sua pele, e fala olhando para ela) Eu não tô com você às vezes, mas sabe que pode confiar em mim. Você se vê em mim... ainda que eu esteja na boca de outra pessoa. Comigo você pode.

Lívia permanece muda, esboça querer dizer algo, como se tivesse um incômodo na garganta. Olha para a Mulher da ata. Enfim, começa a falar e gesticula com as mãos – sua fala é muda, apesar de sua boca que mexe e forma frases.

Batom 02 volta para trás da mesa junto a Batom 01.

Batom 03, 04 e 05 entram em cena e se juntam também a Batom 01, enfileirados, enquanto Batom 02 caminha para se juntar a eles.

Batom 03 - *(posiciona-se ao lado de um dos homens que está sentado à mesa, abaixa-se atrás dele segurando em seus ombros e segue sua fala olhando para Lívia, que continua gesticulando e formando frases mudas) “O Espírito Santo é só porto e puteiro.” (todas as luzes da cena se apagam de forma abrupta. Pausa)*

Lívia permanece de pé, com todas as luzes apagadas.

Batom 01 - *(em off) Incrível como nosso lugar já está posto. Com certeza o seu “não” vai incomodar... e você sabe. (luzes se acendem de forma lenta, primeiro sobre o palco onde estão os batons)*

Batom 02 - *(caminha ao redor de seus companheiros e troca de lugar na fileira) E nós estamos aqui.*

Lívia permanece de pé, luz se acende sobre ela.

Batom 03 - *(caminha ao redor de seus companheiros e troca de lugar na fileira)* A cada uma que traz uma história, mais bocas se enchem de vermelho.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 assumem uma postura rígida, satirizando a fala que se segue.

Homem 01 - *(ao centro da mesa com ar de satisfação)* Muito bem, está encerrada a reunião, nos vemos mês que vem. Primeira terça do mês, mesmo horário e local, sim? *(os presentes sentados à mesa saem se cumprimentando, todos juntos e obedecendo o comando do Homem 01)*

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 permanecem enfileirados e na cena.

As luzes sobre a penteadeira se acendem novamente. Lívia, que ainda figurava em pé, sai da plateia e caminha pensativa, por fora do centro do palco, até a penteadeira, olha-se no espelho, pega um lenço e gesticula como se tirasse a maquiagem de seu rosto. Observa que, apesar de estar sem batom, o lenço que utiliza para tirar a maquiagem está sujo de batom vermelho. Passa a mão sobre os lábios. Passa o lenço sobre os lábios, olha novamente o lenço. As luzes que iluminam a penteadeira se apagam enquanto Lívia olha o lenço com o vermelho do batom.

A luz central do palco se acende e um batom está ao centro da mesa. Os demais batons entram em cena dando suas falas e vão se posicionando ao redor da mesa, enfileirados, olhando o objeto em cima da mesa.

Batom 02 - A cada uma que rompe o silenciamento, a roda, a família, o almoço de domingo, a rodinha do bar...

Batom 04 - Tudo e-mu-de-ce.

Batom 01 - Imagina que, então, isso que vocês... que nós fazemos se chama... “silêncio ao contrário”.

Batom 05 - O preço às vezes... é se sentir... *(pausa)*

Batom 02 - Só?

Batom 03 - Sempre vai ter uma parte de mim contando uma história. Eu... nós *(mostra os colegas batons no palco)* somos a cor da sua memória...

Batom 04 - E pode me carregar com você, que eu também sou bom de escrever.

Mulher da ata - *(entra em cena, apressada para apanhar seu batom, esquecido ali em cima da mesa. Conversa como se falasse com alguém, pedindo para que a esperem)* Calma... Já vou, já vou... Só voltei aqui pra ver um negócio... *(conversa sozinha ao ver o batom)* Ah... você tá aqui... Como você veio parar aqui, logo em cima dessa mesa? *(ela apanha o batom e o coloca dentro da bolsa, sai da cena e as luzes se apagam)*

QUADRO 03 - Uma casa

Batons 01, 02, 03, 04 e 05 enfileirados no palco. O batom que fala se destaca e entreolha os demais que permanecem em fileira.

Batom 01 - Somos um fluxo vivo...

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(em coro e se movimentando ao falar, como que imitando as batidas do coração a cada palavra)* Que pulsa, que pulsa, que pulsa.

Batom 02 - E para qualquer experiência com molde, forma ou tex-

tura já definida...

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(em coro)* O novo nos aparece.

Batom 03 - Arriscamos. A riscamos. As riscamos. Riscamos... riscamos... riscamos... *(olha para os outros batons que vão se aproximando para iniciar uma interação física, como uma dança entre eles, como se se riscassem de forma mútua)*

Batom 01, 02, 04 e 05 se aproximam de Batom 03 e iniciam uma dança, como estivessem se riscando entre si, com seus corpos, de forma suave e em movimentos que formam um coletivo.

Batom 03 continua de pé, interagindo com os movimentos dos outros, que estão em contato físico com ele.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 se movimentam no palco de forma coletiva. Batom 03 permanece de pé e caminha pelo palco. Os batons que se movimentam seguem seus passos e continuam ao seu redor. Batom 03 começa a se misturar e Batom 05 começa a ficar de pé e toma a vez da caminhada, guiando o coletivo.

Batom 04 - *(realiza o mesmo movimento, fica de pé, caminha e faz a primeira fala enquanto Batom 05 se junta aos demais em movimento)* Riscamos nossa própria existência. Ao respirar, ao querer... ao ousar dizer. É todas as cores é que nos protegem e são elas, as cores, que nos dão vida...

Batom 05 - *(fica de pé enquanto Batom 04 se junta aos demais no movimento coletivo)* Se a gente não se colocar... *(pausa, e vai enumerando as próximas falas como opções)* Ou se a gente se esconder

Ou se a gente errar

Ou se a gente vencer

Ou se a gente morrer (*todos os batons batem forte o pé no chão e param abruptamente em suas posições, encarando a plateia e entoando um coro*)

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - (*coro*) Ou se a gente ousar dizer...

Batom 05 vagorosamente se abaixa e se “encaixa” no movimento dos outros batons. Batom 02 lentamente se levanta e deixa o coletivo de batons.

Batom 02 - Ainda assim... Nos desmancham, em vermelho... (*permanece de pé e caminhando pelo palco*)

Batom 01, 03, 04 e 05 - (*movimentam-se juntos em bolo e dizem em coro*) Por que é tão normal só homem em espaço de poder?

Por que é tão normal só homem em espaço de poder?

Por que é tão normal só homem em espaço de poder?

Batom 02 - Nada parece ser suficiente... mas... Faremos várias vezes... várias vezes, várias vezes... várias vezes, várias vezes... (*caminha devagar para se integrar novamente ao coletivo de batons, que continua em movimento*)

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - (*vão se movimentando pelo palco inicialmente em silêncio e, depois, em coro, iniciando em voz baixa, aumentando gradualmente e entoando de forma diversa – em sussurros e vozes altas e batendo os pés no chão, aumentando o barulho ao caminhar*) Várias vezes, várias vezes, várias vezes, várias vezes, várias vezes, várias vezes, várias vezes, várias vezes...

Ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes, ovárias vezes (*batem juntos os pés uma última vez e as luzes do palco se apagam de forma abrupta*)

QUADRO 04 - Uma conversa

Batons 01, 02, 03, 04 e 05 estão sentados em cadeiras, ao redor de uma mesa, como em um bar. Há um batom no centro desta mesa.

Batom 01 - Vocês precisam ter as experiências de vocês... Talvez os pés de galinha no meu rosto, o meu cansaço – apesar da aparente pouca idade – tenha pouco a ver com o tom da minha pele, mas... talvez seja a resistência começando a queimar.

Batom 03 - Entre os grilos falantes e toda a sorte de animais de consciência... Já experimentou abrir a gaveta da sua avó? *(olhando para a plateia, levanta-se, olha os batons sentados à mesa, senta-se de novo e torna a olhar para a plateia)* Quantas de nós você acha que tem lá? *(na sequência do diálogo, as falas são em trocas bem rápidas)*

Batom 02 - Ai de nós se ficarmos de boca fechada.

Batom 05 - Ai de nós se abriremos nossas bocas.

Batom 04 - Ai de nós se não abriremos nossas pernas.

Batom 02 - Se não queremos, tentam abrir à força.

Batom 01 - Basta um “não” e toda a postura muda.

Batom 04 - Ai de nós se não abriremos nossas pernas.

Batom 03 - *(com ar de superioridade)* “Vai ficar sozinha se continuar desse jeito.”

Batom 02 - Ai de nós se ficarmos de boca fechada.

Batom 05 - Parece que a gente não precisa pensar pra responder.

Batom 04 - Ou não querem que a gente tenha o direito de pensar pra responder?

Batom 02 - Mas “moça direita” pensa?

Batom 01 - *(com ar de superioridade)* “Parece que não sabe como as coisas

funcionam.”

Batom 03 - *(com ar de superioridade) “Essa daí não tem jeito, não.”*

Batom 05 - Ai de nós se abriremos nossas bocas.

Batom 03 - Sem a gente, o circuito queima.

Batom 04 - Ai de nós se não abriremos nossas pernas.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(batem na mesa com a mão e dizem em coro)*

Nós também somos o circuito. *(luz se apaga)*

QUADRO 05 - Resistência é memória

Cadeiras organizadas em fileiras, como uma sala de aula ou um plenário de uma câmara municipal. Homem 01, 02, 03 e 04 entram em cena e começam a se revezar em funções. Trocam de lugares entre falas sempre mudas e felizes, abraços e aplausos, tiram fotos, cumprimentam-se. A cena é muda.

Mulher da ata entra em cena, senta-se à uma mesa fora da estrutura montada para receber os homens. Observa a cena de forma interessada e, a cada fala de algum homem, registra-a em um computador imaginário. Hora ou outra dá um sorriso e cumprimenta, caso o olhar de algum homem cruze com o dela.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 entram em cena e observam do canto do palco os movimentos dos homens no centro do palco, e observam também a Mulher da ata.

Batom 01 - Ai, ai... Parece que eu tô aqui há tanto tempo...

Batom 05 - Como chamam esse movimento mesmo?

Batom 03 - Culigação...

Batom 04 - Tá doida? Um monte de homem hétero, que honra a

família...

Batom 02 - Eleição...

Batom 01 - Churrasco de domingo...

Batom 03 - Democracia.

Batom 05 - Pelada?

Batom 04 - Aula de faculdade...

Batom 02 - É a dança das cadeiras...

Batom 05 - Ahhhhhh, melhor assim pra entender.

Batom 01 - Tá ouvindo essa música? Ela me lembra o gosto (*gesticula*), o sabor preferido da cultura... (*todos os batons se entreolham e riem*)

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - (*olhando para a plateia e em coro*) O acesso.

Batom 03 - Ahaaaaaam (*piscando o olho para o público, ironicamente*).

O famoso drama do que é público sendo transformado em privada... ops, privado... (*levanta-se e rodeia a cena dos homens, vai até a Mulher da ata, lê o que ela escreve*) E daí, passa um tempinho, algum deles entra em cena, salva tudo, transforma em público de novo, ou terceiriza o que já não é mais público e tira uma foto lindaaaaaaa... ahhhhhhh (*encena empolgado e retorna abraçando os batons que estão observando a cena no palco*)

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - (*juntam-se como se fossem tirar uma foto felizes e juntos, entreolham-se e dizem alto em coro, em tom irônico*) “Marketing cultural.” (*voltam a se enfileirar no canto do palco*)

Batom 05 - Jogo de damas.

Batom 01 - Damas de copas.

Batom 02 - Damas de espadas.

Batom 03 - Damas de... paus...

Batom 04 - Damas de: ou-ro. (*fala pausadamente e acena, mostrando todos os batons no palco, como uma apresentadora de produtos, e encara a plateia. A cena se desenrola muda, os homens continuam trocando de lugar e*

tirando fotos, discursando, e os batons os circulam)

Batom 01 - *(vai até o centro do palco, anda de um lado para outro. Em silêncio, coloca a mão no ouvido e pergunta aos batons e à plateia) Vocês estão ouvindo essa música? (dá um sorriso cúmplice, como se todos já soubessem a resposta)*

Batom 04 - *Ha ha ha... ela me lembra o gosto, o sabor preferido da cultura...*

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(todos se entreolham e riem de forma cúmplice, e dizem em coro) O acesso! (enfileiram-se no canto do palco, olham o movimento dos homens e olham para a plateia. Movimentam-se até o outro canto do palco, olham a plateia, olham o movimento dos homens, olham a plateia e o movimento dos homens)*

Homem 03 encerra as cenas, com falas mudas e gestos, convidando a todos para se retirarem; faz um sinal de bebida, como que convidando os outros a beberem juntos. Os demais homens se juntam para sair da sala e passam próximo à Mulher da ata antes da saída.

Homem 03 espera todos saírem e fica a sós com a Mulher da ata, dialoga com falas mudas, gesticulando, convidando-a a estar com os outros homens, seus trejeitos manifestam uma intimidade que não existe.

Mulher da ata dialoga de forma constrangida com Homem 03 e recusa o convite, apontando para o computador, falando das tarefas ainda a fazer e dizendo que ainda tem horas a cumprir no trabalho.

Homem 03 assente com a cabeça como que compreensivo à negativa e a olha nos olhos. Antes de sair da cena, caminha para se despedir da Mulher da

ata, aproximando-se, e, sem o consentimento dela, toca seu corpo, nas costas e na cintura, dando tchau. Vira-se e sai da cena.

Mulher da ata fica imóvel, sua expressão é de nojo, desespero e humilhação. Passa a mão no rosto como quem enxuga as lágrimas, recolhe o computador imaginário e sai da cena.

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 acompanham a Mulher da ata com o olhar, saindo da cena. Olham para a plateia. Pausa. Saem caminhando da cena e as luzes se apagam.

QUADRO 06 - Corpo-território

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 entram em cena em jogo corporal, como se estivessem se misturando. Cada batom que fala se destaca do grupo, interpreta sua fala, enquanto os outros continuam se misturando em coletivo. Ao finalizar a fala, o batom retorna ao coletivo.

Batom 01 - *“E lá vêm vocês de novo com esse ‘mimimi’.”*

Batom 02 - *“Eu imagino o seu sofrimento, principalmente com um homem branco, hétero falando tudo isso pra você, eu imagino como isso deve ter sido dolorido pra você...” (com a mão no peito, encenando a fala de forma irônica, em sofrimento)*

Batom 03 - *“Vocês não têm que questionar, vocês têm que agradecer a presença do Estado aqui, esse é um território tão sofrido.” (com a mão no peito, encenando a fala de forma irônica, em sofrimento; permanece na pose até o fim da cena de Batom 04)*

Batom 04 sai do coletivo, observa Batom 03 e demonstra surpresa com sua fala. Em silêncio, circula Batom 03 e olha para a plateia. Olha para Batom 03 e olha para a plateia. Retorna ao coletivo de frente para Batom 03. Integra-se vagarosamente à mistura de batons, sempre em silêncio e observando Batom 03.

Batom 03 retorna ao coletivo ainda encenando a expressão sofrida.

Batom 05 - *“Ah, virou machão agora? Vai falar alto? Vai falar grosso?”*

Batom 03 - *“Não responde não... deixa eles falarem sozinhos... Quanto mais corda dá, mais rende... Se a gente não responder, não der mídia, ninguém lembra. Ou melhor, faz uma reunião, escuta o que elas têm a dizer. Depois diz que não é prioridade da gestão e pronto. O tempo se encarrega de desmobilizar o ‘movimento cultural’.”*

Batom 02 - *“Desculpa te perguntar... mas... (aproximando-se da plateia como quem fala no canto do ouvido, sussurrando de forma intimidadora) Qual é o valor do seu salário mesmo? Eu me esqueci...”*

Batom 04 sai do coletivo, encara a plateia de forma desconfiada. Olha para um lado, olha para o outro lado com as sobrancelhas arqueadas. Encara algumas pessoas da plateia de forma desconfiada, mas não diz nada e retorna ao bolo de batons, de frente para a plateia – sem dar suas costas, desconfiado.

Batom 05 - *(destaca-se do grupo, com postura soberba, caminha, como se indicasse alguém da plateia para falar) “Olha lá, ela quer falar... não vai falar nada, não? É a hora de você se colocar! Vai, fala.” (como que expondo alguém da plateia que não quer falar)*

Batom 01, 02, 03, 04 e 05 - *(um a um, juntam-se a Batom 05 e come-*

çam a solicitar ao público com mesmo tom e postura de Batom 05. Começam a falar, cada um uma vez, e as vozes vão se misturando, todos com os mesmos dizeres, até as falas se tornarem histéricas) Fala... Fala... Fala... Fala... (luzes se apagam abruptamente e as falas se encerram)

QUADRO 07 - Tramas

A luz central do palco se acende. Todos os batons entram em cena se misturando. Os batons ficam de pé, em conjunto com o grupo, revezando-se. Ao levantarem, olham a plateia, sorriem por estarem misturados, em dança e conexão. Abaixam-se e retornam à mistura, riem juntos e se tocam. Os batons se revezam e vão, um por um, olhando para o público e se sentindo parte da mistura de batons, agradecidos, e agradecendo também a presença da plateia. A massa de batons deixa o palco. As luzes se apagam.



as visitas

Maria Carolina Christo



APRESENTAÇÃO

Sou Maria Carolina, Maria, Carolina ou Carol, deixo que cada um escolha a forma de me chamar, mas sei exatamente o que cada uma dessas formas tem a ver com quem eu sou dentro de mim. A escrita é presente na minha vida desde que eu consigo me entender como pessoa; sempre foi o lugar em que eu podia criar os mundos que gostaria de conhecer, personagens que representassem de forma única cada parte do que sou, mas, após esta dramaturgia, passei a entender a escrita de outra forma. Não sou do tipo de pessoa que deseja grandes feitos na vida, mas, se eu pudesse pedir algo que se realizasse, pediria que alguém me amasse pelo que eu escrevo.

No começo, pensei em escrever um romance ou qualquer outra coisa feliz, mas acredito que a vida não seja esse estado puro de alegria, imagi-

ne viver em um eterno êxtase: a dor pararia de existir e seríamos vazios. A minha dramaturgia é a história vivenciada por milhares de mulheres que, em sua maioria, não são ouvidas e, quando o são, não conseguem contemplar a justiça sendo feita, então tudo acaba, porque o tempo passa, e a ferida se cura aos poucos. Violência constante, submetendo várias meninas que se tornam mulheres, que integram a sociedade interpretando papéis que nunca quiseram. Todos os personagens são pessoas comuns e poderiam ser qualquer um que você vê passar na rua, entrar no ônibus ou até mesmo os que convivem com você. Esta dramaturgia narra histórias de abusos sexuais e psicológicos, e, para os corajosos que a lerão, meu sincero obrigado. **Aviso de gatilho.**

AS VISITAS

Maria Carolina Christo

Personagens:

CRIANÇA / ADOLESCENTE / AFILHADA / IRMÃ / MENINA / SOBRINHA / ETERNA SOBRINHA - Todas essas personagens deverão ser interpretadas por uma única atriz. Não precisa ter características físicas específicas, mas sempre deverá ser uma mulher. Alguém que, nos momentos em família, não possui voz diante das violências e, nos momentos fora daquele núcleo, consegue mostrar que ainda é possível existir felicidade dentro de si.

TIO - Deverá ser sempre interpretado por um homem; não possui aparência específica, afinal, abusadores não são monstros, mas homens comuns.

IRMÃO - Deverá ser sempre interpretado por um homem; não possui aparência específica, apenas um jeito um pouco mais levado, tendo em vista que não é um adulto mais velho como o Tio.

TIA(S) - Sempre interpretadas por mulheres, devem ter a expressão sempre séria e fechada, mesmo quando dizem palavras disfarçadas de afeto, com modo autoritário de ser.

MÃE - Uma mulher comum; não há características específicas, ex-

ceto pelas vestimentas de cena, que são importantes para compor a personagem, e os objetos que a acompanham: cigarro e cerveja.

AVÓ - Uma mulher mais velha, sem característica específica; deverá ter o mesmo olhar severo das Tias.

MENINO - Garoto curioso e de sorriso largo, é amigo de Menina e, juntos, tinham o hábito de brincar na rua com outras crianças; era conhecido por sua gentileza.

AMIGA - Alguém comum, uma adolescente de atitude e que sempre estava à frente de todas as outras amigas nos assuntos que envolviam a vida de adultos.

RAPAZ - Alguém de aparência mais velha, mas que finge ser tão novo quanto os personagens com quem interage.

PRIMEIRA - Uma mulher de sorriso cativante, espírito livre, desprezada de rótulos da sociedade, quer apenas ser alguém curtindo a fase da adolescência.

NAMORADA - Mulher passageira na história, mas que sempre possui a voz calma junto com seu semblante, preocupa-se com as pessoas à sua volta, mas também é alguém comum.

CACHINHOS - Homem de cabelos cacheados volumosos e loiros, sempre acompanhado de um cigarro e um sorriso acolhedor, roupas simples e simpático.

JESUS - Homem de cabelos longos e escuros, como uma noite sem estrela e sem lua; parece estar sempre pensando em algo muito distante do que acontece à sua volta.

VIC - Mulher sem aparência específica.

TIO 2 - Homem de aparência comum, tem a forma de falar carinhosa e acolhedora e sempre deverá vestir terno.

PRÓLOGO

Todos sempre disseram que era bom aprender pela dor, mas você não gostaria de ter não aprendido, jovem menina? Gostaria de ter sido como suas amigas foram, preocupadas com os novos namoradinhos da escola nova, com o que os pais iriam fazer para o seu próximo aniversário, com qual animal de estimação ganhariam ou com a Barbie que sempre quiseram.

Mas a nossa menina, que tão nova teve de aprender pela dor com a vida, estava preocupada com o que comeria na próxima refeição, se a mãe chegaria no horário para fazer o jantar ou se ela teria de buscá-la no bar da esquina – apesar de dolorosas, essas eram as menores de suas preocupações.

A maior delas, aquela que fazia sua carne sangrar, o vômito querer sair pela garganta de maneira abrupta, era se ele a visitaria naquele dia. Conforme ela fora crescendo, as visitas ficavam cada vez mais constantes, tinha medo de sentir calor e, dormindo, retirar a coberta, pois sabia que ele usaria a desculpa de que ela precisava se cobrir. Se estivesse na cozinha tomando água, ele apareceria para preparar algo, mas não demoraria para que aquelas mãos adultas e ásperas tocassem seu corpo magro e em formação.

Ele era um predador, mas não para todos, apenas para ela. Com o disfarce de sentir carinho paterno, ele havia se aproximado, sabia que ela nunca tivera pai e essa foi a melhor brecha para que ele pudesse explorá-la. Conseguiu, afinal, ela confiava nele, era sempre o carinhoso e alegre membro da família, que sorria.

Antes dele, em específico, ela teve outros; estes outros foram disfarçados de brincadeiras, afinal, ela só tinha seis anos naquela época e confiava naquelas figuras para protegê-la. Pobre garota, confiando que o amor poderia habitar em corpos masculinos que lhe entregavam sorrisos.

QUADRO 01 - Aos seis anos

A primeira vez foi dolorida,
O corpo ardeu, ambos sangraram
Ela pensou que estava brincando de casinha,
Enquanto ele se satisfazia.

Vozes ao fundo gritando palavras como “puta, vagabunda, nojenta, imunda” e, mais alto que todas essas outras palavras, há o grito em coro da palavra “mulher”.

Silêncio.

Irmã traja uniforme escolar, os cabelos castanhos soltos de forma volumosa e rebelde, canelas sujas de terra, pés descalços, com comportamento infantil, entra em cena com uma bola de futebol, chutando e brincando para lá e para cá.

O Irmão entra em cena, também de uniforme, mas com comportamento mais maduro. Irmão olha para Irmã e, quando a vê brincando com a bola, começa a cantar: “Paratiba masculina, mulher macho, sim senhor!” (2x).

Irritada, Irmã chuta a bola contra o Irmão, que ri da atitude infantil e se aproxima com as mãos no bolso.

Irmão - Vamos brincar!

Irmã - *(olha desconfiada)* Brincar de quê?

Irmão - Podemos ir até o cafezal e brincar como antes.

Irmã - *(com a voz triste)* Eu não gostei daquela brincadeira, você sangrou.

Irmão - Não confia no seu irmão? Vem, eu te juro que dessa vez vai ser bem legal.

Irmão estende a mão com um sorriso nos lábios e sustenta o olhar para a Irmã, que hesita em pegar na sua mão, mas acaba retribuindo, e eles saem do palco.

QUADRO 02 - Natal

A felicidade existia,
Às vezes por baixo da cama fria
Em que a tratavam
Mesmo assim ela sorria
Era melhor aquilo
Do que ser invisível.

Criança gostava do Natal, era a época em que toda sua família se reunia e comemorava uma data junta, também era a data em que passava mais tempo com a Mãe, mesmo que a Mãe ficasse alterada pelo álcool na maior parte do tempo; isso era outra coisa que Criança não entendia, por que a Mãe bebia tanto até em datas felizes?

Natal era a época em que suas seis Tias – eram setes irmãs contando com sua Mãe – se reuniam numa cozinha e o ambiente ficava caótico, todas falando ao mesmo tempo, brigando e brincando umas com as outras, além da figura da Avó, que sempre se fazia presente dando palpite sobre o que as Tias cozinhavam. Avó sempre arrumava um jeito de criticar tudo o que as Tias faziam, aquilo divertia a Criança.

No centro do palco, há seis mulheres em volta de um fogão, panelas e preparos de comida, todas conversam ao mesmo tempo, é impossível distinguir o que cada uma fala. Criança está observando todas atentamente enquanto pergunta a cada uma se pode ajudar em algo, mas todas negam dizendo que ela é pequena demais para cozinhar.

Avó - *(irritada)* Deixa que ela descasque as coisas, já que quer tanto ajudar!

Criança exibe um sorriso largo e não consegue conter a empolgação, pulando no mesmo lugar, enquanto algumas Tias entregam verduras e legumes para que ela possa descascar. Sentada no palco com uma vasilha na mão, ela começa a manusear os legumes, com um largo sorriso no rosto, feliz por ajudar.

Avó - *(com voz autoritária)* Faça direito, Criança!

Avó se aproxima de Criança e observa o jeito como ela manuseia os legumes.

Avó - *(com voz branda)* Corte um pouco menos da carne da batata.

Tia - *(impaciente)* Mãe, deixe que ela aprenda!

Avó - *(com voz autoritária)* De nada adianta aprender se não souber fazer direito, parece você quando era criança, só me dá trabalho!

Criança segura uma risada. Avó se senta ao lado de Criança e passa a mão nos cabelos dela de modo carinhoso e disfarça o sorriso que surge em seus lábios.

QUADRO 03 - Um amigo

Eu não quero conhecer esse tipo de dor
Preferia morrer do que a conhecer
Dolorida fica minha pele e minha alma
Em todas as visitas que ele me fez disfarçadas de amor.

Sobrinha chega chateada em casa, seu dia não foi dos melhores, mas sabia que encontraria conforto em seu lar. A casa era fria, possuía poucos móveis.

Uma mesa de mármore, lugar para seis pessoas à mesa. As janelas sempre fechadas, não gostavam que os vizinhos os espionassem, ele não gostava.

Um homem sentado em uma das cadeiras a aguardava, a expressão séria se desfaz assim que a vê, um sorriso fraternal surge em seus lábios, mas se desfaz lentamente enquanto ele nota que o sorriso ali não o ajudaria com o seu objetivo. A sobrinha de semblante emburrado caminha em sua direção.

Ela veste uniforme, acabara de chegar da escola.

Tio - *(preocupado)* Você está bem?

Sobrinha - *(irritada)* Não!

O Tio carinhosamente pega na mão da Sobrinha e a leva para um outro cômodo, desta vez, há uma cama coberta por um lençol xadrez, uma cartolina com lista de afazeres pendurada na parede e um pôster com a imagem de um carro de corrida ao seu lado.

A atmosfera do quarto mostrava que ela não era uma criança convencional; enquanto suas amigas possuíam pôster de banda de que gostavam, ela gostava daquilo que era “masculino”, sempre foi do tipo que

preferia o futebol às bonecas, tinha que ter essa pose que maldosamente era apelidada pelos adultos de “mulher macho”, mas só a mantinha porque ser delicada indicava que homens poderiam se interessar por ela, e ela não queria o interesse deles.

Eles se sentam na cama, enquanto o Tio aproveita o momento para afagar os cabelos da Sobrinha com toques sutis envolvidos de carinho.

Tio - Tudo vai ficar bem.

Sussurra baixinho enquanto as mãos passeiam pelo corpo da Sobrinha.

Um barulho de porta é ouvido, o Tio se levanta abruptamente e se retira do cômodo às pressas, verificando se não há alguém.

QUADRO 04 - Brincadeira

Menina sabia o quanto era divertido brincar na rua, gostava de chegar em casa, largar sua mochila escolar e ficar na rua até que a mãe gritasse pelo seu nome, mandando-a voltar para casa, do contrário, ficava até tarde da noite brincando.

Menina era sempre a única garota no meio dos meninos, mas ali não havia preocupação nos toques dos corpos de sexo oposto, eram apenas crianças brincando depois de um dia de aula.

Várias crianças no centro do palco, luzes coloridas sobre os corpos, ambiente com música infantil, crianças no palco brincando de futebol. Menina está posicionada na frente de todas, com um casaco amarelo de capuz.

Menina constantemente coloca a mão no bolso do casaco e depois a leva à boca. Um dos meninos, de modo curioso, aproxima-se, observando o gesto repetitivo de Menina.

Menino - (*curioso*) O que você tanto faz com a mão no bolso e na boca?

Menina - (*feliz*) É suco, quer provar? Eu fico lambendo o pozinho, você deveria aceitar, porque é muito gostoso.

Menino - (*incrédulo*) Sério?

Menina - Sim! Quer provar?

O menino enfia a mão no bolso do casaco da Menina e depois a retira, lambendo o dedo sujo de pó laranja. Ele arregala os olhos e abre um sorriso largo.

Menino - (*impressionado*) É realmente muito gostoso!

Menina - (*sorrindo*) Eu te disse, amanhã vou trazer um especialmente para você.

Menino e Menina sentam-se um ao lado do outro, não dando importância para as brincadeiras que acontecem em volta com as outras crianças, estão concentrados em enfiar os dedos e retirá-los sujos de pó laranja de dentro do casaco, sorrindo um para o outro cada vez que sentem o gosto açucarado na boca.

QUADRO 05 - A primeira vez dela com ele

Ler é navegar por universos

Ela gostava de se imaginar em outro lugar,

Longe das dores que queimavam
Daquelas mãos masculinas escapar.

Um quarto com uma cama, um único foco de luz em cima de Sobrinha, que está deitada lendo o livro “Julieta Imortal”.

Durante sua leitura, Sobrinha acaba cedendo ao mundo dos sonhos e adormece. Ela nunca foi do tipo que conseguia deixar de ser agitada, nem quando dormia daquela forma. Acaba por virar de bruços, era sua posição favorita de dormir, mas a partir daquele dia deixou de ser.

O Tio abre a porta com cuidado, observa atentamente em volta, certifica-se de que não há mais ninguém olhando, cuidadosamente se deita ao lado da Sobrinha, as mãos másculas tocam o cabelo dela e a afagam com cuidado, mas aquilo para ele não é o suficiente e nunca será, não enquanto o corpo ao seu lado não tomar a forma de uma mulher adulta (e ainda faltava tanto para aquilo...).

Em um movimento lento e dotado de desejo, o Tio sobe em cima da Sobrinha e pressiona o seu corpo contra o dela, que estava de bruços. Sobrinha abre os olhos, assustada com o corpo que está sobre o seu (encara a plateia de modo aflito).

O medo, a paralisa, Sobrinha se mantém imóvel e volta a fechar os olhos, desejando que tudo aquilo passe. Os seus punhos se fecham, Sobrinha só deseja que aquilo acabe, fingindo que está dormindo até que ele se satisfaça. É torturante sentir um corpo pesado em cima do seu; Sobrinha desejava tanto ser corajosa, como sempre achou que seria se algo do tipo lhe acontecesse, mas quem pode julgá-la? É apenas uma criança e o homem que tanto se prezou ao papel de pai estava... Sobrinha não sabia dizer o que o Tio estava fazendo, a cabeça

não conseguia processar um raciocínio sequer, mas sentia o membro dele rígido contra o seu corpo, desejava morrer.

O corpo do Tio se contrai, sua respiração fica pesada e ele joga a cabeça para trás, finalmente estava satisfeito. Levanta-se ajeitando a bermuda, observa em volta, não há ninguém para olhar o que havia feito. Tio deixa o cômodo.

Sobrinha, sabendo que agora está sozinha, senta-se na cama, encolhida na cabeceira, seu corpo treme e as lágrimas correm pelo seu rosto sem pudor, essa havia sido sua primeira morte.

QUADRO 06 - O primeiro beijo

Todas já haviam beijando, exceto a Menina, que agora era Adolescente. Iria completar quatorze anos e as amigas diziam que ela era atrasada, que deveria deixar a timidez de lado e dar o primeiro beijo, que seria agradável, ela gostaria de fazê-lo.

A mudança de Criança para Adolescente começou lenta, não tinha jeito com meninos, na verdade, tinha receio de que todos fossem iguais ao Tio, portanto preferia ficar longe deles no sentido amoroso, mas, se a chamassem para brincar de futebol, não pensava duas vezes antes de se juntar a eles.

Foi a vontade de jogar que a fez entrar para o time da escola, não era a melhor jogadora, mas ali sua família não dizia que parecia uma “mulher-macho”, já que as parceiras de time variavam entre “mulheres-machos” e meninas que sua família julgava que tinham o comportamento ideal para uma Adolescente.

Adolescente está nervosa, não sabe ao certo o que fazer, havia pedido dicas à Amiga, que é experiente no assunto, mas não se sente confiante para o primeiro; mesmo assim, está ali.

A Amiga está ao seu lado, estão sentadas em um banco de praça esperando que os meninos cheguem. Adolescente, a todo momento, balança a perna, sente-se ansiosa.

Amiga - Calma, vai dar tudo certo.

Adolescente - (*ansiosa*) Não sei como fazer isso! Eu apenas o deixo conduzir? Se eu abrir a boca demais? Se eu for do tipo que baba?

Amiga - Agora não dá mais tempo, eles estão vindo.

Um foco de luz se acende, iluminando dois rapazes que entram em cena. Eles sorriem ao avistarem a garota. Um dos rapazes pega na mão da Adolescente, será ele o protagonista do primeiro beijo dela.

Adolescente sorri, tentando disfarçar o nervosismo, eles seguem de mãos dadas até o outro lado do palco, a luz sobre os outros dois personagens é apagada e somente um foco é aceso sobre Adolescente e o Rapaz.

Rapaz - Está nervosa?

Adolescente - Talvez, você sabe, eu nunca fiz isso.

Rapaz - Não se preocupe, apenas deixe que eu a comande, tá bem?

O Rapaz se inclina e beija Adolescente, que, no começo, estranha o contato das bocas. Ele coloca as mãos na cintura dela e pede passagem para um beijo além de um selo entre as bocas, ela permite.

Adolescente tinha finalmente dado o seu primeiro beijo.

QUADRO 07 - Lobo em pele de cordeiro

A dor era presente
No corpo jovem e inexperiente
Que ele tocava sem pudor
Enquanto ela sonhava com o amor.

Uma festa em família. Uma mesa posta ao lado de uma churrasqueira, várias pessoas conversando em volta da tábua onde o churrasco não para de ser servido. Há um grupo de crianças mais afastado, brincando alegremente, dando risadas puras e discutindo sobre quem está ganhando ou não o jogo de tabuleiro.

Sobrinha está brincando com os outros, todos sentados em uma roda, implicando um com o outro – o Banco Imobiliário sempre causava discórdia.

O Tio se aproxima com um prato nas mãos, nele há uma porção de linguiça. Tio vai até a Sobrinha e agacha ao seu lado, um sorriso gentil surge em seus lábios, ele sempre era tão gentil quando estava em público. Apesar do medo, Sobrinha tem de fingir naturalidade, odeia a presença do Tio, queria correr toda vez que aquele corpo se aproximava com o olhar dotado de segundas intenções, aquele olhar ela já passara a reconhecer.

Tio - Aqui, eu sei que você gosta, preparei especialmente para você.

Tio entrega para ela o prato.

A Sobrinha não queria aceitar, mas todos estavam olhando, já era constantemente julgada pelos seus hábitos masculinos, deveria ser mais gentil, fazer o que os adultos mandavam, então ela aceita oferecendo um sorriso amigável.

Uma Tia que observa a cena um pouco de longe se aproxima.

Tia 1 - Ele cuida tão bem de você, não é?

Tia 2 - É verdade (*outra Tia que se aproxima, concorda*), lembra quando você era mais nova? Seu Tio te carregava nas costas dentro da piscina, vocês não se desgrudavam um minuto sequer!

Sobrinha encara as outras duas com certa dúvida, abre a boca para dizer algo, mas em seguida fecha novamente, não tem coragem, não acreditariam no que ela teria a dizer, então ela apenas coloca um sorriso em seu rosto e, em seguida, começa a comer.

O Tio sorri, está satisfeito por ela ter aceitado sua gentileza e que as pessoas ao redor tenham notado aquele gesto de carinho, afinal, o teatro deveria seguir perfeito, ele deveria ser perfeito.

QUADRO 08 - Uma descoberta

Adolescente já estava com quinze anos, algumas coisas haviam mudado, mas ainda recebia as visitas inesperadas do Tio; não havia mais período para que elas ocorressem, dia ou noite, ele sempre aparecia

quando não havia ninguém por perto.

Isso não era o que mais preocupava a Adolescente, pois dolorosamente ela havia se acostumado ao contato do Tio com a pele dela; não era algo ao qual ela deveria se acostumar, tinha certeza, mas não tinha o que fazer. Fazia anos desde que ele começara e ela não sabia quando iria acabar, não processava direito como alguém podia mudar tão rapidamente de personalidade. O Tio costumava ser tão generoso na frente das pessoas, mas não passava de uma falsidade para conseguir a confiança de todos, assim ninguém desconfiaria dele.

Algo mudava dentro dela desde que vira o filme “Garota Infernal” com as amigas em uma noite de pijamas. A cena em que Megan Fox e Amanda Seyfried se beijam não saía de sua mente; havia olhado apavorada para as amigas, com medo de que notassem a umidade em sua calcinha, mas elas apenas encaravam a tela entediadas. Desde então, perguntava-se o que era aquilo, havia muitas dúvidas e ninguém para conversar.

No palco, há vários adolescentes, música tocando ao fundo, alguns pequenos grupos se formam em rodas de conversa, outros preferem a companhia de livros. A Adolescente está prestando atenção em um aparelho celular. Ao fundo, um telão exibe a troca de mensagens entre Adolescente e Primeira.

Adolescente - Estou aqui. Já chegou?

Primeira - Sim, com qual roupa está?

Adolescente - Calça jeans, camiseta preta de banda de rock e tênis. Você?

Primeira - Já estou te vendo.

Primeira atravessa o palco pedindo licença para as pessoas para que a deixem passar, ela encontra Adolescente e abre um sorriso.

Primeira - Adolescente? Sou eu, Primeira!

Adolescente - (*surpresa*) Oi, prazer em conhecê-la, e você é a garota que eu via na escola.

Primeira - (*confusa*) Sou? Confesso que acho que já te vi por lá, mas você me vê? Como assim?

Adolescente começa a brincar com os dedos, um típico sinal de sua vergonha.

Adolescente - (*tímida*) E-eu só acho você bo-bonita, então já reparei em você.

Primeira - (*sorrindo amigavelmente*) Obrigada, que tal bebermos um pouco e dançarmos?

A música do palco fica mais alta, Primeira pega na mão de Adolescente e a conduz até o canto do palco, onde há uma mesa com garrafas de bebidas variadas. Elas servem um copo para cada uma e retornam ao centro do palco, onde luzes das mais variadas cores iluminam as pessoas às quais elas se misturam. Começam a beber, rindo uma para a outra e dançando. Adolescente dança timidamente, mas, conforme o copo vai se esvaziando, mais soltos seus movimentos ficam.

Primeira se aproxima de Adolescente com um sorriso largo no rosto, Adolescente decide que é o momento e beija Primeira, que corresponde.

Adolescente tem a certeza de que finalmente encontrou o seu lugar no mundo, não teve medo dos julgamentos das amigas, apenas quis beijar Primeira, colocar para fora um desejo reprimido dentro de si. Sua cabeça transborda de pensamentos felizes, ela finalmente havia beijado e gostado do que tinha feito, sentia-se completa.

QUADRO 09 - Entregue ao lobo

Entreguem ao lobo
Esta jovem criança
Para que aprenda desde cedo
Que na vida não há lugar para esperança.

Uma mesa de jantar ocupada por seis pessoas, há fartura de comida na mesa, os mesmos personagens do churrasco ocupam-na. Uma Tia mira a Sobrinha e diz:

Tia 1 - Você já decidiu quem será o seu padrinho?

Tia 2 - *(com voz autoritária)* Você não tem muita referência masculina e ele cuida tão bem de você! *(a outra complementa, pegando na mão de Sobrinha)*

Sobrinha - *(voz baixa e trêmula)* Por mim, tudo bem.

Sobrinha queria negar. Como? Depois de senti-lo tantas vezes invadir seu quarto, colocar aquele corpo pesado sobre o seu, sentir sua respiração contra sua nuca. Ela sentia nojo, repulsa, queria correr, esconder-se longe de casa, mas o que diriam? Que ela era louca, descontrolada, não havia o que fazer.

Tio - *(fingindo surpresa)* Sério? Me sinto honrado de ter sido escolhido, serei como um pai para você, eu prometo.

O Tio pega na mão da Sobrinha e, mesmo na frente de todos, ninguém parece se incomodar com o gesto, ele a acaricia com os dedos suavemente.

QUADRO 10 - A culpa do corpo

O rosto dele sempre aparecia
No de mulheres ou homens
Não importava com quem eu dormia
Era como dormir ao lado de quem me feria.

No palco, está um cenário de um quarto com uma cama de casal, um único foco de luz sobre a cama ocupada por duas mulheres. As mulheres estão deitadas na cama, cobertas por uma fina camada de lençol branco que protege seus corpos nus. Estão suadas e ofegantes. Uma delas parece incomodada com a situação, algo não está certo, seus olhos estão tomados por lágrimas.

De forma abrupta, Ela se senta na cama, virando-se de costas para a outra.

Eterna sobrinha - Vou tomar um banho.

Namorada - (*preocupada*) Ela, está tudo bem?

Eterna sobrinha - Claro, foi ótimo!

Disfarçadamente, Eterna Sobrinha limpa as lágrimas que escorrem pelo seu rosto. O foco de luz que estava sobre a cama se apaga, outro se acende mirando Eterna sobrinha, que transita pelo palco indo até um outro cenário, desta vez, um banheiro.

Eterna Sobrinha retira as roupas lentamente, liga o chuveiro e entra de baixo d'água chorando, pega uma bucha e ao menos tem o cuidado de molhá-la primeiro. Começa a passar a bucha pelo corpo, primeiro de forma leve,

mas os movimentos se tornam mais intensos, velozes e dolorosos enquanto ela chora de modo contido. Seu rosto expressa raiva, murmúrios saem de sua boca enquanto sua pele arde por causa da forma como ela se lava: “puta, nojenta e estúpida. A culpa é sua!”.

QUADRO 11 - A mãe que condena

A culpa consome
Não foi de propósito
Ela só queria fugir para longe,
Mas, em seu lugar, condenou sua prole.

Uma mulher mais velha veste um longo vestido e chapéu, serve-se de um pouco de cerveja em um copo, acende um cigarro. Um único foco de luz está sobre a personagem. Ela cruza as pernas e encara a plateia.

Mãe - Uma mulher independente e que não abaixa a cabeça é vista como louca; quem nunca escutou isso? Ninguém nunca me perguntou o que realmente aconteceu. Certa vez, eu tentei falar, quando tiraram meus filhos dos meus braços, mas fui tratada como uma puta viciada, até droga disseram que eu usava. Já experimentei, de fato, mas nunca me apeguei. Gosto mesmo da minha cerveja e do meu cigarro (*traga o cigarro devagar*), talvez eu realmente seja uma puta e um pouco viciada na minha cerveja, mas exigir que eu fosse diferente não parece cruel?

Mais uma tragada, acerta a postura, os ombros relaxam mais um pouco.

Mãe - Ninguém me perguntou por que eu não passava tanto tempo em casa na adolescência. Por que evitava o meu pai e o olhar julgador das minhas irmãs? Saí de casa, tive minha independência, mas não durou muito, apenas nove anos fodidos ao lado do amor da minha vida, que me batia. Quando o sujeito faleceu, voltei para a casa de meus pais, tive que evitar meu cunhado e, mais uma vez, fui acompanhada do olhar julgador das minhas irmãs. O que eu fiz? Fugi, abandonei meus filhos e, sem saber, acabei por condenar a minha filha ao mesmo destino que o meu.

QUADRO 12 - Teatro

Do alto dos dezesseis anos, Adolescente já possuía uma boa ideia de quem era, de como gostava de ser tratada e de tratar as pessoas. Isso não se aplicava a quando estava em casa, lá não havia domínio sobre o seu corpo ou suas vontades, mas fora dali ela conseguia ser uma jovem comum que possuía a si mesma, e não havia prazer maior do que ser dona de suas próprias ações, não se submeter a vontades alheias, principalmente vontade daqueles que tanto lhe faziam mal.

Encontrou no teatro, curso impulsionado pelo Avô, que tanto dizia que ela deveria ser comediante, raios de felicidade em meio aos seus dias cinzentos; lá ela havia conhecido algumas pessoas interessantes, também se aberto para que, no palco, pudesse expressar sua dor e também compartilhar momentos felizes.

Palco pouco iluminado, luzes baixas sobre um grupo de quatro jovens, duas meninas e dois meninos, entre eles está Adolescente com um largo sorriso nos lábios, ela havia dado um nome para cada um dos seus fiéis amigos, e cada

nome tinha a ver com a aparência.

Cachinhos cheirava a cigarro e perfumes caros, mais tarde ela descobriu que ele vinha de uma família rica, mas negava as origens, queria viver de arte. Vic tinha o mesmo cheiro de Cachinhos, ela era namorada dele havia muitos anos e era uma mulher de opinião forte e beleza indomável. Jesus, como chamava carinhosamente sua pessoa favorita do grupo, sempre tinha comentários filosóficos sobre a vida, parecia o próprio Jesus Cristo dizendo às pessoas como agir.

Cachinhos - (*empolgado*) Hoje você mandou muito bem, Adolescente.

Jesus - Sua cena foi muito boa, até pareciam sentimentos seus, o sofrimento se fazia presente em toda sua alma, por um momento achei que pudesse vê-la.

Adolescente - Talvez fosse, na verdade, hoje eu descobri que fui traída pela minha namorada.

Vic - Meu Deus! Como você está?

Adolescente - Bem, eu tenho vocês e isso me basta. Somos um grupo de desajustados que se encontraram e agora compartilham momentos como esse, vinhos baratos e cigarros, o que mais eu poderia querer?

A verdade é que Adolescente queria várias coisas, mas só de estar longe de seus demônios já a deixava feliz o suficiente; gostava de tomar vinho barato ao final de terças e quintas-feiras, era o ponto alto de sua adolescência; olhava para aquelas pessoas como se fossem de sua família, na verdade, eles eram melhores do que o que tinha em casa, e aquilo bastava.

QUADRO 13 - Um pedido de socorro

Eu gritava
Ninguém ouvia
Os adultos ignoravam com maestria
O grito de quem de socorro precisaria.

No palco, há um cenário de rodoviária, vários bancos, algumas pessoas sentadas, outras apenas transitando, um único foco de luz está sobre a personagem que está acompanhada de um homem de terno.

Tio 2 - O que você tanto queria falar comigo?

Sobrinha - (*receosa*) Não sei como dizer.

Tio 2 - Não há nada que você não possa me dizer (*sorri gentilmente*), sua tia pediu que eu fosse seu amigo e estou sendo.

Sobrinha - Certo, sabe o Tio? Então, ele tem feito coisas comigo há bastante tempo.

Tio 2 - (*semblante preocupado*) Que tipo de coisas?

Sobrinha - Ele me toca, começou um dia, enquanto eu estava dormindo, mas está ficando cada vez pior. Tem sido comigo acordada e em qualquer lugar onde eu esteja sozinha.

Tio 2 - Você já pediu para ele parar?

Sobrinha - Claro, ele sabe que não gosto, já tentei fugir algumas vezes, mas ele é mais forte, ele sempre me vence.

Sobrinha começa a chorar de modo contido, está em público, pessoas vêm e vão, ela não quer que a vejam chorar, nunca gostou de chorar em público.

Tio 2 - Não posso fazer nada. Eu não sou da família, sou só um agregado, irei conversar com a sua tia e pedir que ela faça algo, tudo bem? Prometo que irei tentar.

Sobrinha suspira.

A decepção toma Sobrinha, ela está tão cansada de tudo aquilo. Não há o que fazer, é apenas uma adolescente que precisa de ajuda.

QUADRO 14 - Falar sem escuta

De todas as coisas doloridas
Finalmente compartilhava sua dor
Pena que de tuas falas
Ninguém entendia o quanto doía.

Sobrinha está em um quarto, sentada no chão. Em sua frente, sentada e com o semblante sério, está uma mulher a encarando, o olhar autoritário é direcionado a Sobrinha.

Tia - Sua tia me contou o que você disse sobre o Tio, é verdade?

Ela se mantém em silêncio, apenas assinala positivamente com a cabeça.

Tia - O que ele faz com você?

Sobrinha permanece em silêncio, suas mãos estão trêmulas, brinca com os

dedos, em um misto de vergonha e nervosismo.

Tia - *(um pouco impaciente)* Ele toca em você?

Sobrinha - Sim. *(ela fala tão baixo que é quase inaudível)*

Tia - Toca onde?

Sobrinha continua em silêncio, não queria responder, não se sentia confortável com os olhos da Tia, que a condenavam. A conversa era fria, queria se sentir acolhida e entendida, e não estar diante de uma figura de autoridade a questionando tão diretamente sobre a sua dor.

Tia - Toca nos seus peitos? *(pergunta com certa impaciência, enquanto cruza os braços, e Sobrinha assente novamente com a cabeça)* Onde mais?

Sobrinha - Ele...

Tia - *(grita impaciente)* FALA!

Sobrinha - Ele deita em cima de mim e se esfrega. Outra vez...

Tia - Basta! *(ela ergue a mão calando a Sobrinha)* Vou conversar com a esposa do Tio e pedir para que ele pare.

Sobrinha - Você não vai...

Tia - O quê? Isso é assunto de família, resolveremos entre a gente, agora pode ir. *(a Tia faz um gesto com a mão para que a Sobrinha saia do quarto)*

QUADRO 15 - Não há fim

Eterna Sobrinha entra no palco, posiciona-se no centro, está vestindo roupas elegantes, um batom vermelho forte preenche sua boca, maquiagens pretas nos olhos, ela senta-se em um banco, ao seu lado há uma garrafa de cerveja,

um copo meio vazio, um cinzeiro e um cigarro aceso que parece nunca ter sido tragado. Ela encara a plateia por alguns segundos em silêncio, observando todos os rostos ali presentes.

Eterna Sobrinha - Essa história não é de superação. Poderia inventar um final feliz em que a Criança/Adolescente/Sobrinha supera todas as suas dores, se esquece de seus abusadores e consegue viver seguindo em frente, mas isso não é sobre final feliz. Essa história, ousou lhes dizer, é sobre a rotina, o dia a dia de tantas outras que aqui foi pontuado desta forma. Quantas outras não estão a viver uma vida como a minha? Quantas vezes não encarei o carinho de um pai a um filho com maldade? Me peguei pensando que homens não amam mulheres, mas as objetificam para o seu próprio prazer. Doente, eu? Talvez, mas adoeci com a sociedade na qual cresci; nasci pura, sem pecados, mas de mim fizeram pecadora. Não há finais felizes na vida real, será sempre um dia após o outro, a incerteza da dor que virá em seguida, do falso amor a te destruir, nada nunca é certo, tudo é confuso como essas palavras que digo. Então assim, sem um final feliz ou uma morte, acaba essa história, pois, assim como a minha alma vaga por esse mundo machucada, tantas outras vagam comigo, histórias que nunca serão contadas, pessoas que nunca colocarão para fora o que passaram. Eu decidi colocar e fui julgada, aqui estou, mais uma vez, na esperança, aquela que nunca morre, de que alguém possa os meus gritos escutar. Certo e errado? *(ela ri e, em seguida, toma um gole da cerveja)* Quem um dia foi capaz de definir esses conceitos? As primaveras costumam curar tristezas, mas tudo mudo, sou tão inconstante quanto o mundo, uma forasteira de sentimentos que espalha palavras pelo mundo, contente por cada um que para e as ouve. Mas o rio que em minhas veias corre não parará tão cedo, o revólver que aponto para mim mesma não

é mais segurado por aqueles que me condenaram a segurá-lo, pois agora eles se foram. Os fantasmas comigo ficam, comigo convivem, demônios em minha mente corroendo cada traço de humanidade que ainda possuo. Como consigo sobreviver em meio ao caos? Não me chame de guerreira, já lhe disse, isso não é uma história de superação, sou apenas alguém contando um dia a dia. Amanhã o sol nascerá novamente, para mim e para eles. Irei acordar e talvez trombar meu olhar com o seu na rua, você não me reconhecerá, mas já terá ouvido a minha história; não saberei quem é, mas, se reparar bem em meus olhos, verá a dor que comigo carrego e, quem sabe, poderá reconhecer a dona desta triste história.



SEM...CONEXÃO

Dee Reis



APRESENTAÇÃO

Sou Dee. Di. Dida. DeeDee. Escrevo desde sempre, e essa é a minha primeira aventura na dramaturgia. Tenho 52 anos, dois filhos já adultos, três cânceres tratados e continuo à procura do que faz as pernas tremerem, o coração acelerar, a pele arrepiar... Daquilo que faz a alma querer mais. Já morei em meio mundo e foi em terras capixabas que decidi criar raízes. Mineira de nascimento e sofrendo de absoluta falta de mar. Tento construir razões para não ceder ao meu espírito de cigana. Artesã e estudante de ciências humanas. Sou o clichê em pessoa. Meu lema atual de vida é: se não for para fazer verso, que não seja para fazer lágrima. Meu texto é totalmente ficção, com exceção das partes reais.

Ana, a personagem principal, procura, quase solenemente, por um relacionamento para sempre. Sim, senhoritas, ela acredita no “para sem-

pre” desde que se tenha vontade de o construir. Podem ter certeza de que não é nenhuma tolice romântica. Ela procura um relacionamento no qual se dê valor às coisas que realmente importam; no qual a entrega seja verdadeira e o peito aberto tenha mais valor que as várias ‘poupanças’. Um relacionamento cheio de paixão – afinal, ninguém é de ferro –, todavia que a pessoa amada também compreenda que a paixão se transforma. Ana quer um relacionamento em que o “para sempre” seja construído a cada dia, em cima de verdade, doação, aceitação e trabalho. Quer um relacionamento no qual exista amor, paixão, desejo, tesão (nessa ordem, se possível). Quer um relacionamento no qual possa fechar os olhos, sonhar e abrir a cabeça e pensar em voz alta. Ela sonha assim.

SEM CONEXÃO

Dee Reis

Personagens:

ANA - Mulher cis, lésbica, 40 anos, gorda (gordinha não), manequim 54. Mãe de dois filhos: um menino e uma menina. Está sempre com roupa de menos, calcinha e camiseta ou short e sutiã. Trabalha e cria os filhos sozinha. Romântica, teimosa, independente, inteligente.

BIANCA - Filha de Ana (entre 14 e 20 anos). Esperta e perspicaz. Fala o que realmente pensa.

MISTÉRIO/MARA - Mulher cis, 45 anos. Usa um chapéu de malandro, branco. Tem um filho de criação. Dissimulada, inteligente, esconde a verdade. Mentalmente sempre.

MOCINHA - Usa o cabelo num coque no alto da cabeça ou qualquer penteado para caracterizar que é bem jovem.

PALAVRAS/LUCIANA - Mulher cis de quase 40 anos. Usa uma echarpe de arco-íris. Casada e com uma filha que é autista. É poeta. Tem um sol no peito. É verdadeira e seguidora dos sentimentos. Busca emoções. Precisa estar apaixonada.

MULHERDO FIM - Uma mulher real, da mesma faixa etária de Ana.

CENA I

O cenário é um quarto. Uma cama de casal domina o ambiente. Na penteadeira, fotos em porta-retratos de duas crianças em fases diferentes da vida. Nas fotos onde aparecem com mais idade, elas têm 13 e 10 anos. Relógio grande na parede marcando 21h30. Do lado do relógio há um telão que vai espelhar as conversas e os textos digitados no computador. Tanto de Ana como de suas interlocutoras. Ao fundo ouve-se o cochichar das crianças.

Ana - Gente, já passou da hora. Chega de conversa e cada um de bico fechado.

Ana se senta em frente ao computador e começa a falar enquanto digita.

Ana - Essa era sempre a melhor hora do dia. Depois de tudo, poder ser eu; não mais a funcionária de alguém, a mãe de ninguém. Eu. Só eu e meus fantasmas, meus sonhos e minhas inquietudes. Foi. Era. Toda noite agora é a mesma. É um inferno. Revivo a cena, as falas, as pausas. E dói tudo de novo. *(Ana se levanta e, enquanto fala, vai para a frente do espelho e começa a fazer seu skin care)* Fico me perguntando se sonhar é coisa do capeta. Basta querer... Basta querer o caralho! Querer eu quis, sonhar eu sonhei, desejar eu desejei... Mas acho que fiz tudo sozinha... Só pode. *(sai da frente do espelho e começa a ajeitar a cama para se deitar tirando almofadas e a colcha)* Como pude não enxergar? Como não vi que eu amava sozinha? Como não entendi que as mentiras eram as únicas e constantes verdadeiras facetas deste relacionamento. *(Ana se deita na cama, mas se arrepende. Vai até a escrivaninha e liga o computador)* Tô chorando? Tô! Tô sofrendo? Tô! Mas vou passar por esse vale procurando outra.

Ana entra no chat Uol: lésbicas acima de 40 anos, usando o nick “MULHER”, e observa as conversas rolando. Tudo aparecendo só digitado no telão.

Mulher/Ana - Oi... quer tc? Tudo bem? De onde? Como você é?

As luzes vão diminuindo e só o telão fica aceso, onde a conversa rola por alguns segundos.

CENA II

No quarto existem sinais de carnaval. Uma fantasia jogada na cama, máscaras, tiaras... No cenário agora aparece uma pequena divisão. Do outro lado da parede, onde está o computador de Ana, há outra escrivaninha com um computador. Nada mais é visível. Somente a pessoa sentada em frente ao computador. Todas as personagens que se relacionam com Ana devem ser interpretadas pela mesma atriz, que usará adereços simples mas gritantes para as diferenciar. Ana entra no quarto cantarolando e dançando. No relógio são 2h da tarde.

Ana - “Esse ano não vai ser igual àquele que passou, eu não brinquei... você também não brincou.” Enfim, só! Amo os remelentos, mas é um alívio ficar uns dias sem eles! Já, já reclamo do silêncio, mas neste exato momento... ô, trem bão!

Ana, ainda meio dançante, vai até ao computador. O telão também acende e, em dois cliques, o nick “MULHER” já está na sala. O chat rola e o que ela fala/digita aparece.

Mulher/Ana - Oi, gente, cheguei! Alguém querendo conversar? Al-
guma mulher com mais de quarenta anos, que não esteja só buscando
sexo virtual, a fim de bater papo? *(sem nenhuma resposta direta para Ana,
ela continua)* Gente, procuro alguém pra conversar, passar o tempo, falar
da vida, sem kit Uol.

*Uma resposta aparece, a luz acende e, do outro lado da escrivanhinha, uma
mocinha mascando chiclete.*

Mocinha - Oi, quero conversar. Tudo bem?

Mulher/Ana - Olá. Tudo e você? Quantos anos?

Mocinha - Tenho 23, e você?

Mulher/Ana - Ah! Muito novinha!

*Imediatamente a luz do outro lado da parede se apaga e Ana continua
conversando para todos no chat.*

Mulher/Ana - Nossa, gente! Aqui é uma sala de lésbicas com mais
de 40 anos. Só quero conversar, nem tô pedindo muito.

*A luz do outro lado acende e uma mulher com o nick “MISTÉRIO” e
usando um chapéu tipo “malandro” responde.*

Mistério - Oi, tenho 45 anos. E quero conversar... Podemos?

Ana - Oi, Mistério! Homem ou mulher? Sacanagem usar termo assim.

Mistério - Sou mulher. Tudo bem?

Ana - Tudo, e você? Tenho 41 anos e estou solteira, tenho dois filhos

e não sou “curiosa”.

Mistério - Solteira também e tenho filho; afilhado, na verdade. Eu sou lésbica.

Ana - Detesto o “lésbica”, parece nome de remédio ou de doença. Digo sempre que sou sapatão.

Mistério - Eu ainda acho o sapatão ofensivo, um xingamento. Mas me conta de você...

Ana - Sou mulher, moro em Vitória, tenho filhos, trabalho, quero voltar a estudar.

Mistério - Vixe! Vitória, Espírito Santo? Longe demais mesmo.

Ana - Uai.

Mistério - Uai, capixaba?

Ana - Sou mineira e vivo em Vitória. E você?

Mistério - Sou pernambucana, mas vivo em Fortaleza.

Ana - Geograficamente longe, mas só desejamos conversar. Você vê algum problema?

Mistério - Vejo nada... Você disse que está solteira... Desde quando?

Ana - Estou solteira há uns dois anos... E desde que terminei só tenho tido coisinhas, relacionamentos superficiais... Nada sério!

Mistério - E por quê?

Ana - O nada sério?

Mistério - Sim.

Ana - Porque estava ajeitando o coração. Saí do relacionamento, mas o relacionamento não saiu de mim... E durante esse processo de limpeza, que é duro e dolorido, não me sentia pronta para começar nada novo, mas brincar é bom, então eu brinco.

Mistério - E está brincando agora?

Ana - Com você? Não! Com você estou conversando. Uma conversa

franca e honesta com uma mulher a muitos e muitos e muitos quilômetros de distância.

Mistério - E como é brincar para você?

Ana - É relacionamento casual... Leve... Gostoso... Só pras horas boas... Sem compromisso e sem desejo do “para sempre”.

Mistério - Você não deseja o “pra sempre”?

Ana - Desejo, sonho, espero. Mas eu sei que tinha que estar pronta para dar... para proporcionar. E eu não estava.

Mistério - E agora tá?

Ana - Agora eu não penso mais na falecida. Não choro mais. Não tenho mais saudade. Não comparo. Não é dela mais o meu desejo. Não sinto mais raiva. Não desejo reviver momentos e ter conversas para resolver a situação. Então, acho que estou, ou pelo menos no caminho certo para estar. E me conta da sua vida...

Mistério - Era casada até pouco tempo atrás. Levei um chifre, terminei e de agora pra frente não sei muita coisa.

Ana - Então está solteira?

Mistério - Sim. Mas não gosto de estar. Nasci para estar casada.

Ana - Por que acha isso?

Mistério - Gosto de dividir, de fazer as coisas juntas. Gosto de ter com quem contar e gosto de cuidar também.

As luzes vão se apagando até ficar tudo escuro e, quando reacendem, a tela que aparece ao fundo é a do MSN. As duas ainda nas cadeiras conversando, trocando mensagens.

Ana - Nossa! Nem percebi. São três da manhã!

Mistério - E conversamos um tanto. Nem parece coisa de um dia só.

Ana - Gostei muito de conversar com você... É fácil... Flui...

Mistério - Verdade... Parece que te conheço desde sempre...

Ana - Nossa... que pena sair do MSN.

Mistério - Vamos dormir, mulher... Amanhã nos falamos...

A resenha da despedida continua e as luzes vão se apagando, as vozes ficando distantes até ficar tudo em silêncio e totalmente escuro.

CENA III

Ato 1

Ana está no quarto, sentada em frente ao computador. Na tela aparece o MSN com a foto de Mara, que está sentada do outro lado da parede em frente ao seu computador.

Mistério - Chegou bem? Como foi o voo?

Ana - Oi! Cheguei bem, mas não queria vir.

Mistério - Eu não queria que você fosse.

Ana - Já faz dez horas que saí de Fortaleza e parece que faz um século... Eu já estou sentindo sua falta... E agora que estamos distantes... depois de dois encontros reais... o que você avalia? Quais as suas percepções?

Mistério - Percepções sobre?

Ana - Adoro ver você ganhando tempo pra responder... Percepções sobre nós duas... Percepções sobre o futuro. No nosso primeiro encontro foi tudo tão rápido... Foi tudo só mágico. Perfeito. Parecia sonho... Até a trilha sonora...

Mistério - Verdade! Nos encaixamos fisicamente como nos encaixamos conversando. Que nem pecinha de quebra-cabeça.

Ana - Mas dessa vez foram muitos dias... Dormir e acordar com você... estar dentro da sua realidade... viver mesmo... eu ainda acho que foi tudo mágico... e por isso quero saber qual a sua visão e suas expectativas pra gente... pq eu já sei a minha.

Mistério - Mulher... ter você aqui dentro da minha vida... ainda mais no São João! Uma festa tão nordestina... tão particularmente especial, e estar na fogueira do seu lado foi maravilhoso.

Ana - Eu não tô te pedindo em casamento hoje... nem querendo marcar a data pra semana que vem... Mas, pra mim, você tem se tornado possibilidade do pra sempre... Só queria saber como está pra você... Onde estou na sua vida.

Mistério - Você tem me mostrado um tipo de relacionamento que eu não conhecia... que eu só desejava... com verdade e calma e desejo e sem drama.

Ana - E o que você espera? Ainda estamos no relacionamento beleza-paciência?

Mistério - Relacionamento beleza-paciência?

Ana - Se der certo - beleza... se não der - paciência.

Mistério - Mas todo relacionamento não é assim?

Ana - Eu penso que, se estamos em um relacionamento, nos condicionando para estarmos bem caso não dê certo, isso significa... que não estamos dispostos a fazer o relacionamento funcionar. Grande parte de toda relação que enxergamos como 'de sucesso' é feita de pedidos de desculpas sinceros e desejo de construir algo duradouro. Defeitos todos temos. Só que, no começo, nos maquiemos para parecer mais bonitas e maquiemos nossas atitudes também... Mas ninguém consegue mandar essa fachada o

tempo todo e é preciso querer conviver com os defeitos e com as diferenças.

Mistério - Entendo seu ponto de vista.

Ana - Mas...

Mistério - Mas não tenho resposta agora... Só sei dizer que estar com vc aqui foi muito mais importante que eu previa... que dormir com você é maravilhoso.

Ana - Ah... Eu gostei tanto da parte que estávamos acordadas.

Mistério - Você quer falar dessa parte?

Ana - Quero.

Mistério - Mulher... Sua falta de juízo na cama me deixa acesa... viva... feliz... Fazia muito tempo que eu não me sentia assim.

Ana - Você fala tanta coisa, mas não dá uma resposta objetiva.

Mistério - Mas já não está aí a resposta?

Ana - Tá certo!

Mistério - Tá certo!

Ato 2

Ana está sentada em frente ao computador e não tem ninguém do outro lado da parede.

Ana - Mara, o que está acontecendo? Você está bem? Responde... Tem uma semana que você não responde, não atende o telefone, aliás nem toca... Não dá nenhum tipo de resposta... Você acha isso justo? Foi com você mesmo que eu passei uma semana? Essa pessoa que não fala nada me parece uma mulher fria e malvada... e eu não quero acreditar que essa seja você! Já superei o desespero e estou anestesiada... fica bem.

CENA IV

No cenário, quase tudo igual. As crianças estão mais velhas nos porta-retratos, uma foto do casal Ana e Mara e, no canto, uma árvore de natal decorada. Ana entra no quarto com a filha Bianca.

Ana - Quem disse que você precisa fazer dieta? Quem ousa dizer que você está gorda?

Bianca - Olha pras minhas coxas!

Ana - Bi, você não é magrela, tem estrutura de uma garota normal... Mas se está incomodada... Como posso ajudar? Terapia?

Bianca - O que você faz quando se sente gorda?

Ana acha engraçada a expressão usada pela filha.

Ana - Filha, eu sou gorda. Mas isso nunca me entristeceu seriamente... Nunca é muito... mas sempre fui muito bem resolvida sobre o meu corpo.

Bianca - Você é doida... Vive pelada.

Ana puxa Bianca para a frente do espelho.

Ana - Olha... Meus seios... minha barriga... minhas coxas... são assim... E sempre funcionaram bem... pra função e pra safadeza!

Bianca - Credo, mãe!

Ana - Claro que fico insegura, mas não permito que isso me pare. Tenho amigas magras que também ficam. Eu te acho perfeita. Não mudaria nada. Nem a chatice.

Enquanto Ana fala, Bianca faz caras e bocas para o espelho.

Ana - Mas é você que tem que se sentir bem dentro da sua pele e se amar perfeita do jeitinho que é... Ou fazer coisas para mudar.

Bianca - Lá vem... Lá vem.

Bianca anda em direção à porta do quarto.

Ana - Volte... Quero conversar sobre a Mara.

Bianca - De novo, mãe?

Ana - De novo... Ela quer vir pro Natal.

Bianca - Ah... você é quem sabe. Mas...

Ana - Sempre tomo na tarraqueta.

Bianca - Mas você é quem sabe, né? Se te faz sofrer, VOCÊ mesma tem que mudar ou aceitar.

Ana - Olha o feitiço virando contra a feiticeira... Odeio pré-adolescente madura e faladeira.

Bianca - Adolescente, dona Ana! Quase adulta!

Bianca fala e sai de cena. Ana confere o celular. Liga o computador e abre o Orkut para ver se tem mensagens de Mara. Enquanto mexe no computador, conversa com ele.

Ana - Não entendo por que a Mara não abre um Facebook. Esse trem de Orkut tá uma bosta... Fala em vir aqui... mas dois dias sumida... nem mensagem, nem ligação...

Ana fala e digita.

Ana - Ei amor... querendo saber de você!

A luz acende do outro lado da parede. Podemos ver Mara sentada de frente para o computador. Ela recebe o sinal sonoro de recebimento de mensagem, mas continua o que estava fazendo no computador. Ana liga para Mara, que olha a tela do celular e ignora a chamada. A tela grande mostra a atividade das duas. Ana insistindo e Mara simplesmente ignorando e falando com outra mulher. Esse comportamento se repete até as luzes se apagarem, encerrando a cena.

CENA V

Ana pega o porta-retrato com a foto do casal, tira a foto, enfia na gaveta e coloca o porta-retrato pelado na penteadeira. Vai até ao computador e o liga. Na telona já aparece o bate-papo da Uol.

Ana - Boa noite, meu povo!

No telão, muitas respostas aparecem, e Ana observa até que decide responder.

Luciana - Boa noite, moçoila ousada!

Ana - Ousadia eu vejo em alguém que entra no bate-papo com o *nick* “PALAVRAS”. Mas como adivinhou que não passo de uma moçoila?

Nesse momento a luz acende do outro lado do palco e as palavras se apresentam. Ela usa uma echarpe vistosa.

Luciana - Somente uma franguinha teria o abuso de usar o *nick* "MULHER"!

Ana - Pois saiba que já sou bem crescidinha. Quase uma senhori-nha... tenho 44 anos, e você?

Luciana - E isso importa?

Ana - Importa, porque não quero ser presa... vai que tem 13 anos... não duvido de mais nada.

Luciana - Eita! Fique tranquila, que eu sou quase uma senhora respeitável.

Ana - Quase senhora ou quase respeitável?

Luciana - Quase senhora e nada respeitável! Por que usa esse *nick* tão genérico?

Ana - Porque, quando entrei neste bate-papo, queria ser só mais uma... me misturar... mostrar que eu sou comum... iguais a todas... mesmo sendo diferente.

Luciana - E como você é diferente?

Ana - Sou uma mulher gorda, mãe de dois filhos e lésbica. Não estou em processo de emagrecimento... e, se quiserem gostar de mim, tem que ser assim.

Luciana - Decidida você. Braba?

Ana - Sou uma mineira que vive só no estado do Espírito Santo e cria dois adolescentes só e é preciso ter atitude... E quem é você?

Luciana - Sou Luciana, de Recife. E gosto de me enroscar em palavras e pessoas.

Ana - Definitivamente gosta de torcer as palavras!

Luciana - O que faz por aqui? Parece ser figurinha carimbada.

Ana - Mais ou menos... Já frequentei muito... Hoje apareço de vez em quando. Quando a vida deixa... quando a agonia é grande... Hoje

estou aqui pra tentar ficar bem... Tenho uma história mal resolvida e hoje ela resolveu doer... mas eu resolvi não ouvir... Então quero conversar... sobre tudo e sobre nada...

Luciana - Resumindo, tá de coração partido ou dor de corna?

Ana - Estou de coração fechado. Hoje o que sinto é pela morte do sonho. E abrir mão de sonho dói.

Luciana - Eu estou aqui pra conhecer alguém de longe. Longe dessa realidade caótica que tenho vivido. Quero leveza! Quero rir e cantar!

Ana - Devo sair correndo agora ou mais tarde?

Luciana - Vá não... Tá bom de conversar.

Ana - Tô brincando... Você tem cheiro de problema, e eu adoro esse cheirinho...

As duas seguem conversando e o foco de luz passa para o relógio do telão, que começa a passar a hora muito rápido até parar em uma data seis meses depois. A luz volta para as atrizes, que devem estar arrumadas para começar o dia e já conversam por SKYPE.

Ana - Bom dia, Lu.

Luciana - Bom dia, Ana.

Ana - Acredita que já tem seis meses?

Luciana - Pois é... Dormiu bem?

Ana - Depois da nossa safadeza... desmaiei. E aquela conversa que você diz que quer ter e sempre adia?

Luciana - Adio porque tenho medo que esse nosso mundinho se modifique, e, ao mesmo tempo que desejo mudança, esse relacionamento virtual está perdendo o sentido.

Ana - Também tenho medo, mas então é esse o trem que tem mar-

telado na sua cabeça?

Luciana - Tenho pensado bastante... e está claro na minha cabeça... Eu quero te ver. Ou você vem ou eu vou... Tudo que estou sentindo pede realidade. Pede toque. Pede cheiro e gosto e umidade... Sexo por telefone não satisfaz mais.

Ana - E o seu casamento?

Luciana - O que tem?

Ana - Tem que eu não acho justo com ela... No começo eu até achava que seu casamento era por causa de Clara, mas hoje eu sei que é mais.

Luciana - Meu casamento não tem nada a ver com a gente... O que existe entre você e eu é completamente diferente do que existe entre minha companheira e eu.

Ana - Acredito que sim... acredito mesmo... Você sabe separar as coisas... E se eu não souber? E se eu quiser tudo? E se a gente se foder e ainda foder seu casamento?

Luciana - Por que insiste em misturar meu casamento e a gente?

Ana - Porque eu não sei se dou conta de ser amante de novo... ou ficar com o que sobra... Enquanto estamos nos sonhos, é só sonho... Não existe ninguém machucado...

Luciana - Eu não quero só sonho mais. Tu sabes de tudo que abro mão para ter horas contigo... Horas que eu amo... Mas entre só sonhar, ou ter uma pessoa massa real... eu acho que sei o que vou escolher.

Ana - Preciso responder agora?

Luciana - Precisa responder.

Ana - Preciso ir.

Luciana - Preciso levar a Clara na escola.

CENA VI

Ana está no quarto. Tudo está meio bagunçado. Nos porta-retratos, fotos dos filhos. Ana está visivelmente triste. Pega o notebook desligado, arranca os fios, fecha a tela com força e o joga na cama. Ouve-se campainha e a porta se abrindo.

Bianca - Mãe! Mãe!

Ana - Pra que tocar a campainha se tem a chave?! Tô no quarto.

Bianca - E aí, gatona? Ah... mãe... o que foi?

Ana - Não foi nada e é tudo! Mara apareceu de novo e, mesmo tendo a certeza de que absolutamente nada do que ela diz seja verdade ou confiável, fico mexida... toda revirada...

Bianca - Nossa! Essa história tem dez anos e uma página! Ela aparece, conta um monte de lorota, suga o que precisa da sua energia e some de novo. E some pra você... mas deixa claro nas redes sociais que tá vivendo um romance novo... esfrega na sua cara, mãe!

Ana faz que vai falar, mas continua em silêncio. Fica meio envergonhada de ver a filha descrever o relacionamento abusivo e tóxico.

Bianca - Você mesma vive me dizendo que não devo nunca aceitar menos que tudo! Que o amor é verbo, é ato... Lembra o que a minha ex-tia Ká dizia?

Ana - Do que tá falando da Ká! Mil anos essa história...

Bianca - Ela dizia, na caradura, que falava 'eu te amo' até pro poste. E ela falava mesmo! Falava 'eu te amo' pra você e continuava casada com macho, você era só quando ela tinha tempo sobrando... e o blá-blá-blá todo!

Ana - Nossa! Isso é pra eu me sentir melhor?

Bianca - Só segue o meu *thread*! Então... falar qualquer um fala... seja para conseguir o que quer, pra testar seus poderes “*sedutórios*”, porque é irresponsável afetivamente ou porque não tem caráter mesmo! Você precisa largar essa merda de computador e ver a vida... ver o amor refletido nos olhos de alguém sem que ela precise dizer nada. Sentir, mãe...

Ana - Mas eu sinto, Bianca...

Bianca - Sente na pele? Sente o peso da mão? O calor... o cheiro? Só o palpável é real! O resto é devaneio e sonho! É ilusório!

Ana - Eu me iludo e tomo no meu cu... E nem é literalmente!

Bianca - CREDO, mãe! ainda sou sua bebê!

Ana - Saber disso tudo eu sei... mais ou menos... só não sei se sei mudar.

Bianca - Saber você sabe! Só precisa querer.

Ana fica pensativa, remexendo os cabelos, e o silêncio dura quase um minuto. Bianca está inquieta. Ana tenta ter uma resposta. Faz que vai falar e se cala.

Bianca - Você faz as mesmas coisas e sempre vai ter o mesmo resultado... sempre.

Ana - Já ouvi isso também.

Bianca - O que te impede hoje de sair? Ir num *point* “*sapatônico*”? Eu não tomo mais mamadeira, nem o meu irmão... O que te mantinha em casa e atenta, hoje, é história... Nós já caminhamos com as nossas pernas, e você está livre e desimpedida... Pode curtir... Trazer alguém pra casa... Ir pra casa de alguém.

Ana - Ah... tô velha demais pra isso.

Bianca - E não tá velha pra tirar onda na internet?

Bianca puxa Ana pela mão e a leva para a frente do espelho.

Bianca - Agora é a minha vez! Sabe o que eu vejo? Uma mulher... uma mulher, mãe! MULHER, CARALHO! E hoje consigo te ver de uma forma mais completa, não só como minha mãe... Vejo a mulher forte pra caralho, que lutou com todas as armas que a vida te deu... que foi valente, mesmo perdendo... que tinha esperança mesmo desesperada, que fazia comida com os restinhos da geladeira e chamava de dia da comida maluca pra gente não perceber o perrengue, que nos criou sozinha e me deu dicas para eu chegar nesse ser maravilhoso, perfeita e unique!

Bianca rodopia na frente do espelho fazendo caras e bocas como se estivesse numa sessão de fotos. Bianca coloca Ana na frente do espelho de novo.

Bianca - Eu vejo, dona Ana, uma mulher que merece ser amada... de verdade... no real... E não vai ser aqui (*mostra o computador*) ou aqui (*tira o celular do bolso*) que você vai achar. Você merece o verbo, a ação, a reação imediata, o colo e o cafuné... Você merece, mãe...

Ana - É... Será que eu dou pro gasto?

Bianca - Você precisa é dar de verdade!

Ana - Credo! Esqueceu que sou sua mamãe?

Bianca - Mãe, na moral, torço para você encontrar uma mulher doce, querida, interessante e disposta a construir o seu pra sempre... no mundo real.

Ana - Quando você deixou de ser uma remelenta e virou essa sabida?

Bianca - Já tem uns dias!

Bianca abraça a mãe, beija sua testa. E começa a cantar.

Bianca - *“Pra que se lamentar se em sua vida sei que vai encontrar... Quem lhe ame com toda força e ardor e assim suplantará a dor.”*

CENA FINAL

Ana entra no quarto toda arrumada, maquiada, mas com jeito de quem está voltando para casa, cabelo meio bagunçado, batom meio borrado. Entra e vai direto para o computador, liga e coloca uma música romântica. Senta-se na beira da cama e, quando está tirando os sapatos, entra uma mulher maravilhosa já desabotoando a camisa...

Mulher - Luz acesa ou apagada?

Ana - Luz acesa... sempre... meu amor.

E elas se olham longamente.

Ana - Estar feliz é um ato revolucionário.



(Re)Visitar

Natália Crivellaro Couto



APRESENTAÇÃO

Natália Crivellaro Couto é o nome que eu recebi às 07:35 do dia 27 de maio de 1996 em Colatina, interior do Espírito Santo. Geminiana com ascendente em gêmeos, fui o terror de toda mãe, professora ou colega de turma. Inquieta, faladeira e interessada em uma boa fofoca podem ter sido as primeiras características que manifestei que me aproximaram das histórias. E com isso foram muitas inventadas na escola, em casa, na conversa com as amigas, nos sonhos... mas também muitas foram relatadas e passadas adiante com a devida fidelidade. Como uma árvore que tem muitos galhos, eu me interessei por muitos assuntos, e a escrita já assumiu um dos galhos mais altos de minha copa. Com o passar dos anos e as diversas podas, seja pela família, seja pela igreja, pela sociedade ou pelo trabalho, a minha árvore foi ficando com me-

nos galhos, e o da escrita ficou estagnado por anos. O núcleo do *Elas Tramam*, do qual tenho o deleite de participar, regou-me a cada encontro, permitindo que meus galhos não só crescessem e se desenvolvessem como também dessem flores para, posteriormente, gerar frutos. E aqui se encontra o primeiro deles.

A dramaturgia a seguir foi um processo de muita revisão sobre o passado, o presente e o futuro. Escrita tanto sobre pessoas e/ou atitudes que não existem mais quanto sobre fatos que ainda persistem. Você pode se identificar com algo que também aconteceu com você, com alguém que conhece, ou algo que você já tenha falado/ouvido. Todo mundo tem uma história para compartilhar, uma linguagem do amor para expressar e talvez a sua, ou a da sua família, seja um pouco parecida com a minha. O fato é que, no fundo, nada é inédito e tudo tem um punhado de coisas em comum. Aqui eu conto um pouco do meu punhado de coisas partindo principalmente da relação com minhas avós. Mulheres que muito viveram, muito compartilharam, mas pouco disso foi registrado. Tal qual os griôs (sábios da tradição oral que são reconhecidos pela sua comunidade), tudo o que aprenderam e o que sabem é transmitido por meio da contação oral. Essas histórias podem se perder com o passar dos anos e o nascimento das novas gerações que pouco se importam com a tradição. O intuito aqui é tentar capturar, mesmo que em uma fração de segundos, os milhares que tais mulheres percorreram.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.” (Os filhos dos dias - Eduardo Galeano)

(RE)VISITAR

Natália Crivellaro Couto

Personagens:

CRIANÇA - Tem sonhos que não sabe se são só sonhos ou fatos reais. Às vezes, acha que vê coisas demais, como se fosse sua imaginação se materializando. Gosta de correr, de inventar coisas e de conversar. Mas, quando fica quieta, nunca é por bom motivo. Quando as palavras lhe faltam, o peito aperta e ela se sente apenas um serzinho pequenininho sendo sufocado pelo mundo à sua volta.

AVÓ JOANA - Descendente de colonos italianos, mas viveu apenas no Espírito Santo. Reside em uma comunidade rural cercada de parentes. Apesar da idade avançada, importa-se muito com a horta, a lavoura, a criação dos animais e os meninos, que são os filhos que já são pais, mas ela ainda insiste em chamá-los assim. Sofreu com dificuldades e doenças, mas se apoiou nos pilares fundamentais de sua vida, que são o trabalho e a igreja.

AVÓ ALICE - É mais velha do que a Avó Joana, mas aparenta ser mais jovem. Descendente de negros escravizados e indígenas, o retrato da maioria do povo brasileiro. Nasceu em Minas Gerais e veio andando com tropeiros para o Espírito Santo, com seu marido e sua primeira

filha ainda pequena. Passou muita dificuldade, vivenciando a fome e a seca. Apesar disso, adora dançar e cantar e se lembra com saudade de sua querida Minas Gerais. Mora com a neta, seu filho caçula e a nora.

MÃE - A quem todos chamam de Cida. É filha de Joana, nora de Alice e mãe da criança. Viveu até os 24 anos na comunidade rural em que a mãe ainda mora. Precisou equilibrar trabalho, estudo, família e igreja, sendo todas essas coisas importantes para ela. É ligada na voltagem 220 e acha que consegue fazer tudo de um jeito melhor que os demais fazem. Sempre tem um pensamento, um conselho para dar. É muito otimista, alto-astrol e religiosa – esta última característica também presente em sua mãe e sua sogra.

CENA I

Palco enfumaçado com um zumbido incessante. Luz azulada fraca iluminando todo o palco.

Voz - A criança estava deitada no colo de alguém que parecia procurar algo em sua cabeça, como quem cata piolhos. Ela sentia que estava dormindo, mas via as coisas ao redor mesmo com os olhos fechados. Também se via deitada, como se sua alma oscilasse saindo do corpo para observar essa cena. As cores do ambiente oscilavam em tons escuros, e um vento gelado soprava em seus cabelos, fazendo leves incômodos na testa. Tentou se mexer para ajeitar os cabelos e encerrar esse incômodo e não conseguiu. Ouvia vozes ao fundo, mas, mesmo prestando atenção, o que falavam era incompreensível. Ela queria sair daquele estado do meio. Meio dormindo, meio acordada. À deriva.

CENA II

No centro do palco estão dois sofás, um de dois e outro de três lugares. Entre eles há um tapete grande e quadrado de estampas de arabesco. Num aparador se encontra uma televisão de tubo antiga de 29 polegadas que fica ligada o tempo todo transmitindo a missa e funciona como um som ambiente. Foco de luz amarelada ilumina o cenário.

A Avó Joana está sentada no sofá de dois lugares na sala de sua casa e presta atenção no barulho que está se aproximando e nos cachorros latindo em seu quintal.

Avó Joana - Que zuado é esse? Acho que chegou um *caro* aí!

Entra uma criança correndo pela porta da sala, passando direto pela Avó Joana e saindo na outra porta que dá para a varanda. Dona Alice, a outra avó, chama-a.

Avó Alice - Nataia, vem dar bença à sua avó.

A Avó Alice adentra pela porta da sala fazendo um barulho como se fosse um assobio, mesmo não sabendo assobiar. O som sai parecido com um sopro de vento na greta da janela, só que passando por entre a sua dentadura.

Avó Alice - Bom dia, Dona Joana.

Avó Joana - Dia, Dona Alice. Tá boa?

A criança volta correndo com um biscoito papa-ovo em suas mãos, interrompe a conversa das avós e, com a boca cheia de farelo, fala de modo bem tímido.

Criança - Bença.

A Avó Joana, dona da casa, agarra-a, abraçando-a de forma apertada, porém carinhosa.

Avó Joana - Tá boa?

A criança balança a cabeça com um aceno positivo. A avó, que ainda a envolve em um abraço, reforça a pergunta.

Avó Joana - Tá boa mesmo? *(dá um beijo na bochecha da criança)*

A criança agora ri dessa demonstração de carinho inusitada.

Criança - Tô bem, dormi na viagem no colo de vovó Lice e comi biscoito maluco.

A Avó Alice, que até então estava parada na soleira da porta, desloca-se para o outro sofá e se acomoda vagarosamente, fazendo uma cara de dor ao dobrar as juntas para se sentar, e solta uma expressão de alívio.

Avó Alice - Ai, Deus, graças a Deus *cheguemo*. Essa menina tá ruim de *cumê*, Dona Joana. Só quis *cumê* biscoito papa-ovo, mas eu deixei porque esse não faz *mar* igual àqueles outros.

Avó Joana - Você tá certa, Dona Alice, aqui eu é que faço a merenda

pros meninos, bolachinha com massa de trigo mesmo pra dar sustento. Você quer uma bolachinha, Patrícia?

Criança - *(diz em meio ao riso e à mastigação do biscoito)* Vovó Lora, eu não sou a Patrícia.

Avó Joana - *(em tom baixo e vago)* Ô, Daiane, eu me esqueço às vezes...

Silêncio... Rapidamente a outra avó completa.

Avó Alice - Nataia, vai lá pegar meu chinelo de ficar dentro de casa, porque eu não posso colocar meu pé quente no chão frio, que passo *mar*.

A criança sai correndo e volta com uma pantufa cor de caramelo para a Avó Alice calçar. Ao entrar na sala, anuncia.

Criança - *(em tom bufante)* Tô fazendo 7 anos e já consigo correr muito mais rápido que ano passado, mas tô meio sem ar, eu acho.

Avó Alice fica atenta à expressão da criança enquanto a outra avó inicia um assunto.

Avó Joana - Ah, meus parabéns, mas e na escola? *Cê* já sabe ler e escrever?

Criança - Sei, sim, já tô até escrevendo histórias. Você já escreveu alguma?

Avó Joana - Não *(em tom prolongado)*. Vovó não sabe nem ler, nem escrever.

Criança - Mas nem seu próprio nome?

Avó Joana - Não, nem meu nome.

Criança - *(falando de modo apressado e sem respirar)* E você, vó Lice, sabe escrever seu nome? E alguma história? Consegue juntar as letrinhas para formar as palavras? *Cê sabe? Cê sabe?* *(termina o interrogatório com uma expressão de fadiga)*

Avó Alice - Sei escrever meu nome, mas não aprendi quando criança, quando já era mais de idade é que me ensinaram. Mas só consigo escrever isso, sei as letras, mas não sei juntar e formar os *palavriados*.

Criança - Então você não sabe ler?

Avó Alice - Não, por isso que eu tiro o extrato no banco e peço para você olhar pra mim quando chego em casa.

A criança assente e muda de assunto tão rápido quanto as perguntas que fez segundos atrás.

Criança - Eu escrevi uma história do meu *xelefante* que dorme na minha bicama, mas meus pais não queriam deixar, então ele fica lá escondido e...

A mãe da criança, de nome Cida, entra na sala de modo que o chinelo que calça estala no chão. Anda em direção à criança.

Mãe - Tata, minha filha, você não tem que ficar correndo pela casa, porque *tamo* separando as coisas para montar sua festa. Se quiser, pode ajudar a encher bola, mas tem que amarrar para formar um cacho e não deixar solta por aí, que pode ir pro terreiro e pocar tudo e não teremos a quantidade certa para fazer o painel da mesa do bolo e da torta...

Criança - Tá bom, mãe. Não vou correr pra lá de novo, vou ficar aqui quietinha falando de histórias, coisas da vida, experiências, você sabe

como é, né? *(fala em tom irônico, como se fosse uma brincadeira, finalizando o diálogo com um grande bocejo)*

Mãe - Ham, então tá bom, então, acho bom mesmo.

Avó Alice - Falando de coisas da vida, tô achando essa menina estranha. Tá muito cansada, com sono e bocejando muito de uns dias pra cá...

Mãe - Uai, Dona Alice, não era você que falava que sono sustenta e que era pra deixar ela dormir caso apagasse no horário da janta?

Avó Alice - Sim, ainda continuo falando isso, mas agora é diferente. Ela também tá ruim de *cumê* nesses dias. Tá com os *zóio* fundo também. Vem cá pra eu *dá* uma *oiada*, Nataia. Tô achando que pode ser quebrante.

A criança se aproxima da avó e a mãe também chega mais perto para saber o veredito.

Avó Alice - Era o que eu pensava. Se não for quebrante, na certa é mau-olhado. *Vamo* rezar logo *prus* dois.

Avó Joana - *Cê* vai precisar de alguma erva?

Ao analisar mais um pouco a criança, a avó, que é benzedeira, responde.

Avó Alice - O melhor *presses* casos é o galho de arruda. A senhora tem pra me *arrumã*?

Avó Joana - Acho que tem um pé que brotou atrás do galinheiro. Vai lá *vê*, Cida. Se as galinhas não ciscaram em cima, você consegue um bom galho...

A mãe da criança assente e sai estalando novamente os chinelos, só que de modo apressado.

Criança - Que é isso que eu tô? Não conheço essa doença. Eu vou ficar ruim? Vou ter que tomar injeção na bunda? *(diz choramingando)*

Avó Alice - Não, minha *fia*, é como se você tivesse com uma tristeza, cansaço, *dificuldade* pra *cumê*, não chega a ser doença, mas bem você não tá.

A criança se encolhe e começa a querer chorar.

Avó Alice - Não precisa chorar, *Nataia*. *Vamo* te rezar e você vai *miorar*.

A mãe retorna com o galho de arruda e a avó Joana muda a expressão para contentamento.

Avó Joana - Bom saber que ainda tinha um pezinho lá. Depois você podia fazer o favor e pegar uma muda pra botar lá na horta, Cida. Você tem uma mão boa pra *prantar*. *Demo* foi sorte das galinhas não terem amassado tudo. Mas lá na horta é telado e elas não vão entrar, nem a galinha choca que fica caçando ninho *num* entra.

Mãe - Pode deixar que amanhã, sem falta, eu faço isso, mãe. Hoje ainda precisamos terminar de preparar as comidas pra festa. *(aproxima-se da criança e da outra avó)* Agora que a senhora falou, ela tá mesmo jururu. Só que eu tava apressada esses dias e não percebi. Parece até que ela *ismagreceu*. A senhora reza, então? *(entregando o galho)*

Avó Alice - *Vô* rezar mas também *vô* te ensinar, que, na próxima vez que ela tiver assim, *cê* já sabe o jeito de curar.

Levantando do sofá vagarosamente, a avó Alice muda a postura para um tom mais sério. Ela se posiciona na frente da criança. A luz muda de amarelo para azul-claro.

Avó Alice - Tem que ser de dia pra poder benzer, e tem que ser feito por três dias *seguido*. Reza de mãe é poderoso *por dimais*. Mas, se você não tiver bem pra fazer, também não consegue curar. *Dispois* eu vou *ditá* pra você *escrevé* o que fala enquanto benze, porque *ieú* vou fazendo e falando bem baixinho.

A avó começa a rezar a criança utilizando o galho de arruda. Enquanto vai rezando, vai fazendo o sinal da cruz encostando a erva na testa, no umbigo, em um ombro e depois no outro. Faz esse movimento três vezes, rezando também em mesmo número as costas da criança.

A luz no centro do palco vai se apagando devagar até ficar totalmente escuro. Fica uns segundos assim para a transição para a próxima cena, que continua com o mesmo cenário.

CENA III

Acende-se o foco de luz amarelada novamente sobre o ambiente com os sofás e as avós sentadas. A mesma TV da cena anterior continua transmitindo a missa, funcionando como som ambiente.

A criança entra em cena gargalhando e colocando a mão na barriga de tanto rir. As avós, sentadas uma em cada sofá, olham-na de maneira intrigada.

Avó Joana - (*observa a criança chegando*) Já parece que você tá melhor, né? (*indaga em tom observador*)

Criança - Não sei, vovó, mas o que eu vi agora me fez rir tanto que...
(*explode em risos novamente*)

Avó Alice - Então conta logo o que você viu, porque não tô entendendo nada essa *risaiada* toda (*diz em tom de curiosidade*).

A criança, então, dirige-se para o sofá e senta-se ao lado da avó Alice.

Criança - É que eu tava lá na cozinha bebendo água depois daquele benzimento todo e aí escutei os tios falando que parece que um cachorro tinha pegado uma galinha de novo.

Avó Joana - *Ieu* bem tava escutando uns gritos de galinha mesmo. Esses *cachoros*... (*diz de forma indignada*) não sei por que os *menino* arruma uns tão grandes, não sabe que eles podem acabar matando alguma criação?

Criança - Mas, vovó, não matou, não, só deu uma machucadinha na perninha, eu acho.

Avó Joana - Tomara Deus que não tenha sido de alguma galinha choca... tá cada vez mais difícil elas *aparecer* com uma nova ninhada. *Vô* falar pra prender esses cachorros lá no paiol, *soltá* só à noite quando a criação dorme...

Criança - Tadinhos, não faz isso com eles, vovó Lora. A culpa na verdade foi de um porco bem grandão.

Avó Alice - Um porco? Eu nunca vi um porco tentando pegar uma galinha...

Criança - Mas eu não sei se ele tava tentando pegar, talvez ele só queria ajudar né...

Avó Alice - E desde quando porco ajuda galinha? Que história é essa, Nataia? Desembucha logo!

Criança - Ai, vovó Lice, é uma história muito engraçada... (*começa a*

rir relembando e é reprimida pelo olhar da avó. Concentra-se e volta à postura para falar) Como eu ia dizendo, eu ouvi os tios falando que parecia que um cachorro tinha pegado uma galinha de novo. Os gritos dela realmente tava muito alto, parecia até que sabia falar socorro igual o Lôro falava. Que saudade do Lôro, vovó Lora *(diz dirigindo-se para a Avó Joana)*.

Avó Joana - O Lôro era realmente muito sabido, nunca vi papagaio igual àquele... é uma pena que foi morar com Jesus... *(faz o sinal da cruz)*

Criança - Que engraçado, nunca conheci um homem que se chamava Jesus... *(diz com uma risadinha)*

Avó Alice - Mas não é um homem que se chamava Jesus, é porque o Lôro morreu mesmo, Nataia. E deve estar lá no céu dos passarinhos junto com Jesus. Foi isso que sua Avó Joana quis dizer.

Criança - Ahhh tá! Entendi agora. Mas existe um céu de passarinhos mesmo?

Avó Joana - Claro que existe! Todas as criaturas bondosas vão pro céu.

Avó Alice - É, mas isso é outra história, agora a gente quer saber o que foi que aconteceu com a galinha e o porco *(diz de modo meio irritado)*.

Criança - Ah é, *vô* contar. Aí os tios correram para ver da onde tava vindo esse grito que eu disse que mais parecia um “socoóoorro” *(entoa o grito com as duas mãozinhas fechando um círculo ao redor da boca para ficar mais alto)*.

Avó Joana - Sim, Paulina, continue... *(demonstra estar interessada, mas erra o nome da criança novamente)*

A neta olha para a Avó Joana com uma cara de quem diz “de novo isso?” e balança a cabeça para esquecer e voltar à história.

Criança - Aí a gente correu pra lá onde tava vindo o som pra ver o que tava acontecendo e tinha uma galinha presa na greta da *tauba* do chiqueiro!

Avó Joana - Presa no chiqueiro? Que é que ela foi fazer lá?

Criança - Não sei, vovó, mas os tios falaram que ela que entrou, então ela que dê um jeito de sair de lá.

Avó Joana - Então deixaram a galinha presa? Ela ainda tá lá? Esses *menino* só me dão dor de cabeça...

Criança - Não tá mais porque o porco ajudou ela.

Avó Alice - De novo essa história de porco ajudar galinha, Nataia?

Criança - *Num* sei... mas hoje ele ajudou. A verdade é que os gritos que a gente tava escutando é porque o porco tava comendo a bunda da galinha e ela gritava como se fosse “socorro”.

Avó Joana - Mas como que ele tava ajudando ela e comendo o rabo (*com som de um “r” só*) dela ao mesmo tempo?

Criança - É porque só parecia que ele tava comendo o rabo, mas na verdade ele tava empurrando ela para sair. A galinha tem uma bunda bem gorducha.

Avó Alice - Eu hein, nunca vi uma história tão sem pé nem cabeça. Não tem como porco ajudar galinha.

Criança - Mas ajudou, vovó, porque ela conseguiu sair e parece até que falou um “obrigado” bem baixinho.

As avós se olham e riem da neta de forma gentil.

Avó Alice - As galinhas não falam, Nataia. Deve ter sido só um carejo e *cê* achou que ela agradeceu o porco.

Criança - Pois eu acho que a galinha entrou lá no chiqueiro do porco pra beber água ou pra pegar alguma comidinha, aí tentou sair e não conseguiu...

Avó Joana - (*interrompendo a neta, mas falando sozinha, pensativa e*

bem mais baixo) Sabia que os meninos não tinham colocado água lá no galinheiro, eu que sempre tenho que ficar falando e falando... *(termina de falar de repente)*

A neta olha para a Avó Joana para saber se já havia terminado de falar e continua.

Criança - ... e o porco, como bom amigo, tentou ajudar ela. Os animais se ajudam e falam, sim, vó Lice.

Avó Alice - Bom, se isso existe, os animais não devem gostar muito das pessoas, então, porque estão sempre metendo a gente em enrascada. Uma vez, um cachorro que eu tinha, chamado Tampinha, me derrubou na horta e eu quebrei meu braço, tive que ficar 2 meses com ele enfaixado, sem poder fazer nada, e eu trabalhava lavando roupa pra fora.

Criança - Mas não foi por mal, vó, é que os cachorros gostam muito de brincar e às vezes eles fazem essas maluquices. Direto o cachorro do Nóca se solta da corrente e vem correndo pra rua onde a gente brinca. É uma gritaria só, porque ele é muito grande e bravo. Mas ele nunca machucou ninguém, só uma vez que o Wenio caiu e ralou o joelho, mas aí foi porque ele tropeçou, né, não foi culpa do cachorro.

Avó Alice - Deus me livre, aquele cachorro é muito perigoso, por isso que ele fica preso na corrente. *Vamo* ter que falar com o Nóca para arrumar uma corrente mais grossa pra segurar ele. Ele é quase um *lião* de tão grande.

Criança - Vó Lice, o problema da rua não é o cachorro do Nóca, que foge um pouquinho de vez em quando. É o *matador* que fica lá embaixo no final da rua. Lembra quando acontece de algum boi fugir? É um desespero danado por toda a rua! *(diz colocando as mãozinhas no rosto)*

Avó Alice - Claro que lembro. Lembro muito bem de um certo boi que fugiu e passou no nosso *quintar* e pulou no telhado da casa da Dona Tereza porque não encontrou saída.

Criança - É verdade, é verdade, eu me lembro, eu me lembro! (*em tom animado e dando pulinhos de excitação*)

Avó Joana - Deus me livre e guarde. Como assim isso aconteceu, Dona Alice? (*fala de forma horrorizada com a informação que acabara de ouvir*)

Avó Alice - Pois é, Dona Joana, foi isso mesmo que a senhora *escutô*. Num certo dia, um boi fugiu lá do matadouro e veio trotando rua acima. Tava um monte de homem atrás dele com corda, com facão, espingarda... mas ninguém conseguiu pegar o bicho. Aí na entrada do nosso *quintar* ainda não tinha portão, e deve ter sido o primeiro lugar que o boi avistou quando terminou de subir o morro. Ele desceu as *escada*, passou por debaixo do pé de abacate e *dispois* desceu a rampa que dá acesso à rua debaixo...

Criança - (*diz interrompendo a avó*) Só que o telhado da casa da Dona Tereza é da mesma altura da rampinha lá de casa, acho que ele não conseguiu ver que era um telhado mesmo sendo de cor diferente, né?

Avó Joana - Porque boi não sabe a diferença das coisas da casa, menina, o lugar deles é no pasto, e não na cidade (*diz repreendendo a criança e depois se voltando para a outra avó*). Mas e aí, Dona Alice, o que aconteceu com a Dona Tereza, ela se machucou? (*em tom de preocupação*)

Avó Alice - O telhado onde o boi entrou e ficou agarrado era no quarto do filho dela que tem deficiência, mas, graças a Deus, ele não tava lá na hora. E, logo que escutaram o barulho, os vizinhos vieram ajudar a tirar os dois de casa.

Criança - Eu lembro que tava tirando um cochilinho e acordei com um barulhão, parecia que tinha uma casa sendo *destruída*.

Avó Alice - É porque caiu telhado, caiu janela, caiu parede... o boi ficou *se balangando* até conseguir se soltar.

Avó Joana - Que que aconteceu depois? Conseguiram pegar ele?

Avó Alice - O tempo que o boi ficou preso foi o tempo que os homens que tavam atrás dele conseguiram chegar lá no *quintar* de casa e descer pra rua debaixo, pro portão da Dona Tereza. Aí deram logo um jeito de amarrar ele bem amarrado e levar de volta.

Criança - E ele foi solto depois no pasto, vó?

Avó Alice - Não, *dispois* eles levaram pro matadouro e deram cabo dele.

Criança - Eles mataram ele? (*diz com uma expressão de espanto se levantando do sofá onde estava sentada*)

Avó Alice - Sim, é isso que fazem no matadouro, Nataia.

Criança - Eu achava que o nome *matador* era porque lá moravam algumas pessoas que já tinham matado gente, aí eles tinham que ficar lá naquele lugar. Não sabia que matava boi, achava que eles ficavam só lá nos pastos e aí fugiam.

Avó Joana - Sim, ficam nos *pasto* para poder crescer e engordar pra gente depois poder matar e *cuzinhá* pra *cumê*.

Criança - Minha nossa senhora da bicicletinha, como eu vou passar lá perto sabendo que eles matam boi pra comer? (*diz horrorizada*)

Avó Joana - Uai, é pra isso que serve as *criação*. *Nóis* cuida bem, mas quando chega a hora, precisamos matar pra *cumê*... (*a avó responde como se fosse algo natural, que acontece sem muita necessidade de explicação*)

Criança - E por que isso? (*criança fica ainda mais espantada com tamanha sinceridade*)

Avó Joana - (*olha para a criança para explicar*) Porque a carne das *criação* é nossa mistura, é o que dá a força pra poder *trabaiá*.

Criança - Você já matou algum animal, vó Lôra?

Avó Joana - Não matei, mas já ajudei a *cortá, limpá...* (*observando a cara de choque da neta, ela complementa*) Mas não era animal da mata, tipo onça, tatu, paca... era criação, galinha, porco, vaca...

Avó Alice - (*descruza as pernas e coloca as mãos em seu colo, adotando outra postura*) Vamo mudar de assunto, Dona Joana, que essa menina já tá ruim de *cumê*, agora só resta não querer mais carne no prato (*diz olhando para a criança, que está ainda paralisada em pé em frente às avós*).

Avó Joana - Tá certo, tá certo... Ela é sensível pra essas coisas, a *po-brizinha*. Ô, Daiane, o que você acha de ir na cozinha ver o que sua mãe tá fazendo de docinho pra festa?

Voz vinda da cozinha - (*gritando, porém afastado do ambiente principal*) Me chamou, vó?

Avó Joana - Não tô falando com você, não, Paulinha, é com sua prima.

Criança - (*pacientemente*) Vó, aquela na cozinha que era a Daiane...

Avó Joana - Ah, meu Deus, só me faltava essa. Eu esqueci os *nome* de novo, *num* é?

Criança - Sim, vovó Lôra... Mas *num* tem *poblema*. Essas coisas *acontece* comigo também quando pego muito sol na cabeça e não tô de boné (*diz sentando no sofá ao lado da avó e pegando em sua mão*). Você disse pra eu ir na cozinha ver quais docinhos tão fazendo? Mas eu *num* quero nada, essa história de matar animais pra comer me deixou triste...

Avó Joana - Isso mesmo. Fala com sua mãe que eu disse pra você trazer um pra mim, mas aí *cê* pode *cumê* ele (*ignorando completamente a segunda parte do que a criança falou*).

Mãe - (*gritando da cozinha*) Eu ouvi isso, hein, mãe. Nada da senhora comer doce, por causa da *diabete*.

Avó Joana - Mas era pra menina, tadinha, ela nem quis bolachinha hoje...

Mãe - (*voz se aproxima e fica mais perto*) Não pode comer docinho antes de cantar parabéns, é assim que funciona aniversário. (*termina a frase em pé em frente às avós e à criança, com as mãos na cintura*)

Criança - (*descontente*) Tudo bem, mãe, nós não vamos comer antes do parabéns...

Avó Alice - Falando em docinho, você botou cravo no beijinho de novo, Cida?

Mãe - Sim, Dona Alice, é assim que é a receita. Foi assim que eu aprendi que fica melhor e, além do mais, ajuda *pras* formigas não comerem.

Criança - O cravo afasta as formigas por quê? Onde você aprendeu isso, mãe? Então as formigas não constroem formigueiro perto de pé de cravo?

Mãe - O cheiro forte do cravo afasta as formigas, assim como a canela também, Tata. Aprendi isso no curso de doces que eu fiz.

Avó Alice - Será que em todos esses anos não inventaram outra coisa *mió* pra botar nos docinhos pra formiga não atacar? Tem que ficar tirando o cravo na hora de *cumê*, *ieu* não tenho muito essas *habilidade*, fico pelejando por uma meia hora.

Criança - É ruim mesmo, vó Lice... o gosto do cravo... eca (*diz fazendo cara de nojo*). Mas, se a tremedeira te atrapalha, eu posso tirar os da senhora, aí depois é só jogar pra dentro e engolir com água né, porque o gosto do coco é muito estranho, me dá gastura (*faz uma cara de desgosto e treme o corpo, como se tivesse se arrepiado*).

Mãe - Falando em água, quando você foi lá na cozinha beber água, eu te falei pra ir tomar banho, Tata. Sua prima Daiane ia abrir o registro do chuveiro pra você.

Criança - (*levanta-se do sofá e começa seu discurso do alto dos seus 1,29m*) O banheiro dessa casa parece que não foi feito pra criança. A pia do banheiro é alta, precisa colocar uma cadeira pra escovar dente...

o vaso é em cima de um degrau, tenho que chamar minha mãe pra me ajudar a subir e descer... o registro do chuveiro é lá em cima perto de onde cai a água, e só as primas maiores que alcançam... às vezes, cansa ser criança e precisar tanto de ajuda... *(senta-se no chão com os braços abraçando as pernas e bufando)*

Avó Alice - Olha só como reclama a bonitona do Morumbi! Os mais velhos também precisam de ajuda, Nataia. A vida é assim, uma repetição de coisas.

Mãe - Isso mesmo! Então *vamo* lá e chega dessa reclamação, que já passou da hora de você tomar banho, filha. *(estendendo a mão para a criança)* Vem comigo que eu vou abrir o registro pra você.

Criança - Mas eu já tomei banho de manhã, o certo é tomar só amanhã. Não, de novo não! *(diz batendo o pé protestando)*

Mãe - Ah, mas não vai mesmo, *passa* já pro banheiro e para de birra *(recolhe a mão e aponta para a direção do banheiro em tom autoritário)*.

Criança - *(levanta-se e sai pisando firme)* Eu vou... mas eu volto... me esperem antes de contar alguma história legal, hein *(diz ela em direção às avós em tom de advertência)*.

A mãe segue atrás dela e as duas saem pela lateral sentido à cozinha. A luz muda para um tom azulado.

Avó Joana - *(ensaiando um sorriso)* Ô, vê só se a gente falava assim com nossos pais, né, Dona Alice?!

Escuta-se o padre falando na televisão em um tom mais alto do que o som ambiente anterior.

Voz vinda da televisão - “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha...”

Avó Alice - Pois é, Dona Joana, era só uma olhada e a gente já saía de perto... se não obedecesse, o coro *cumia*.

Voz vinda da televisão - “...não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente...”

Avó Joana - É... eram tempos difíceis... (*diz com o sorriso se apagando do rosto e ficando reflexiva*)

Avó Alice - Mas não *vamo* pensar nisso, Dona Joana. O que importa é que *tamo* aqui pra ver nossa neta crescer. Fé em Deus pai que vai ser por muitos anos ainda.

Voz vinda da televisão - “O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.”

Avó Joana - A bichinha é arteira mas é bondosa. (*abre novamente um sorriso e finalmente acerta o nome da neta*) Natália... nome muito bonito... (*virando-se para a outra avó, ela conclui*) Assim eu espero, Dona Alice, assim eu espero.

Voz vinda da televisão - “...permanecem agora estas três: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor.”

A luz azul se apaga.



SILÊNCIO,
ou
**CORAÇÃO INUNDADO
DE PALAVRAS**

Nataly Firmino Volcati



APRESENTAÇÃO

Ela, preta e sapatão. Filha de Fabiola, neta de Mana e Walter, sobrinha de Nego e Rose. Quanto às experiências acadêmicas: tenho Lattes. Quanto às experiências profissionais: tenho LinkedIn. Quanto às experiências da vida: tenho sede.

É uma dramaturgia ordinária. Não há nada de genial. E eu me contento com qualquer afetação. Desde aqueles que sentem vontade de nem continuar lendo/vendo até aqueles que confabulam vários significados para o que experienciaram. É sobre relacionamentos afetivossexuais. É sobre propósito, honra e/ou desonra dele. É também sobre o trauma colonial, e também não é. É sobre agora, e também não é. Encontros... desencontros. É sobre tudo e também sobre nada. É, sobretudo, oracular. Porque é uma escrita que se escreveu por si só e, portanto, não é só

sobre mim mas também é sobre mim. De verdade... gostaria que pessoas negras não precisassem se explicar. Enfim. É sobre reprodução e a necessidade de disrupção. É uma dramaturgia ordinária. Não há nada de genial. E eu devo parar de me contentar com qualquer afetação. Não sei se queria escrever essa dramaturgia, mas me obrigaram. Quem?

SILÊNCIO, OU CORAÇÃO INUNDADO DE PALAVRAS

Nataly Firmino Volcati

Personagens:

MULHER NEGRA - Mulher negra.

MULHER BRANCA - Mulher branca.

OLHOS - Personagem negro.

OUVIDOS - Personagem negra.

Descrição do cenário:

O cenário recria uma quitinete com 3 cômodos que se dividem em um quarto-sala, uma cozinha e um banheiro. Um quarto-sala sempre à meia-luz de um sol que só toca o teto por meio das frestas. A história se passa de dia. E, de dia, a lâmpada que ilumina a cozinha está sempre ligada. É um quarto-sala com cama, mesa e cadeira (um escritório improvisado) ao lado direito da cama, há também uma janela ao lado direito da mesa e cadeira. Armário ao lado esquerdo da cama, que demarca os limites para a cozinha. E o banheiro é logo ao lado da cozinha.

CENA I

A cena se inicia com o som de buzina de um navio.

Mulher negra está sentada no que seria a areia da praia, de frente pro mar.

A Mulher negra está pintada com tintas coloridas (que podem ser neon); na sua cabeça, em seu pescoço, braços e pernas é possível ver linhas coloridas. Formatos retilíneos e também em arabescos.

Sons de água que se remexem no interior de algo. Isto é dentro da Mulher negra.

Mulher negra começa a vomitar água.

Anunciado por um clarão de luz, entra Olhos, personagem coberto de roupas robustas na cor azul, sem identificação, porque está com uma máscara.

Olhos - Cuidado para não vomitar demais. Acabará expulsando o que não deve, quando só precisa liberar espaço.

Mulher negra - (assustada) Quem é você?

Olhos - (sarcasmo sutil) Quem você é. Mas eu diria que, com mais precisão, sou seus olhos... até se parecem com os que eu tinha, sabe?

Mulher negra - Do que você está falando?

Entra Ouvidos, também coberta de roupas robustas na cor amarela, igualmente sem identificação, com máscara.

Ouvidos - Com certeza não está dizendo a história completa. Porque

esses olhos são de vários; assim porque também se parecem com os meus.

Mulher negra - Não estou entendendo... quem são vocês? E o que estão fazendo aqui?

Olhos - Pouco você vai entender... mas terá muito a fazer.

Ouvidos - Porque, através de você, garantiremos o que é nosso.

Toca música "Encontro", de Nataly Volcati.

Ouvidos e Olhos têm em mãos ervas e flores com cheiros fortes, mas agradáveis, e no decorrer da música se movimentam ao redor de Mulher negra, como se estivessem realizando uma limpeza, um benzimento, uma iniciação. Tem fumaça. A iluminação está à meia-luz, na cor verde.

"Encontro – Nataly Volcati

Eu queria te encontrar, pra poder te falar

tem caminhos que não valem sua dor

Eu queria te encontrar, pra poder te alertar

existem telas que não merecem sua cor

Esse inferno eu já conheço o ardor (x2)

Talvez eu não fosse quem sou

Se eu não fosse quem fui

não seria quem serei

Mas talvez essa seja uma mensagem

vinda de encontro futuro com o passado

Perguntei qual é a minha força e ela me respondeu:

*Você tem que se cuidar,
Você tem que se curar pra criar
Você tem que mergulhar pra curar esse trauma.
Você tem que se cuidar,
Você tem que se curar pra criar
Você tem que mergulhar pra curar esse trauma,
esse trauma de água salgada.' Esse trauma de água salgada*

*Você tem que se cuidar...
Você tem que se curar...
Você tem que mergulhar pra curar esse trauma...
Você tem que se cuidar...
Você tem que se curar...
Você tem que mergulhar pra curar esse trauma,
esse trauma de água salgada
esse trauma de água salgada
esse trauma de águas passadas.”*

CENA II

Mulher negra e Mulher branca estão esfregando o corpo uma na outra e manchando-se, cada uma, com um pouco da cor da outra. Ambas ficam manchadas com as cores misturadas. Mas ainda é possível ver que as cores de cada uma ainda se conservam.

A Mulher branca também possui pinturas em seu corpo, mas não são coloridas, são cinza e pretas.

Findado o ato de esfregarem uma na outra e das carícias, Mulher negra senta na beira da cama, catando as roupas no chão, e a parceira que a acompanha na cama, a Mulher branca, desperta.

No decorrer da peça, a Mulher branca, toda vez que está num diálogo retórico, também está desmanchando as cores do corpo da Mulher negra e pintando-a de preto e cinza também.

Mulher branca - Meu corpo está moído. Como você está?

Mulher negra - Cansada também. Foi intenso, né? Dizem que o sexo é uma viagem.

Mulher branca - (*em tom safado*) E você acha que estamos fazendo viagens para onde?

Mulher negra - (*sarcasmo sutil*) Para lugares que tenham muito fogo. Sabe que li algo sobre serem portais? Você acredita que estaríamos sendo portais para o quê?

Mulher branca se prepara para levantar da cama, vestindo sua blusa.

Mulher branca - Não sei. Mas... sabe que você me faz lembrar de casa? Cada vez mais eu sinto saudade da minha família. De estar com minha família. Queria que você os conhecesse, mas você sabe como nossa relação é confusa. Já foi um alvoroço me *assumir* bi, não sei como eles te tratariam se eu chegasse com uma mulher em casa. Mas, pra onde quer que estejamos indo, gostaria de um pouco mais. Mas hoje vou trabalhar tanto, tenho tanta demanda para resolver. Você lembra daquele cliente que te falei da última semana? Ele não larga do meu pé. E, pra piorar, vou

receber minha mãe aqui mais tarde. Ninguém merece viver uma manhã tão gostosa, pra chegar à noite e ser atordoada com os julgamentos da minha mãe; enquanto minha língua arde pra poder falar de nós.

Mulher branca se senta na cadeira próxima à sua cama para preparar um cigarro.

Mulher branca - Enfim... que tal outro dia?

Mulher negra bebe um gole de água e pega um pouco dessa água para molhar o rosto, como quem está forçando acordar os olhos. E isso tira um pouco de sua cor.

Mulher negra - A gente pode se ver quando der pra você, não é um problema. Então... cada vez mais você pensa na sua família?

Mulher branca - Cada vez mais eu penso na minha família.

Mulher negra - Engraçado. Faz tempo que não vejo minha família. Ultimamente estou sempre fora de casa...

Mulher branca - E eu adoro você aqui em casa.

Mulher negra bebe um gole de água.

Mulher negra - Mas sou sempre eu que estou aqui na sua casa. No seu íntimo. Dentro do seu útero. E é sempre escuro aqui dentro.

Mulher branca - Eu não gosto de deixar a janela aberta. É na cara da rua e às vezes as pessoas olham aqui pra dentro de casa.

Mulher negra - Minha vó não permitia nenhuma janela fechada.

Mulher branca - Como assim? Por quê?

Mulher negra - Acho que era alguma questão dela com limpeza, não

tenho memórias da nossa casa escura. Só quando ela estava falecendo. Foram os únicos momentos que me lembro que a casa ficava mais suja do que o normal e que as janelas ficavam mais fechadas.

Mulher branca - *(um pouco surpresa, reticente, e depois curiosa)* O que você pensa sobre a morte?

Mulher negra - Que ela está sempre presente, e, de vez em quando, pode ser percebida... e, de vez em quando, ela acontece. Penso que talvez a morte seja só um nome diferente para nomear algum tipo de vida.

Mulher branca - Às vezes você fala coisas que não entendo.

Mulher negra bebe um gole de água.

Mulher branca - E você sentia a morte presente quando se tratava de sua avó?

Mulher negra - Sim, há pelo menos um ano antes do dia de ela realmente partir. Eu acredito que minha vó faleceu cheia das palavras que ela engolia. Foi muita mágoa. Má água *(risos desconcertados)*. E eu ainda pedia que ela bebesse água para que pudesse se hidratar... que tollice a minha. Chegando ao hospital, descobrimos que ela já não poderia nem mesmo tomar mais água, seu coração estava gigante, cheio de água, e suas veias entupidas.

Mulher negra bebe um gole de água.

Mulher branca - *(em tom confuso, como se tivesse ouvido uma tollice)* Palavras que ela engolia?

Mulher negra - As reclamações do meu avô, as respostas mal-educadas de nós, filhos e neta... e toda a raiva, desinteresse e os silêncios que de-

dicamos a ela. E foi embora... cheia de água. Existem algumas coisas que nos prendem e que deixamos nos prender, sabe? (*silencia e fica pensativa*) Eu vi os olhos dela brilhando, como brilham os olhos de crianças vendo doces, quando ela viu meu avô entrar no hospital dizendo que a levaria ao cinema quando ela saísse dali. Nunca a vi assim. E é interessante como ela agiu como quem sempre esperasse ele agir assim. Isso não era comum. Meu avô deve ter ficado muito magoado quando ouviu minha avó e a irmã dela conversarem muito tempo atrás sobre como elas eram sortudas por casarem com caras brancos. Meu avô me contou esse caso num dia em que estava com saudade da minha vó, quando ela foi curtir o carnaval sem ele há alguns anos. Sabe o que é engraçado? Os dois têm ascendência e fenótipos indígenas. Vai entender. Enfim... por que você não abre nos fins de semana? Janela e porta... pra deixar a luz entrar.

Mulher branca - (*incomodada e com um toque de irritação*) Eu não gosto da janela aberta, às vezes as pessoas olham pra dentro de casa e eu tenho medo de que algo aconteça...

Mulher negra - Por que não deixa o portão fechado e abre a porta pra luz entrar, se tiver algum receio de que entrem?

Mulher branca - O que você está supondo? Que a morte esteja aqui? Não gosto de deixar aberto, às vezes as pessoas olham pra dentro de casa.

Mulher negra bebe um gole de água.

Mulher negra - (*risos*) Já faz quanto tempo que você não pega um sol?

Mulher branca - Eu só pego o sol que bate aqui na janela de manhãzinha, e então abro uma frestinha da cortina. E, aliás, o sol entra às vezes aqui quando abro a janela para secar as roupas molhadas que estendo. São os poucos momentos em que eu abro a janela.

Mulher negra - *(levanta e diz em tom de deboche)* E não tem medo de que as pessoas olhem pra dentro de casa?

Mulher branca - HA HA HA. Engraçadinha.

Mulher negra - *(dá um sorriso torto)* Mas é sério, qual é o seu problema com as pessoas olharem dentro de casa, por alguns breves segundos?

Mulher branca - *(em tom de irritação)* Não gosto quando você me faz perguntas demais.

Mulher negra bebe um gole de água.

CENA III

Em silêncio, a Mulher negra pega outros copos e pratos espalhados pelo quarto e leva até a cozinha para começar a lavar a louça.

Ouvidos - *(diz de modo rápido)* O inferno, às vezes, é um silêncio onde muitas palavras atropelam outras palavras.

Mulher negra - *(ouve Ouvidos falar, mas Mulher branca não, e fica confusa porque acredita que a Mulher branca tenha falado algo no meio desse seu deslocamento do quarto-sala até a cozinha)* O quê?

Mulher branca - O que, o quê?

Mulher negra - Falou algo?

Mulher branca - *(estranhamento)* Não. *(balança a cabeça como quem lembrou alguma coisa)* Mas, falando em língua arder, estou com uma afta na minha boca que não sei nem como surgiu. O que será que deve ser? Pode ser aquele suco de limão que tomei. Você disse que acredita que fazemos viagens para lugares quentes quando transamos, né?

Mulher negra está lavando louça. E as cores que desenham seu braço e mãos estão saindo.

Mulher negra - É... o que você pen...

Mulher branca - Ou pode ser também aquela fruta ácida que comi, lembra? Mas não sei. Pode ser tanta coisa. Eu acho que vou comprar um remédio para tratar isso. *(diz ironicamente)* Como já não bastasse a cartela de remédios que já tenho que tomar. Minha mãe vem aí hoje. Tenho tanta demanda pra resolver. Mas você sabe como nossa relação é confusa.

Mulher negra está lavando louça.

Mulher branca - Ai... já te disse, né? Que eu tomo remédio desde muito nova. Essas coisas acabaram com meus neurônios, eu tenho certeza. *(Mulher branca pausa para passar a língua na seda, para enrolar seu cigarro. A esta altura a Mulher negra está com o humor mais baixo)* Os remédios, minha família e meus ex-namorados *(Mulher negra bebe um gole de água)*. Queria mais de você. Você lembra daquele cliente que te falei da última semana? Ele não larga do meu pé. Mas você sabe como nossa relação é confusa.

Mulher negra termina a louça e vai até o quarto pegar uma toalha, enquanto a Mulher branca está falando. Mulher negra tira a roupa para entrar no banheiro e tomar seu banho.

Enquanto está no banho, Mulher negra está tirando todas as cores.

CENA IV

No banho, Ouvidos grita a mulher negra.

Ouvidos - Negra!

Mulher negra - O quê?

Mulher branca vai até o banheiro.

Mulher branca - O que, o quê?

Mulher negra - Você me chamou?

Mulher branca - Não. (*diz entre risos*) Tá ouvindo coisa, é?

Mulher negra faz uma cara de quem está assustada. Mulher branca dá um selinho na Mulher negra, no meio do banho, e volta para a cadeira.

Mulher branca - Olha só! Você iria gostar disso, o sol está batendo numa parte da janela! É minha hora de pegar meu sol diário. Gostaria de um pouco mais. Mas hoje vou trabalhar tanto, tenho tanta demanda para resolver. E, pra piorar, vou receber minha mãe aqui mais tarde. (*breve pausa antes de continuar a falar*) E você dizendo “*eu estou no seu útero*” (*risadas debochadas*), você me diverte. E, pra piorar, vou receber minha mãe aqui mais tarde. Mas eu gosto tanto de você, sabe?

Mulher negra desliga o chuveiro.

Mulher negra - O quê?

Mulher branca - (*irritada*) Porra! O que está acontecendo com seus

ouvidos? *(balança a cabeça como quando alguém nos faz uma pergunta idiota)*
Enfim... hoje vou trabalhar tanto e ainda vou receber minha mãe aqui.

Mulher negra sai do banho e toma um gole de água no caminho do banheiro para o quarto.

Mulher branca, que está sentada na cadeira do escritório improvisado (ao lado da cama), chama a Mulher negra para se sentar no chão, entre as pernas dela.

Mulher negra senta-se no chão. Mulher branca começa a pintar (leve, como quem dá carinho) a Mulher negra a partir da cabeça com as cores cinza e preto enquanto continua falando.

Mulher branca - *(diz enquanto pinta Mulher negra com cores cinza e preto)* Eu amo você. Sua pele é tão macia.

Mulher negra - Eu também amo você! E adoro quando você me dá carinho.

Mulher branca está pintando os braços e as pernas de Mulher negra.

Mulher branca - Eu acho que minha mãe nunca te aceitaria. Seria muito conflituoso. Minha família mal me aceita.

Mulher negra está confusa, mas está confusa não com a Mulher branca, mas com os próprios pensamentos, com a mudança repentina de percepção, que dura alguns segundos, até o fim de sua próxima fala.

Mulher negra - Não estou bem. Estou me sentido daquele jeito de

novo, sabe? Eu olho para esta cama e nada parece real. Essa mesa, não parece que a conheço. É tudo estranho. Parece que eu não estou aqui. Eu sei que essas coisas existem, não estou delirando, nada está mudado. Mas tudo me parece tão estranho, parece que estou assistindo à vida. Por que isso está acontecendo? Eu só quero que isso pare!

Mulher branca está pintando a mulher negra de cinza e preto ainda.

Mulher branca - Mais uma vez despersonalizando, amor? Faz oito meses que você tem tido isso, né? (*breve pausa antes de continuar*) Você descreve muito bem algo que, por anos, eu não conseguia descrever. Sofro com isso há anos, sabia? E eu achei que só eu passasse por isso.

Mulher negra - Como faço isso parar?

Mulher branca - Respire, acalme-se, vai voltar ao normal, tente focar o toque, as sensações. Por que você não cochila um pouco antes de sair?

Mulher negra concorda com a cabeça e Mulher branca ajuda Mulher negra a se levantar e a coloca na cama para cochilar.

CENA V

O cenário escurece. Somente uma meia-luz roxa ilumina a cama. Mulher negra está sentada na cama e de cabeça baixa.

Olhos senta ao seu lado, Ouvidos senta ao lado de Mulher negra também.

Olhos e Ouvidos olham pra plateia.

Olhos - Veja por onde anda!

Ouvidos - Ouça com atenção!

Uníssonos

Atenção!

Olhos - A verdade não demora a chegar,

Ouvidos - Ela sempre está onde a mentira também está.

Olhos - E a mentira não é rápida... ela é apenas visível.

Ouvidos - A verdade não é lenta, ela é apenas invisível.

Uníssonos

E, como o óbvio, é vendada sob muitos véus.

Olhos - A verdade é apenas uma,

Ouvidos - Assim como a boca.

Uníssonos

Mas cheia de dentes.

Olhos - Os mortos só morrem quando morrem em nosso coração.

Ouvidos - E a verdade só vive se ela vive em nossa boca.

Uníssonos

Nada nem ninguém entra onde não é chamado.

Olhos - Mas quem é vivo,

Ouvidos - Sempre aparece.

Os três personagens se entreolham.

Sons de buzina de navio.

Os três personagens estão enjoados, tontos.

Mulher negra pega o copo que está no chão, entre suas pernas, e tenta beber um gole da água que resta. Ouvidos e Olhos interrompem o ato, não permitem que ela beba. Ambos pegam o copo e viram-no para o chão, despejando a água pacientemente.

Depois que a água para de cair, os três personagens se entreolham e depois olham para a plateia.

Sons de água se remexendo.

Ouvidos e Olhos olham pra plateia, com olhos arregalados, abaixam as máscaras e revelam seus rostos negros.

Os três personagens abaixam a cabeça e vomitam água.

CENA VI

O cenário volta a ser o mesmo de antes. Luz da cozinha ligada e meia-luz iluminando o quarto-sala, com um sol que só toca o teto através das frestas.

Mulher negra acorda e se prepara para ir embora pegando suas coisas pela cama.

Mulher branca - Acordou melhor?

Mulher negra - Não sei, tive um sonho estranho. *(ainda baqueada com o sonho, confusa, pausa antes de anunciar)* Vou indo, nos vemos outro dia?

Mulher branca - Já quero te ver amanhã.

Mulher negra - E por que você não vai mais vezes lá em casa?

Mulher branca - Não gosto de sair de casa, às vezes passo mal quando durmo na casa dos outros.

Mulher negra - Entendo. Mas são mais de oito meses que estou sempre aqui, eu consigo contar nos dedos quantas vezes você foi a minha casa.

Mulher branca - Me desculpa... eu sou mesmo uma pessoa horrível. Não quero te causar mágoa.

Mulher negra - Mágoa? Não precisa se desculpar. *(pensa o que vai dizer enquanto veste sua blusa)* Que tal irmos lá pra casa no próximo final de semana?

Mulher branca - Eu não sei. Por que não vem aqui pra casa mais cedo e vamos ao cinema?

Mulher negra toma o último gole de água antes de sair.

Mulher negra - Não sei.

Mulher negra sai da casa de Mulher branca. Fecha a porta e, em poucos segundos fora da casa, ouve o som de mar e buzina.

Mulher negra se movimenta para atravessar a rua e ouve um assobio atrás de si, é a Mulher branca pela janela acenando. Neste momento, Mulher negra tropeça e ouve uma voz:

Olhos - Veja por onde anda!



Sandy 50

Sandy Vasconcelos



APRESENTAÇÃO

Chamo-me Sandy Vasconcelos, sou uma mulher transexual; a primeira a fazer a cirurgia de readequação sexual no estado do Espírito Santo e a segunda no Brasil. Sou uma sobrevivente e me entrego à arte com paixão, porque trabalhar nos diversos ramos da cultura sempre foi meu oxigênio; como uma âncora nesse mar revolto da existência.

O texto que apresento é um pequeno recorte da minha história. Olho para trás, para as minhas memórias, e me orgulho de ter chegado até aqui. Por isso, quis trazer um espetáculo em formato de *stand-up*; quero uma visão engraçada com pitadas de comédia para falar sobre fatos importantes da minha vida. Afinal, meus amores, é meio século de vida. E é só o começo.

Boa leitura!

SANDY 50

Sandy Vasconcelos

*Espetáculo em stand-up. O cenário é uma escada de 5 degraus em cada lateral, cubos e móveis em cores tipo mosaico. O show tem início com performance da música **Todas**¹.*

Sandy dirige-se ao público.

Sandy - Boa noite. Sejam todas bem-vindas ao Sandy 50. *(pausa)* Meu Deus! Será que mandei bem, ou deveria falar senhoras e senhores? Gente, eu não sei, as coisas estão mudando; como uma senhora de 50 anos deve começar um monólogo? Nos anos 80 ninguém sabia nem o que era transexual! Eu sou antes do GLS (abafa o caso, vou chegar de novo).

Fala para Paulinha, da sonoplastia.

Vamos lá, Paulinha! Só não põe a música toda de novo, senão a plateia vai embora e eu fico aqui sozinha chupando o dedo. Põe só o finalzinho da música para eu virar com glamour.

1 Música *Todas* - Artista: Yuri.

Sandy - Ora! Ora! Ora! Tudo bem com vocês? Então tudo legal! Ops, “legal” ainda pode falar ou é coisa de velha? (*pausa*) Todas acharam que eu não iria conseguir, mas eu cheguei de pé aos temidos 50 anos (*som de trovões*).

Pesado, né? Mas não estou nem aí... passei por tantas na vida... Mas claro que vocês não vieram até aqui para ouvir coisas tristes, e nem é o propósito deste monólogo, pois, se tem uma coisa que nunca gostei, foi do papel de vítima, nem quando vivia em um barraco em São Geraldo.

Uma vez, o senhor Milson Henriques me disse: “*Se é para lembrar, vamos lembrar de coisas boas e engraçadas*”, como quando uma escola de samba começou a fazer uma pesquisa para contar a sua história. Isso, sim! Levei essas palavras para a vida. Diga-se de passagem que aprendi muito com o senhor Milson Henriques; ele foi muito importante para a minha infância, mesmo não sendo mulher, e a de muitos artistas capixabas!

Eu sempre me atraí por histórias de grandes mulheres: Cleópatra, Domitila de Castro, Marquesa de Santos, Ana Jacinta de São José – a famosa Dona Beja. Eu poderia ficar aqui horas relatando histórias de grandes mulheres. Mas este monólogo é para falar de fatos que aconteceram na minha vida e que de tão ridículos são cômicos. Cômicos? Engraçados? Temos que ver com bom humor. Talvez isso tenha sido uma fuga, uma escolha minha para suportar todas as maldades que sofri naquela época, pois a comédia era a nossa única aliada (*som de sineta*). Mas vamos lá.

(*para a sonoplasta*) Paulinha, som ambiente, música levinha de fundo.

A primeira mulher forte e guerreira que eu conheci foi a minha avó, Augusta da Vitória, um dos primeiros anjos da minha vida. Vovó teve 10 filhos: 6 meninas e 4 meninos. *(volta-se para o público com ironia conservadora)* “Meninas e meninos” ainda pode falar?

Como eu estava falando, minha avó teve 10 filhos dela e vários do coração. E, entre esses 10 filhos, claro, minha amada mãe Jovelina da Vitória. Sempre fui muito apegada à minha mãe, a ponto de as pessoas à nossa volta estranharem muito! Acho que pensavam: *“que estranho esse garoto ser tão apegado à mãe, vive grudado nela, devia estar com a garotada na rua soltando raia, jogando pião ou bolinha de gude”*. Para mim e para ela, sempre foi um amor incondicional; sempre juntas e felizes.

Na época em que minha mãe resolveu se divorciar do meu pai, eu não entendia muito bem o peso daquilo, socialmente falando; como ela estava sendo forte ao deixar de ser uma mulher sustentada por um homem e ir trabalhar, deixando de criar a sua criança para criar com amor e carinho os filhos de outras pessoas. Mas claro que ela estava pensando em mim, pois, no fundo, bem no fundo, ela sentia que eu era uma criança diferente e que iria precisar que ela fosse um exemplo de força para mim. E deu certo. *(pausa)*

Quando comecei a ter gestos e maneiras diferentes, sempre me senti apoiada incondicionalmente pela minha mãe e também pela minha madrinha, Luiza Rosa. Madrinha foi mais uma mulher forte que me foi apresentada. Ela ajudou muito a minha mãe na minha educação e na realização dos meus sonhos. Como não me identificar com mulheres fortes e guerreiras se sempre fui cercada de amor e carinho da minha

avó, da minha mamãe, madrinha e tias?

Acho que a primeira vez que percebi que queria mais da vida foi no ano de 1984. Lembro-me do desfile de Sete de Setembro, inauguração da avenida Expedito. O desfile teve início às 14h e foi encerrado pela Escola Talma Sarmiento de Miranda às 20h. Foi uma tarde de espetáculo, sonhos e brilho quando a banda do Talma fechou o desfile com o famoso Quepe Boiadeiro (só quem foi da banda sabe); e balizas dançando com suas roupas e plumas coloridas, entre elas, uma das mais famosas, Astride. Foi impossível não sonhar com a possibilidade de pular, dançar naquele lugar. Ali eu percebi que queria aparecer, ou melhor, brilhar. Já era a veia artística querendo pular, saltar e acontecer (*som alto*).

(*para a sonoplasta*) Paulinhaaaaaaaaa, menos. Música ambiente, leveza, lembra?

Acho que ela está querendo me tombar. Mas não é por mal, é mais forte do que ela. Como ia dizendo, a partir daquela noite de sonhos, cores e brilhos, comecei a pensar no que podia fazer para aparecer. Comecei aos poucos a me inscrever em tudo ligado a arte na escola Stelida Dias: lia poesias, fazia danças coreografadas, manjedoura viva, etc., etc., etc.

Com todo o meu empenho, já tinha participado de tudo: quadrilha, dia do indígena, dia do trabalho, dia do folclore brasileiro, etc., etc., etc. Mas brilhar, que era bom, nada! Já tinha assistido a todos os especiais dedicados às crianças e estava cansada de assistir a todas as versões da Areta. Aquela mesmo, filha da Vanusa e do Antônio Marcos, parecia que não existia outra criança!

Descobri que quem mandava nas questões culturais da escola eram Tia Aurélia e Tia Maúde, professoras de educação física. Pensei: “*elas que me aguardem*”.

Cismeí que iria me tornar baliza. Todo mundo aqui sabe o que é uma baliza? Ou baliza para vocês nada mais é do que aquela manobra de trânsito? Então, era uma espécie de bailarina que ia à frente da banda marcial no desfile de Sete de Setembro pulando, saltando, etc., etc., etc.

Vocês têm noção do que é ser uma criança que se sente feminina enquanto o mundo a olha como masculina nos anos 80? Uma criança doce, romântica, educada, que amava os especiais de fim de ano direcionados para o público infantil dos anos 80: Pirlimpimpim, Plunct Plact Zum, Balão Mágico, etc., etc., etc.

*Performance – Música: Sereia*²

Retorna a narrativa ao público.

Gente, não existia nem a Xuxa! Vocês não têm noção de como era ser uma criança transexual nos anos 80 em Campo Grande, Cariacica, em um país chamado Brasil!

Não! Não! Resumo da ópera: problemas, mas não para mim, pois eu vivia tudo de maneira natural, pois a diferença sempre está no olhar do outro. Os problemas seriam para a minha mãe e, como sempre, para os

outros. Defendo até hoje que crianças não têm sexo, criança não divide o mundo assim. Naquela época, o mundo era muito binário: mulheres de um lado e homens do outro, e quem era diferente ficava no meio da rua, na melhor das hipóteses. E o que era o meio da rua? Homossexual, viado, sapatão, gilete, etc... Mas, enquanto eu era criança, tudo bem! Tudo bem olhando com uma lente rosa-azul.

(caminhando falando com o público) Como prometi não falar de tristeza neste monólogo, só vou contar mais um acontecido que não era legal nessa época. Alguns meninos (crianças), entravam em uma onda de se interessarem por mim, e eu não estava nem aí. Bando de pirralhos. Sempre preferi ser criança e sonhar com as bonecas da coleção Moranguinho, além do mais, eu sabia que aquele que não se tornasse homofóbico seria uma bicha incubada mal resolvida. Um dia desses, um me parou na porta de um shopping. Como ele era educado, parei para ouvi-lo, ele tinha virado pastor. Sabe o que me disse o jovem pastor? Abre o olho, o céu é exclusivo!

Pois bem, voltando à infância, os garotos que iriam se tornar homofóbicos ou pastores me enviavam cartas românticas, me cercavam na hora do recreio – mas eu não me alinhava com esses delírios, pois até hoje tenho uma resistência contra deixar de ser criança –, então eles me batiam, e eu só não apanhei mais porque várias mulheres maravilhosas, sem perceberem muito bem o porquê, me defendiam. Obrigada, Vera Neide, filha de Dona Idalina, que até hoje vive na rua onde fomos criadas em São Geraldo, e Maita, filha de Dona Fia; vocês foram anjos que iam me defender na porta da escola. Do fundo do meu coração e para sempre, obrigada.

Graças a Deus eu sempre tive uma família e amigas maravilhosas. Co-

mecei a fazer teatro na escola e foi bom, mas eu queria mais, queria ser bali-za, vivia saltando, pulando, virando estrelinha, ponte, espacate, etc., etc., etc.

Acho que, na escola Stelida Dias, eles todos me encaravam como uma sonhadora, então embarcavam na minha. Tipo assim: *“deixa, é criança, logo passa”*. Mas um dos momentos mais importantes na escola Stelida Dias foi quando me apaixonei, ou, posso dizer, me encantei por um menino fora do comum, diferente, chamado Genailsom, que era do terceiro ano, estudava na sala 9, no segundo andar. Foi um dia em que minha turma não teria mais aula, então eu fiquei, por acaso, no pátio após o recreio. Tia Maúde estava dando aula de educação física bem em frente à escola, onde hoje tem uma quadra, mas no passado tinha uma grande árvore e o chão era de terra batida. A turma toda estava em círculo, quando, do nada, no meio de um exercício, o Genailsom, que até então eu não sabia como se chamava, levantou a cabeça, destacando-se entre todos aqueles meninos, e é claro que ali o despertar da minha paixão se deu, pois ele era a cara do Menudo, e eu era louca pelo Menudo. Todos aqui sabem quem é o Menudo?

A partir daquele momento, eu queria saber tudo sobre aquele rapaz, mas era paixão de criança, ou melhor, namoro de criança: ficar perto, caminhar até em casa, coisas lindas que nos dias atuais não têm qualquer valor. Depois desse acontecido, percebi que algo em mim estava mudando, evoluindo, transformando-se. Uma das coisas importantes naquela fase de transição da criança Sandy para a Sandy adolescente foi quando, em uma noite de sábado, assisti no “Comando da Madrugada”, com o jornalista Goulart de Andrade, à primeira matéria sobre mulheres travestis na TV. Depois desse programa, comecei a prestar atenção em tudo, mesmo confusa, mas muito curiosa; gostava de ler e saber sobre o assunto, e só comecei a entender essas

mudanças quando eu fui estudar na Escola Talma Sarmiento de Miranda, no 5° ano – imagino que esperavam um menino e chegou uma menina ou um menino que não desenvolvia características masculinas.

Aquilo foi um choque para todos, mas a minha transexualidade era algo tão natural... Acho que, na verdade, eu era uma menina criança, pois ali eu comecei a conhecer e a ter que me defender da maldade que vinha de todos os lados.

Mamãe deve ter sofrido muito, pois quase todas as segundas-feiras era chamada na escola. A primeira amiga que fiz no Talma foi a professora Zetinha, que sempre me ouviu e me abraçou com carinho. Claro que o que mais confundiu a escola era eu não desenvolver características masculinas. Então eles queriam me colocar na gavetinha dos homossexuais, mas como?

Os meninos davam em cima de mim, fui proibida de fazer educação física, várias vezes fui obrigada a cortar o cabelo para entrar na escola – situações que hoje dariam processos e cadeia. Vocês não imaginam que frisson foi tudo isso nos anos 80!

Para todos à minha volta foi muito confuso, pois a pessoa transexual se vê de um jeito, e os outros de outra maneira, sempre com uma visão pior, de maldade ou condenação. Sempre usei uma frase: *“A sociedade quer que o diferente se dê mal, pois assim é mais fácil usar o discurso de ódio”*. Pois é muito fácil eu sentar ou deitar na minha caminha sequinha e quente e criticar os gays, as travestis e as transexuais que estão nas ruas lutando pelo pão. Para simplificar para vocês, eu me via como a Sandy da dupla Sandy e Junior, e os outros me viam como o Junior ou queriam que eu fosse o Junior.

O primeiro ano em que cogitei a possibilidade da cirurgia (troca de sexo/redesignação) foi 1988. Lembro-me como se fosse agora. Teve um passeio da escola para um jogo de futebol ao qual muitas meninas foram, e é claro que eu estava lá. Era um sábado; foi no sábado em que o Chacrinha morreu. Nesse passeio me interessei por um rapaz do time. E foi nesse momento que fui obrigada a compreender a realidade à minha volta. Chorei muito por perceber que, por mais natural que tudo tenha sido na minha vida, eu era diferente.

Algum tempo depois, tive um sangramento assustador, logo depois de uma festa de casamento de uma das filhas de Dona Fia, lá de São Geraldo. Mamãe começou a me levar a médicos na Santa Casa. Comecei a pensar na cirurgia de mudança de sexo, pois, pensava eu, “*se eu for politicamente correta, vocês não vão perceber nada*”.

Claro que a cirurgia nessa época era um sonho! Pois o Brasil nem sabia o que era isso. Mas, como Deus existe, no fim da década de 80, todas as revistas só falavam da cirurgia da Roberta Close em Londres (readequação). A Roberta Close era primeiramente um símbolo de beleza e, mesmo sendo colocada como uma travesti bonita, ela era um exemplo e espelho para as crianças e mulheres transexuais.

Ali se abriu um portal mágico, em que entendi que deveríamos lutar e superar todos os obstáculos, pois teríamos aonde chegar.

Graças a Deus, eu estava crescendo. Por um lado era bom, por outro não.

O que a adolescência fez comigo só era bom para mim, mas para o

mundo à minha volta não era legal, pois eu estava cada dia mais resolvida e em busca do que eu acreditava.

Mesmo sofrendo todos os tipos de preconceitos, ataques e maldades na escola e no meu bairro, eu fui forte. A sociedade não queria falar sobre o assunto, era mais fácil esconder, colocar debaixo do tapete ou simplesmente jogar um pano e condenar as pessoas diferentes a guetos que mais eram campos de concentração modernos, tipo assim, “*vá procurar os seus, o seu mundo, pois neste aqui não há espaço para você*”. Foram muitas coisas boas e muitas tristes também; muitos anjos na minha vida.

Conheci a boate Eros, um local de aceitação onde pude conhecer todo o tipo de pessoas, performances, gente do teatro, danças, artistas, pessoas sensíveis, ou seja, como dizia a voz do preconceito: eles eram os meus, o meu mundo.

Claro que ali também encontrei resistência, pois o mundo perfeito de Alice não existe. Mas, como sempre sigo a minha intuição, usei tudo a meu favor e comecei a trabalhar com teatro, cinema, dança, etc., etc., etc.

Conheci pessoas boas e pessoas más, pois pessoas recalcadas sempre me acompanharam. Não seria na fase adulta que seria diferente. Trabalhei, lutei e fui em busca da minha maior realização: adequar a minha genitália à minha cabeça e à minha alma. Pois eu sempre digo que a cirurgia de troca de sexo deve ser para mulheres que queiram de verdade, mas não muda nada, não transforma ninguém em melhor ou pior, nem muda o olhar dos outros perante você. Te olham com mais incômodo, desdenham, fazem comentários maldosos, querem te diminuir.

Na primeira fase, tentam ser leves, com maldades pequenas do tipo: “*ah, eu li em uma revista que quem faz o que você fez são pessoas depressivas com tendências suicidas*”, ou “*olha a castrada, ela era homem!*”. “*Dizem que quem faz o que você fez não sente mais prazer!*” Se você aparece com um namorado, começam já com perguntas idiotas: “*a família dele sabe?*”. Essas coisas. E, quando percebem que nada disso te atinge, começa a fase dois: “*você não pode ter filhos!*”; “*você não é mulher de verdade!*”.

Enfim, poderia ficar aqui horas contando maldades que já vivi para vocês, afinal, o nosso papo está tão bom, mas isso eu deixo para contar em outro monólogo.

Agora, em 2022, aos 50 anos, com saúde – graças a Deus –, eu só quero viver e ser feliz como qualquer outra pessoa mulher, ou não.

Obrigada por terem dedicado um pouco da vida de vocês a ouvir um pequeno resumo da história de Sandy Vasconcelos. Uma velhinha de 50 anos feliz.

*Performance – Música: Joia*³

3 Música *Joia* - Artista: Rosemary.



Engaço 1
DE UMA ANTIGA INTIMIDADE

Lara Cardozo



APRESENTAÇÃO

Escrever foi a minha primeira forma de vida. Antes disso eu corria pela vida, mas a vida não corria em mim. Foi através das palavras que eu me apresentei a mim mesma. Também foi em busca delas que eu me perdi tantas vezes. Escrever me coloca diante das tantas que sou, que fui, que virão, e das que eu jamais serei, e tudo bem. Escrever é descobrir que o que eu invento não é falso, é descobrir que a realidade é múltipla, é descobrir que a arte existe, porque a vida acontece. “Engasgos de uma antiga intimidade” surge porque a vida ensina e a arte explica, mesmo que não diga nada. Mesmo que diga tudo. Mesmo que o bolo na garganta só tenha crescido. A arte explica porque ela nos chama de um jeito que, às vezes, a vida esquece.

Os personagens não têm nomes. Isso porque essa história não é nada

original. Porque essa mãe pode ser a sua, ou talvez você. Porque essa é mais uma família brasileira em que o amor é honrar o sangue, mesmo que machuque. Doar mesmo que doa. Amar é o cuidado que não aprendemos a dar ou receber, mas que revelamos através dos sacrifícios que fazemos para com a nossa própria vida. E foi assim que o amor se apresentou a mim, ou pelo menos o que me disseram que era amor: amar o outro é sacrifício. Então amar o próximo é se amar menos? Depois de crescida e de ter me mudado para outra vida, ainda que a mesma vida com uma roupa diferente, eu cheguei a algumas respostas para essa pergunta, que, feita dessa maneira, parece fácil de responder, mas que, inserida na soma de uma existência com a outra, é diluída no chorume da culpa e da vergonha em que nossa sociedade foi erguida. Jesus também falou algo parecido: *“Amai o próximo como a ti mesmo”*. Talvez no tempo dele o amor próprio fosse mais comum que nos dias de hoje. No nosso tempo, soa como um convite à guerra. Você que me lê que me perdoe, eu não trago respostas. Não há esperança em minhas palavras, mas espero que não me leve a mal e que não se engane. A vida ensina. Eu não digo isso porque acredito que seja preciso sofrer para aprender. Não. Eu digo isso porque é possível aprender de diversas maneiras, às vezes é através da imitação, e outras é fazendo diferente. A arte explica.

ENGASGOS DE UMA ANTIGA INTIMIDADE

Lara Cardoso

Personagens:

AVÓ - Essa também é mãe, é a general do galinheiro. Sempre de bico, sempre posuda. O corpo dela é resultado da tristeza que nos amarga.

MÃE - Essa também é filha, é a viciada em se doar. A mulher que equipara amor a sacrifício. O corpo dela é resultado da falta de quem deu tudo o que tinha.

FILHA - Essa também é neta, também é irmã e outras, é a cansada, a dramática. A mulher que muda espera mudanças. O corpo dela é resultado de uma torneira pela qual não para de cair água e de um ralo tapado.

FILHO - Esse também é neto e é outros. É a voz, o grave, a indiferença, a rigidez. O corpo dele é resultado de toda porrada vestida de “vira homem” que recebeu na infância.

NAMORADA DO FILHO - Polida.

NAMORADO DA MÃE - Macho.

TIA - Alcoolista.

MULHER - Ardilosa.

CENA I - Aja como se o tempo não tivesse atuado

Ouvem-se vozes. Muitas vozes. A casa está cheia e não há muitas pessoas. O céu é de um azul sem nuvens. Um bom pedaço de céu namorava aquele quintal. A mãe está empenhada nas atividades para melhor receber a todos. Com a vassoura na mão, varre a cozinha com agilidade. Varre a terra que os chinelos levaram pra dentro, varre o chinelo esquecido, o tapete embolado, a tampa que caiu no chão e ninguém tirou de lá. Vai varrendo, vai varrendo, vai varrendo. Coloca tudo em um canto e abandona a vassoura encostada na parede. Abre a geladeira e coloca as verduras nos braços, ansiosa, cebola, tomate, pimentão, cenoura. Leva-as para a pia num passo que intenciona agilidade. Começa a descascar a cebola e se lembra da água no fogo. Abandona a faca sobre a tábua e desliga o fogo. Prepara a garrafa, o coador e o pó de café para receber a água quente. O coador é de pano, tem alça, não tem apoio. Seus braços estendidos. Um segura, outro despeja. A perna numa tremedeira veloz e natural que fantasia estabilidade ao corpo. Os braços estendidos. Um segura, o outro despeja. Com o vazio do tempo que o café exige para mudar de forma, o silêncio repousa entre os braços arqueados, e a mãe diz:

Mãe - Quem vai me acompanhar numa cervejinha?

A avó, general do galinheiro, está a postos com as mãos para trás, o peito estufado, a cabeça arqueada e o bico, a se ver de longe. Caminha de um lado a outro com anotações mentais que transparecem em olhares o no rhum rhum que emite como um motor que precisa roncar para acontecer.

A filha, que também é neta, treinada em ignorar a general, responde à mãe:

Filha - São dez horas da manhã, mãe! A gente nem tomou café ain-

da *(dá uma risada como um kkk que usamos no final de uma mensagem de texto a fim de tirar a seriedade de uma frase séria).*

A mãe dá de ombros.

O filho, que também é neto, treinado em ignorar a general, responde à mãe:

Filho - *(pensa e dá de ombros)* Ah, bora tomar uma!

Mãe - *(empolgada)* Aê! Filhote vai acompanhar a mamãe!

A mãe termina de passar o café, caminha até a geladeira, pega um litrão de cerveja, coloca sobre a mesa e abre. Serve os dois copos.

Mãe - Não vai mesmo querer, filha?

Filha - *(indiferente)* Depois, mãe.

A mãe volta para os legumes, apoia a sola do pé direito na parte interna da coxa esquerda. Em uma mão, a cebola, na outra a faca, que reveza com o copo de cerveja. Dá um suspiro como quem vai contar uma grande novidade.

Mãe - Vocês não vão acreditar! Sabe o Marcos, filho da dona Neuza ali da rua de trás?

Filha - Não sei. Que Marcos?

Mãe - Sabe sim! O Marcos. A mãe dele é enfermeira ali no posto.

Filha - Ih, mãe. Não sei.

Mãe - Depois que você foi embora, você esqueceu de todo mundo. Não sei como não se esqueceu de mim.

Filha dá de ombros.

Silêncio.

Mãe - Ah, seu irmão vai lembrar. Lembra dele, filho?

Filho - *(indiferente)* Sei quem é não!

Mãe - *(indignada)* Nossa! Vocês não sabem de nada.

Filho - O que tem ele, mãe? Fala logo.

Mãe - Ele foi preso semana passada, mas vocês não conseguem lembrar quem é, então não tem graça.

A filha levanta as sobrancelhas enquanto olha para o irmão, que sorri de lábios colados.

Filha - Não tem graça mesmo.

O filho tenta se mostrar interessado com tão pouco esforço que parece deboche.

Filho - Ah é, mãe? Por quê?

Mãe - Ah, vocês não querem saber...

Filha - Queremos saber de você, mãe! Como você está?

Pega pela surpresa, murcha o rosto com os olhos caídos e depois desencara-cola as rugas em otimismo.

Mãe - Tudo bem, filha. As coisas estão mais apertadas, mas, se Deus quiser, vão melhorar. Tem casa, tem comida, tem trabalho, então tá tudo certo! Só a sua avó que está insuportável e me tira do sério. Só reclama o dia inteiro, não dá um sorriso pra ninguém. Nunca vi mulher tão amarga, tão triste. Deus me livre ficar igual a ela. Dia desses eu perguntei pra ela “mãe, por que a senhora é tão triste?”

Luzes se apagam.

CENA II - Vence aquela que mais perdeu

A avó, que também é mãe, está em seus aposentos. Uma cama de casal que tem dois aparadores como cabeceira, e lá eles amparam e sustentam os anos e as memórias que consolidam o corpo frágil da velha. Há um retrato do marido ainda moço, não muito antes de morrer, um retrato de sua própria juventude, um retrato da filha quando ainda não podia tomar as próprias decisões e um tanto de quinquilharia valiosa que ninguém pagaria para ter. Uma parte da cabeceira é só de potes de biscoitos, que ignoram o fato de que a velha mora na própria casa com a filha, e não em uma república de estudantes. Lá está ela, escorada numa montanha de travesseiros que fazem com que ela não esteja nem sentada, nem deitada. Escorada na pilha de almofadas enquanto assiste à televisão, do mesmo modo como se escora na pilha de memórias enquanto assiste à vida passar.

A mãe, que também é filha, aproxima-se e para no portal do cômodo. Nem dentro, nem fora.

Filha - Mãe, quero conversar com a senhora.

Mãe - Rhum. *(olha rapidamente para a filha e retorna o olhar para a televisão)* E o que é agora? Você nunca conversa comigo.

Filha - *(aziada)* É por isso que nunca conversamos. Você está sempre mal-humorada, sempre pronta para atacar qualquer pessoa.

Mãe - Até parece! Você não conversa comigo porque vive agarrada com esse homem para cima e para baixo. Trouxe ele para dentro da minha casa e eu não tenho direito a mais nada! Vocês só sabem beber e fumar o dia inteiro. Você não era assim, minha filha. Eu não sei o que houve.

Filha - *(impaciente)* E você queria o quê? Que eu ficasse sozinha igual à senhora? Sozinha e amargurada desse jeito?

Mãe - Você acha que vai ficar diferente de mim, é? Não conseguiu segurar o marido, seus filhos já foram todos embora também. Você não firma com macho nenhum. Quero ver quanto tempo até você começar a procurar outro.

Filha - E você queria que eu segurasse um marido que me bate? Que tipo de mãe é essa que quer ver a filha apanhar? Parece que você não quer me ver feliz.

Mãe - Rhum. Pra você, felicidade é enfiar a cara em bebida o dia inteiro e ficar catingando a minha casa de cigarro.

Filha - E, pra você, felicidade é o quê? Ficar enfiada nesse quarto o dia inteiro? Aposto que sua alegria é reclamar o tempo todo.

Mãe - Felicidade? Eu não sei o que é isso. Não sei o que é felicidade desde que seu pai morreu. (*voz embargada*) Nunca pensei que eu seria tão infeliz, meu deus! (*fala olhando para o céu, que é o teto*)

Filha - Eu não entendo por que você não é feliz, mãe. Tem casa, tem comida, tem saúde. Precisa de mais o quê? Tanta gente querendo ter o que você tem e você não sabe agradecer. Eu vejo tantas senhorinhas felizes, caminhando, fazendo atividade física na praça, saindo com as amigas, e a senhora só fica de cara emburrada, trancada no quarto. Você vai ficar doente nessa cama.

Mãe - (*indignada*) Ficar doente? Eu já estou doente! Você é que não está nem aí pra mim. Você não me enxerga, não fala comigo, não vem no meu quarto ver como eu estou.

Filha - Eu estou aqui, não estou? Mas é sempre assim, eu nem entro no seu quarto e você já começa a encher o saco! Você não vê o que eu faço por você? Eu não tenho vida por sua causa! Estou presa com você há mais de quarenta anos, porque sou a única que te aguenta. Seus outros filhos não estão nem aí! Eu não consigo fazer planos com a minha vida, porque

tenho que cuidar de você, mãe. Não posso sair de casa, não posso trabalhar fora, não posso viver a minha vida do jeito que eu quero. Eu faço tudo pela senhora e você não reconhece! Você não faz ideia do tanto de oportunidade que eu perdi por sua causa. Você acha que eu sou feliz?

Mãe - *(sem olhar para a filha)* Eu não te pedi nada. Faz o que você quiser.

Silêncio.

A filha olha para baixo enquanto roça um pé no outro. Respira profundamente, como se encher os pulmões com o ar dessa melancolia vestida de raiva fosse fazer brotar esperança.

Filha - *(voz mansa)* Mãe, sua saúde é melhor que a de muita gente. Por que você não aprende a aproveitar a vida?

Mãe - *(grita)* Porque eu não quero viver. Porque eu não vejo a hora de Deus me levar daqui! Meu castigo é estar presa nessa casa. Meu castigo é estar presa a você!

Silêncio.

Os olhos da filha marejam. Ela cava as laterais das unhas das mãos com outras unhas, com dentes, com raiva e, sobretudo, com tristeza. Ela fantasia que arrancar partes de si lhe fará outra, mas já se convenceu de que está condenada a ser quem é. Agora, com mais feridas.

Sai do quarto em que não entrou sem falar o que pretendia dizer, ouvindo mais do que queria escutar e com aquela velha sensação de choro preso dos tempos em que ainda brotavam águas de seus olhos.

A mãe, general do galinheiro, ainda mantém a postura. Mas só ela sabe quantos pedaços de peito a vida lhe havia cobrado.

CENA III - Na fervura dos legumes, os afetos

A casa do irmão era quente. Ele ofereceu um vinho para acompanhar o preparo do almoço em que ambos estavam envolvidos. A irmã disse sim com uma certa empolgação, mas não queria. Tampouco ele queria. Fazia tanto tempo que eles não se viam. Como celebrar o sangue que corria em suas veias?

Irmã - *(com a taça na mão, antes de beber, pergunta ao irmão)* Esse vinho é suave?

Irmão - Vinho seco é horrível! Não sei como você gosta. *(risada sarcástica)* Você é toda do contra, né?! Aposto que gosta de café amargo também.

Irmã - *(sem expressão)* Eu gosto. *(bebe o vinho)*

Irmão - Tá vendo?! Do contra!

A água em sua fervura fazia os legumes dançarem.

Ela observava o silêncio das bolhas estourando uma atrás da outra.

Irmã - Você prefere a cenoura molinha ou ao dente?

Irmão - O que é “ao dente”?

Irmã - É mais durinha. Você prefere como?

Irmão - *(surpresa fingida)* Aaah, aposto que você prefere “ao dente”, né?!

Ela deixou os legumes amolecerem.

Namoradacunhada - Vou fazer um suco.

Irmãnamorado - Mas a gente tem Coca-Cola!

Namoradacunhada - Sua irmã não bebe refrigerante.

Irmãcunhada - Ei, precisa fazer não, que eu gosto muito de água

também!

Falou enquanto lavava as folhas para a salada. Não levantou os olhos ou a cabeça. Parecia indiferente.

Irmão - Você não quer suco de maracujá? *(fala abaixando a cabeça e levantando os olhos, é cínico)*

Irmã - *(empolgada)* Quero!

Amava suco de maracujá.

O irmão a olha de lado ensaiando a frase caso ela dissesse não. Ele bem sabe que ela adora suco de maracujá. Que tipo de pessoa fingia ser? Não poderia ter mudado tanto.

Irmão - Ah bem!!! *(entre gargalhadas)*

A menina não sabia contra quem estava indo quando seu corpo experimentava o mundo. Naquela tarde, quebrava as regras sem consciência e sem prazer. As comparações aperreavam a menina. Aperreavam seu irmão também, e é exatamente assim que aprendemos a reproduzir cobranças que nunca morrem. Passamos nossas dores ao outro como se elas fossem sumir da gente. Não somem.

Todos estavam enchendo a mesa de pratos, travessas, talheres e silêncios. Depois, deles próprios.

A mesa cheia, ainda que repleta de vazios.

As travessas estão vazias, a comida é imaginária.

Todos enchiam os pratos de vazios e se dedicavam ao ritual que faz a vida possível.

Tendo todo o salão do silêncio para si, a irmã lembrou-se de seus olhos

marejando pela manhã. Em sua lembrança, a cena se repetia.

Palco se apaga. Ouve-se o choro da irmã. Em seguida, a voz de seu irmão.

Irmão - *(em tom alto)* Por que você está chorando? *(risada soprada, sarcástica)* Eu só te fiz uma pergunta simples! Por que você cria caso com tudo? Tudo chora, tudo emburra. Você vai crescer quando?

Irmã - *(entre soluços)* Por que eu estou chorando?? Por que estou chorando? Estou chorando porque você quer respostas prontas. Simples. Prontas. Porque você não sabe conversar. Estou chorando porque você não entende que uma casa de alvenaria é construída tijolo por tijolo. *(com raiva, entre o choro)* Estou chorando porque você me arranca de mim e me exige fim. Porque você pergunta, mas não quer ouvir. *(voz embargada)* Estou chorando porque a sua ansiedade desperta o pior de mim: a minha ansiedade. Eu estou tentand... *(voz do irmão a interrompe)*

Irmão - *(gritando, estressado)* Vai direto ao ponto! É isso ou é aquilo! Você fica enrolando... enrolando... enrolando... que saco! Explica logo essa merda!

Silêncio.

A menina chorava porque sabia que chegar ao fim sem encarar o processo é como ter diploma sem ter ido à faculdade. Chorava porque sabia que o título da reportagem não trazia consigo a notícia. Chorava porque a população brasileira é educada por manchetes e diplomas comprados.

Chegou ao fim. Mas preferia ter se perdido pelo caminho.

Luzes se acendem com todos reunidos à mesa.

Depois do transe, sacudiu a cabeça e violentamente retornou à refeição.

Todos sorriem um para o outro entre uma garfada e outra. Seus sorrisos são congelados como se seus rostos tivessem sido anestesiados. Os corpos ro-

bóticos freneticamente fazem movimentos travados. Servem os pratos com os seus vazios. Sorrisos congelados, olhos arregalados, movimentos robóticos, travados. Tudo é cena.

A menina estava feliz. Estava com o seu irmão.

Fazia tanto tempo que eles não se viam.

CENA IV - Corpos violentados

É noite, por volta das 21h. A filha veio visitar a casa da mãe, casa que um dia também chamou de sua. Carrega junto à bagagem sua feição cansada, seu corpo vergado e a apatia de quem já não se lembra de quantos dias compõem a semana e quantos desses um corpo aguenta sem dormir. A mãe quer comemorar a chegada da filha. A filha quer chegar.

A mãe a abraça apertado, ainda de lado, e faz um movimento para a caminhada.

Mãe - *(feliz)* Que bom que você chegou, filhota! Vamos tomar uma cervejinha? Tem uns amigos lá no bar da Neuza esperando a gente.

Filha - Poxa, mãe. Eu estou bem cansada. A viagem durou mais do que o esperado e eu trabalhei muito essa semana. Quero chegar em casa, comer e descansar. Vamos? Lá a gente conversa.

Mãe - *(indignada)* Ah, você não vai fazer isso, né? Eu falei pra todo mundo que você ia. Fulana quer te conhecer, ciclana tá doida para te encontrar de novo, beltrana nem acreditou quando eu falei que você viria! Vamos lá. Só um copinho!

Ambas sabem que um copinho não corresponde à unidade.

Filha - (*desanimada*) Eu tive uma semana difícil, mãe. Hoje não é um bom dia pra isso.

Mãe - Por isso mesmo! Você merece uma cervejinha.

Filha - Eu ficaria mais contente se pudesse descansar.

Mãe - Só uma passadinha, não vamos demorar.

E puxou a menina pelo braço; ela cedeu. Fazia tanto tempo que não via sua mãe.

Chegaram ao bar. Não havia ninguém ali que a menina conhecesse, mas a mãe, orgulhosa, fez questão de apresentá-la. A menina colocou a bolsa na cadeira e ensaiou um sorriso.

Mãe - Quer uma cerveja, filha?

Filha - Não vou beber. Meu corpo não está legal pra isso.

Mãe - Tem um drink delicioso de morango, você quer? Mamãe compra pra você.

Filha - Não, mãe. Obrigada.

A mãe puxa a menina para um lado e para outro, apresentando-a para todos do boteco. “Essa é minha filha que mora lá na capital.” A mulher está tão contente com a visita da filha que não teve sequer tempo de olhar para ela.

A menina viu a tia ou a tia viu a menina. Era tia, mas não tinha sangue. Era dessas tias que não é irmã do pai nem irmã da mãe. Essas tias que, na verdade, são mulheres que te viram crescer. Em comunidades tem muito disto: dar tias, madrinhas e primos aos filhos. Às vezes acontece um tio ou um padrinho também, geralmente os companheiros das elegidas, que participam de gaiatos. É preciso criar família para fincar e florescer, todos concordavam.

A tia enfiou a menina dentro de um abraço violento e caloroso.

Tia - *(com a fala empolgada de um corpo alcoolizado)* Minha sobrinha querida. Quanto tempo! Você sabe que você é minha sobrinha mais doida, né?! Eu falo para todo mundo que eu tenho uma sobrinha que é louca, mas que nunca me faltou com o respeito. Cadê, isso é uma tatuagem nova? Tem mais? Deixa eu ver. *(a mulher começa a tirar a blusa de frio da menina com gestos violentos, puxa a manga para cima, puxa a gola para baixo, vai torcendo o braço da moça para um lado e depois para outro, gira ela para lá, gira ela para cá...)*

Tia - Mostra pra titia. Tem mais onde? *(com a menina de costas, levanta a blusa, estica as calças para ver dentro. A menina, na tentativa vã de impor qualquer limite, faz movimentos com o corpo que não a ajudam nem a interrompem)*

Tia - Cadê? Aposto que tem piercing também, não tem? *(levanta a blusa da menina e vê que no umbigo não tem nada)*

Tia - Ah! Seu piercing fica escondido lá na bicha, né?! Você deixa a titia ver, não deixa? A titia já viu mesmo. *(entre muitas e muitas gargalhadas)*

A menina ajeita a própria roupa no corpo, com feição de desconforto, entrega o sorriso de nervoso que tanto ensaiou e afasta a tia.

Sobrinha - *(voz firme, ainda que desconfortável)* Não tem piercing em lugar nenhum. Você está bebendo desde que horas?

Uma mulher se aproxima e a tia rapidamente a puxa para perto.

Tia - Essa daqui é minha sobrinha (*apontando para a menina*). Ela é louca! você vai adorar ela. (*as duas se olham, a tia continua*) Ela gosta de fumar um negocinho... Posta foto pelada e tudo na internet... Eu já falei para a mãe dela proibir isso! Minhas filhas eu não deixo fazer um negócio desse jamais! Mas sabe o que a mãe dela me respondeu? “*Vai lá tentar proibir ela de fazer qualquer coisa. Eu nem tento mais.*” (*muitos risos*) Eu até tentei conversar. Lembra? (*fala olhando para a sobrinha, mas não espera resposta*) Mas é assim mesmo: doidinha. Ninguém segura essa menina. Olha só como virou um mulherão da porra!

A mulher olha a menina de cima para baixo e sorri. A menina está cansada demais para falar qualquer coisa e habituada demais para saber que falar qualquer coisa não mudaria coisa alguma.

Mulher - (*para a menina*) Você gosta mesmo de tirar fotos pelada?

Sobrinha - (*indiferente*) Gosto! Não acho nada de mais tirar fotos do próprio corpo.

Mulher - Eu tenho coragem também! Você mora onde ali em Vitória?

Sobrinha - No Centro!

Mulher - Que babado! (*fala como se tivesse criando coragem naquele momento*) Então eu vou te visitar pra gente tirar fotos peladas juntas!! Pode?

A menina ri entendendo o convite e diz “bora”, ciente de que jamais verá aquela moça de novo.

Tia - Ih, já entendi tudo! (*para a sobrinha*) Ela gosta de mulher, sabia? Você gosta de mulher também, não gosta?

Sobrinha - Doida é quem não gosta. (*ri da piada que fez, a mulher ri*

também. A tia ri. Todas riem)

E em um momento de distração...

Tia - Ah, então resolvam isso logo! *(a tia fala enquanto gruda uma mão na cabeça de uma e gruda a outra mão na cabeça da outra. Com violência e rapidez, empurra ambas as cabeças ao encontro uma da outra, forçando um beijo. Vira as costas e vai ao encontro de outros amigos. As cabeças se chocam, os lábios se encostam e os corpos se estranham. A mulher dá uma risada desconfortável como quem diz "o que faremos agora?". A realidade leva um tempo até pousar no colo da sobrinha, que, no limite de sua simpatia, enrijece o corpo e a voz e caminha em direção à sua tia. Coloca a mão em seu ombro e a gira com força)*

Sobrinha - *(voz firme)* Eu jamais te empurraria para beijar um homem desconhecido só porque você gosta de homem, então não pense que você tem o direito de fazer isso comigo. Infelizmente, nada do que eu conversar com você agora fará sentido amanhã, então boa noite.

A tia dá de ombros e, num único gole, esvazia o copo de cerveja. A menina vira as costas e vai em direção à mãe, e, pelo menos em nome, torna-se filha de novo.

Filha - Mãe, eu vou embora. Estou realmente muito cansada e já faz horas que estamos aqui.

Mãe - Ah, só mais um pouquinho, filha.

Filha - *(sem paciência)* Você fica e eu vou. *(coloca a mochila nas costas)*

Mãe - *(revira os olhos e bufá)* Então vamos todos. *(vai chamar o namorado)*

Seu namorado está trocando as pernas de tão bêbado. Não questiona o convite de ir embora e só pede um minutinho para comprar mais um latão.

Caminham os três em direção ao carro. O homem mal consegue abrir a porta do automóvel.

Filha - *(para o namorado da mãe)* Cara, você acha mesmo que está em condições de dirigir?

Ele lança um olhar para a garota como se ela tivesse sido corajosa demais para tamanha ofensa e prepotente demais para pensar que ele não sabia como dirigir o seu carro.

Namorado da mãe - *(voz ofendida e firme como a de um bêbado)*
Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas. Eu faço isso todo dia! Conheço esse bairro como a palma da minha mão. Todo mundo me respeita por aqui. Eu sei o que tô fazendo.

A menina fica muda. Está cansada. Todos entram no carro. A mãe também não fala nada. O homem começa a dirigir com a habilidade de quem nunca dirigiu e com a confiança de um velho caminhoneiro.

Namorado da mãe - *(para a mãe, com uma voz decisiva e descontrolada)* É isso aí! Eu fiz o melhor que pude por essa família. Você não reconhece nada do que eu faço. Eu cansei.

Mãe - *(voz mansa)* Você bebeu demais, vamos chegar em casa que a gente conversa.

Namorado da mãe - *(grita com violência)* Que casa? Eu não tenho nada. É tudo seu. Eu não quero saber de nada. Tá tudo acabado. Você não entendeu??

Mãe - *(sem paciência, mas habituada, revira os olhos, bufando como de costume)* Ai, tá bom, vamos chegar primeir...

Uma fala interrompe a outra.

Namorado da mãe - (*gritando*) Não tem conversa. Eu vou só deixar você e sua filha lá e pego minhas coisas. Vou embora.

Mãe - (*gritando*) Vai embora pra onde?

Namorado da mãe - (*gritando*) Eu tenho casa. Não preciso de nada que seja seu. Só vou pegar minhas coisas. E você vai cuidar da sua vida.

Mãe - (*gritando*) O que você tá falando??? Da onde você tirou tudo isso?

Namorado da mãe - (*descontrolado*) Cansado de ser tratado assim por você, fica enchendo a cara, se comportando como uma piranha. Todo mundo viu, tá todo mundo vendo. Sou otário, não.

Mãe - Tá bom. Tá bom. Cala a boca e dirige.

Ele não calou a boca. Tampouco ela calou. A mãe parecia uma velha marinheira. Conhecia os mares agitados e sabia que no dia seguinte o sol traria a mansidão das águas. Ainda assim, havia trabalho a ser feito durante a tempestade e o corpo dela também era feito de carne e emoção. As falas se cruzavam umas nas outras, o carro cruzava a pista de uma extremidade a outra. Gritos e ofensas. Carro desgobernado. Gritos e ofensas. Gritos e ofensas. A filha estava quieta no banco de trás, com o queixo sobre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos. Observava tudo com muita atenção. O cruzo das palavras, os gritos, o movimento do carro, as ameaças... nada importava. Se o carro batesse, capotasse, queimasse, se todos morressem. Não importava. Ela assistia à briga do casal sem meter a colher, nem sequer procurou por uma. Estava cansada. Não era marinheira, só não se importava em afundar.

Chegaram em casa. Em pé, com os braços cruzados, a filha observa o casal de longe. Tornou-se apática para com o próprio cansaço. Já assistiu à mesma

cena várias vezes, com outros homens. Sabia o que tinha que fazer quando precisasse fazer. Não seria o primeiro que ela colocaria para fora de casa. Os namorados parados do lado de fora da casa conversam alguma coisa inaudível. A filha não desvia o olhar do rapaz. Olha para ele como se seu olhar fosse faca. Seu corpo está rígido. A mochila ainda nas costas. Olha nos olhos do rapaz e nenhuma palavra sai da sua boca. Seus olhos o ferem. Ele finge não sentir. A menina segue assistindo à cena do casal.

Mãe - *(gritando, pegando no braço do namorado)* Para de show. Vamos dormir. Você está bêbado.

Namorado da mãe - *(faz movimentos com o corpo, agitado)* Vai dormir você. Eu vou embora, já disse.

Mãe - *(voz agressiva)* Vai pra onde? Atrás daquela piranha, é?

Namorado da mãe - Vai dormir. Eu sei o que eu faço com a minha vida. Você não tem moral pra falar comigo!

A mãe faz um movimento com os braços para encostar no rapaz e ele rapidamente segura com firmeza os seus pulsos. Olha nos olhos da mulher como quem diz “esqueceu quem é que manda?!”. E violentamente joga os braços da mulher para o chão com uma força que intenciona arrancá-los do corpo. Depois empurra a mulher para trás e vira as costas.

Mãe - *(aos gritos)* Então vai embora! Pode ir. Faz o que quiser!

Silêncio.

A mãe fica parada assistindo ao homem ir embora. A filha está parada assistindo à mãe. A mãe, então, respira profundamente como se encher os pulmões com o ar dessa melancolia vestida de raiva fosse fazer brotar esperança.

Mãe - *(olha para a filha e sorri)* Então, filha. Vamos tomar uma cervejinha com a mamãe?!

Silêncio.

Filha - *(respira fundo. Seu rosto é triste, sério)* Estou cansada de te ver em relacionamentos abusivos.

Mãe - *(exalta-se)* Epa, epa! Abusivo nada!! Ele nunca me bateu!

Filha - Eu sinto muito por você pensar que agressão é só porrada no olho.

Mãe - É, mas eu fiquei com um cara que me dava porrada no olho por sua causa. Sua e do seu irmão!

Filha - E a responsabilidade é minha por você se dedicar tanto para ser esposa, pensando que isso daria uma família para os seus filhos?

Mãe - Eu fiz o que eu pude, e agora estou tentando cuidar de mim.

Filha - Você está se cuidando?

Mãe - Sim. Ele é a única pessoa que me enxerga de verdade. Você foi embora, seu irmão foi embora. Seu pai só me tinha para fazer a comida dele e sua avó só vive para me dar trabalho. Ele me ajuda, me entende. Me leva para sair quando percebe que eu estou mal, faz a janta quando eu chego cansada do trabalho, faz planos comigo...

Filha - Ele mora na sua casa e não trabalha. Você realmente acha que fazer a janta, que também é pra ele, faz dele um homem bom?

Mãe - *(vira o rosto de lado, inclina o corpo)* Você não entende.

Filha - *(voz mansa)* Eu entendo, mãe. Você não aprendeu a se amar ainda. É difícil mesmo. O que você não entende é que você é capaz de fazer isso, e o primeiro passo é entender o que realmente é bom pra você.

O que você realmente merece depois de ter passado por tudo isso.

Mãe - (*indignada*) Eu me valorizo! Ele é um dos melhores homens que passaram na minha vida. Você que implica com ele.

Filha - Isso significa que você se relacionou com péssimos homens e isso não faz desse um homem bom. Quantas vezes você me viu emburrada tendo que colocar homem para fora de casa porque não te respeitava? Quando é que VOCÊ vai começar a se respeitar?

Silêncio.

Mãe - E o que é que você sabe? Você não está aqui pra ver nada. Ele é um homem bom, cara. Ele me ama, eu amo ele. Isso que importa.

Filha - O que é o amor?

CENA V - Coreografia do adeus

Era fim de tarde de um domingo qualquer quando a senhora, general do galinheiro, cansada do seu motor ignorado, decide aposentar o velho carro da vida. Seu corpo estava coberto por um vestido branco, desses com cara de camisola, mas que ela usava por todo canto. Seus cabelos grisalhos estavam soltos e ela tinha um lenço sobre a cabeça. Estava em seu quarto, sozinha em casa, mas, ainda assim, checou o lado de fora das janelas antes de fechá-las. O mesmo fez com a porta e, depois, apressou-se, olhou para um lado e depois para o outro como se existissem olhos nas paredes. Sentou-se na beira da cama e abriu a gaveta onde guardava todas as coisas com a mesma função: a de fazer a memória vencer o tempo. De lá ela retirou alguns desses objetos-histórias e espalhou-os sobre a cama. Em seguida, puxou uma caixinha do

fundo da gaveta, colocou-a sobre o colo e respirou profundamente: dentro... (inspira) fora... (expira). Pegou a Bíblia que estava em sua cabeceira e encostou-a no peito, fechou os olhos e fez uma oração em silêncio, em voz alta foi somente o pedido de perdão.

Mãe - Perdão, meu Deus. Mas só o senhor sabe do meu sofrimento. Cansei de esperar a sua vontade. Talvez você tenha se esquecido de mim. Talvez queira que eu aprenda mais alguma coisa... *(pausa)* mas eu estou cansada demais para aprender. Eu estou cansada de padecer. Eu quero descansar. Eu quero amar de novo. *(colocou a Bíblia de lado. Abriu a caixa e de lá tirou vários remédios que, com muito custo, havia conseguido colecionar ao longo do tempo. Segurou o retrato do falecido marido nas mãos e olhou-o com ternura)*

Mãe - Agora seremos só você e eu, meu amor.

Tomou um remédio, pediu perdão. Tomou outro remédio e disse "Estou chegando, meu amor". Tomou mais um, não disse nada. Tomou outro, e mais outro, e mais um. A velha organizou a pilha de almofadas e escorou-se. Dessa vez, não ligou a televisão. Um vento forte soprou. Ela não sentiu, mas ouviu. OuvIU também, pela primeira vez, os pássaros que cantavam em seu quintal todos os dias. Achou bonito. Fazia tempo que ela não achava qualquer coisa bonita. Fechou os olhos com a mão sobre o peito e ali ficou, reconhecendo pela primeira vez a beleza de ouvir. Lágrimas rolaram pelo seu rosto e em seguida mais lágrimas, essas correspondiam à alegria de ainda haver lágrimas. Como quem finge dormir até pegar no sono, a velha ficou ali, paradinha, paradinha, paradinha...

Filha - *(entra no quarto já falando, com tom de pressa e indignação. Veste calça e blusa, os cabelos estão presos e está com um lenço na nuca, caindo sobre o peito)* Ô, mãe. A senhora não fez almoço hoje não, é? Meu horário de

almoço é tão curtinho. Eu achando que ia chegar em casa e comer, mas ainda tenho que fazer o almoço e você em casa o dia inteiro. Não vai nem dar tempo de descansar antes de trabalhar de novo. Poxa vida, hein!!

A velha segue quietinha. E cada piscadela lenta que dá é como se não fosse haver uma próxima. A filha se aproxima e vê a sonolência da mãe.

Filha - Mãe?? (a filha olha ao redor da cama e pega uma caixa de remédio. “Prozac”, diz em voz alta. Depois pega outro – “Fentanyl” –, e outro – “Amoxicilina” –, e a cada caixa vazia que ela pega o desespero aumenta. Ela lê o nome do remédio, olha pra mãe, pega o próximo – “Venlafaxina”. O desespero aumenta. O rosto enruga, a respiração se torna ofegante, o corpo encaracola. “Varfarina”. Olha assustada para a mãe. “Rivotril”. Grita desesperada enquanto sacode a mãe na cama) **MÃE, O QUE VOCÊ FEZ??**

Na terceira sacudida, a velha engasga. No primeiro espasmo da mãe, o corpo da filha enverga, as vértebras no alto da coluna inclinam a cabeça para a frente, e começamos a acompanhar a putrefação de uma fruta madura, murchando. A filha se levanta e vira a mãe de lado, mas de nada adianta, pois o corpo dela não tem forças para expelir o que seria o vômito. A velha engasga de novo, e o rosto da filha se fecha, rugas aparecem. A velha engasga, o corpo da filha pesa, a velha engasga, os braços da filha enfraquecem. Engasga. O andar lento da filha de uma ponta a outra da cama é tão perdido quanto seus olhos. Seguimos acompanhando a vida do meio ao fim. O corpo da filha vibra a cada espasmo. Seu rosto se estende e se enruga, seu corpo se espicha e se recolhe. O corpo inteiro é tomado pelo som da tosse de sua mãe engasgada no próprio vômito. A filha já não consegue sacudir a mãe, que, em sua frente, engasga num vômito preso. Não tem mais forças para virá-la de lado. A filha começa a chorar, e seu choro é cansado.

A velha engasga. As substâncias estranhas irritam o estômago, mas seu corpo já não tem forças. Engasga. Engasga. Espasmos. O corpo da filha sempre coreografando os espasmos que levam a fruta a murchar numa espiral descendente. A mãe engasga. Engasga. Espasmos. O corpo da filha vibra atravessado pelo poder do tempo. Até que o líquido desce pela laringe e inunda os pulmões. A velha morreu afogada num vômito que o corpo não conseguiu pôr pra fora. Chamam de asfixia. Ficou ali, paradinha. Depois de tantos movimentos, o corpo da filha, enfim, amadurece até murchar. Tem menos centímetros e seus movimentos são lentos, suas pálpebras estão caídas sobre os olhos e tem tremores na boca e nas mãos. Ajusta o lenço de sua mãe na cabeça. Em seguida, pega o lenço que está apoiado em sua nuca, estende-o e o coloca sobre sua cabeça, tal qual o de sua mãe.

CENA VI - O tempo atuou

Anos depois.

A cama ainda está ali, em uma extremidade do palco, com a avó morta em cima dela. Na outra extremidade, uma mesa de jantar com a família toda reunida: a mãe, caquética, que está sentadinha à mesa, com o mesmo lenço sobre a cabeça. O filho, que se tornou o homem que tanto pediram para ele ser quando menino. Tinha braços fortes, o rosto fechado e a voz grave, presente, imponente. E a filha, que tinha um lenço na nuca que caía sobre o peito, tal qual sua mãe usara um dia. Estava mais velha e tinha um ar cansado. Andava de um lado a outro, ansiosa, enchendo a mesa de travessas vazias, pratos, talheres e engasgos.

A mãe levanta e acende um cigarro.

Filha - Vai fumar de novo?

Filho - Se um diagnóstico de câncer no pulmão não a fez parar, você

acha que você falando vai fazer alguma diferença?

Mãe - *(bufa)* Rhum, e desde quando vocês têm alguma coisa a ver com o que eu faço com a minha vida?

Filha - Desde que eu larguei a minha para vir cuidar de você.

O filho se levanta e toma o cigarro da mãe, fuma. A mãe pega outro cigarro e acende.

Mãe - Você veio porque quis, eu não te pedi nada. Mas eu nunca vi ser um sacrifício tão grande uma filha cuidar da mãe. É o ciclo natural da vida!

Filho - *(para a irmã)* Você é muito egoísta mesmo!

Filha - Egoísta? Eu estou aqui, não estou? Você é que não está.

Filho - Eu trabalho. Não posso abandonar meu trabalho, se pudesse, faria.

Filha - Eu também tinha um trabalho! Por que tudo bem eu abandonar o meu e você não? Por que eu, que vim pra cá, sou mais egoísta que você, que não fez nada?

Mãe - *(para o filho)* Tá vendo? E olha que ela sabe o quanto eu sofri com a avó de vocês. Agora, na vez dela, ela fica assim. *(para a filha)* E ele é homem! Está casado, está criando uma família. Você é que nunca arrumou ninguém.

Filha - E adiantou alguma coisa para você arrumar o tanto de macho que arrumou ao longo da vida?

Mãe - Não. Sua avó nunca aprovou meus relacionamentos, você enchia o saco de todo mundo que eu namorava e, antes disso, eu fiquei mais de 20 anos com o merda do seu pai. E isso é culpa de quem? Minha é que não é. Eu fiz o possível e o impossível para dar certo. Perdoei tanto.

A culpa é de quem? Pode mandar essa conta pra Deus. Ele que pague! Agora eu entendo sua avó. Se eu pudesse, teria cuidado melhor dela. Ela estava certa em muita coisa. Por que você não aprende com os meus erros e aproveita enquanto eu estou aqui?!

A filha dá de ombros, pega uma cerveja e enche o copo.

Mãe - A lá! Fala do meu cigarro, mas já vai beber de novo. Nem parece aquela menina que enchia o saco quando eu bebia. Você vive pagando a língua. Vai continuar pagando.

Filha - E você, que só sabe reclamar o tempo inteiro? Dizia que vovó é que te impedia a vida, mas ela morreu e você continuou presa a esta casa. Vai colocar a culpa em quem agora? Deus de novo?

Mãe - E você queria que eu fizesse o quê?? Sua avó morreu em meus braços!! Você queria que eu fosse pra onde depois disso? E, além disso, esta casa é a única coisa que meu pai deixou pra mim. É a única coisa que eu tenho. Eu iria embora pra onde?

Filha - Sei lá, mãe. Qualquer coisa! Qualquer lugar! Vovó morreu aqui dizendo as mesmas palavras. Seus filhos já estavam criados, seu namorado já tinha ido pra debaixo da saia de outra, graças a Deus, e a mãe, que te prendia, já não estava mais aqui. Não era o que você queria? Finalmente poder cuidar da própria vida, sem amarras?

Mãe - *(triste)* A mãe que me prendia morreu por descaso meu, como eu poderia me libertar? É isso que me aprisiona. E agora eu já não tenho idade pra mais nada. A vida já acabou pra mim. *(com a voz firme, levanta o olhar)* E a culpa não foi minha de ter tido essa vida de merda. Agora ainda preciso ouvir desaforo de uma filha ingrata! Pode anotar aí: com você não vai ser diferente.

Filho - (*indiferente e irritado*) Tá vendo? Por isso que eu não venho pra cá. Não suporto vocês falando no meu ouvido o tempo todo. Sempre a mesma coisa.

Filha - (*para a mãe*) Ainda há vida pra você, mãe. Do mesmo jeito que havia vida para vovó. E ainda há vida para mim também. Vamos descobrir uma forma de fazer isso. Venha morar comigo, vendemos esta casa, você pode gostar de finalmente sair daqui.

Mãe - Rhum. (*sem olhar para a filha*) Daqui eu não saio, já disse! Vou morrer na casa que meu pai construiu pra mim! E você faz o que quiser. Quer ir embora? Vai embora. Não tem ninguém te segurando.

Filho - (*indiferente e irritado*) Tá, tá. Ela não vai sair daqui, a gente já sabe disso tudo. E essa comida, não vai sair não?

A filha revira os olhos, dá de ombros e se apressa. Continua enchendo a mesa de travessas vazias. Todos se sentam e enchem seus pratos de vazios. Ouve-se somente o barulho dos talheres e da ruminação de vazios nas bocas.

Ainda em silêncio, o filho se levanta, de barriga cheia e com passos lentos. Abraça por trás a irmã, que ainda está sentada. Contorna a mesa e beija a testa da mãe. De peito estufado e barriga também, retira-se.

A filha e a mãe se olham, em silêncio.

Filha - (*serena*) Sabe, mãe. Eu sempre quis te ver feliz. Tudo que eu falei é porque esse sempre foi o meu desejo: te ver feliz. Eu ainda quero. Quero te ver feliz e quero ser feliz também. Não deveria ser tão difícil ser feliz, não é?

Mãe - (*com uma voz muito cansada e sonolenta*) Mas é, minha filha, é muito difícil. Não é coisa pra gente como a gente. Já me acostumei a isso. Você também vai se acostumar.

A mãe se levanta lentamente e boceja.

Mãe - Eu não estou muito bem. Vou tomar um remédio e me deitar.

A mãe caminha até a cama (onde sua mãe ainda está deitada). Revira os remédios que estão sobre a cama, toma um deles e se deita ao seu lado. Fica ali, quietinha. A respiração vai ficando cada vez mais engasgada. Com dificuldade, ela puxa o ar, com uma expressão de dor, ela solta, e assim continua. Puxa com rouquidão e solta como se não tivesse puxado ar algum. Segue o ritual de encher e esvaziar os pulmões cansados, quietinha. Puxa... solta... Puxa... solta...

Silêncio.

A filha está sentada, estática, com a cabeça sobre as mãos e os cotovelos sobre a mesa. Até que decide ver como a mãe está.

Filha - Mãe, tem um tempinho? Eu andei pensando umas coisas... (*a mãe não responde*) Mãe? (*aproxima-se e vê a mãe imóvel. Levanta seu braço, que logo cai. Levanta o outro, que também não se sustenta. Passa a mão embaixo do seu nariz e não sente o ar correr. Desespera-se. Aperta o pulso e não sente a vida pulsar. Seus olhos arregalam. Sacode os ombros da mãe, nada. Olha para a mãe e seus olhos se enchem. Deita a cabeça sobre seu peito e ali se debulha em lágrimas. Só se ouve o choro engasgado, com um soluço atrás do outro. A filha a olha com ternura e inundada em choro*) Descanse em paz, mãe! Eu fiz o melhor que pude. E eu sei, mãe. Me desculpa. Eu sei. Você também fez o melhor que pôde. Não deveríamos nos culpar por dar pouco quando esse pouco é tudo o que temos. Não, a culpa não é nossa por não termos muito

a oferecer, mas a responsabilidade é nossa quando damos tudo o que temos como se não precisássemos existir. E a gente precisa! Eu sinto muito, mãe.

A filha se levanta e retira o lenço que está sobre o pescoço, lentamente o levanta à altura da cabeça. Fica parada com os braços arqueados segurando o lenço próximo à cabeça. E, como se a realidade caísse em seu colo, com a cabeça erguida, olha para a frente e envolve o lenço na cabeça fazendo um laço firme, como nenhuma mulher da família havia feito. Ela se retira de cena. Vai em direção ao eu que ela tinha perdido. Não era o eu perdido de sua avó. Não era o eu perdido de sua mãe, apesar de muito parecido. Não. Era o eu que era ela, ou o que viria a ser ela. Era esse eu, que ninguém mais é. Alguns chamam isso de liberdade.



c a r a m b o l a s

Thalia Peçanha



APRESENTAÇÃO

Queria fazer uma apresentação mais persuasiva, mas ando com um bolo na garganta que talvez renda outra dramaturgia com nome de coisas pra comer, mas que também podem matar. Essa Carambola foi digerida no processo de criação de dramaturgias por mulheres diversas do Grupo Elas Tramam, Vitória, 2022.

Carambola é uma fruta que parece estrela, mas estudos revelam que ela é muito perigosa pra quem tem problemas renais. Gosto de carambolas, mas nem todas são “estrelas”.

CARAMBOLAS

Thalia Peçanha

Personagens:

VIZINHA - A DASDORES - A vizinha das meninas do 44 é uma observadora da vida da escadaria. Dasdores contém um caixa absurda de palavras por ter companhia apenas do seu Gato (que não fala e que ela, por algum motivo que vamos descobrir mais à frente, acreditava ser uma reencarnação do seu falecido marido). A mulher, que passa as tardes catando guimbas a fim de se certificar de que não se trata de nada ilegal, constrói histórias sobre os vizinhos e espera as palavras ácidas do seu falecido marido.

GATO COMUM - GATO DA DASDORES - Um Gato que se passa por outro Gato, e que gosta de dar pitaco nas histórias apresentadas nesta dramaturgia. Um charlatão muito esperto que ninguém sabe de qual lado está.

BÊBADOS DA ESQUINA - CARECA E OUTRO BÊBADO - O Careca e o Outro bêbado são bêbados de esquina que não esquecem a cara de ninguém.

AS MENINAS QUE VENDIAM CARAMBOLA - TEREZAS

- Há quem diga que o nome próprio Tereza deriva das palavras gregas “*theros*” (verão) e “*therizo*” (colheita), e que, portanto, seu significado seria colheita de verão. Outros apontam para a palavra *Therasia*, sendo a tradução literal “natural” ou “habitante de tera”, em que “Tera” seria uma expressão derivada de “Ther”, cujo sentido é “animal selvagem”. Portanto, venho dizer pra vocês que essa divergência torna Tereza um substantivo plural. Tereza pode ser calma, agitação, equilíbrio, revolução. Terezas são muitas! As Terezas são as meninas da casa da caramboleira que trazem na narrativa o canto. Muitas vendem carambola desde novas e não sabem como é a vida sem a fruta.

A MÃO - MÃO - A mão é anônima.

MENÓ - O MENINO DO PÉ DE CARAMBOLEIRA - Rapaz franzino com aparência de menino. Blusa de futebol e boné que tapa os olhos. Ele tem nome, mas sempre o chamam de menó. Queria tê-lo apresentado em outra situação, mas sempre narram a história dos menores pelo fim.

CENA I - Convite comum

Dasdores está ao fundo da cena plantando o pé de carambola. Parece estar chorando, mas não emite nenhum barulho que confirme essa ação. Do lado de Dasdores há uma pá e uma coleira de gato.

Um Gato parece observar toda aquela cena sem que a pobre senhora o note. Ele se espreguiça por tempo suficiente pra você pensar que ele é só um gato comum. O Gato, depois de espreguiçado, espreita a plateia e mia.

Gato - Miau! (*tosse seca*)

Gato - (*resmungando*) Malditas bolas de pelo!

Faz uma reverência de cumprimento pra plateia e inicia quase um discurso político.

Gato - Meus caros, se vieram aqui pra ver uma peça de um gato falante, estão no lugar errado. Eu apenas sou fruto da cabeça desengonçada de vocês. Mas adianta que essa peça é sobre o comum. Sobre o sujeito comum e histórias que comumente se repetem. É a história da família da casa da caramboleira, mas poderia ser da mangueira ou de alguns Silvas Santos, por aí. Mas é aquele negócio, não posso falar (até porque gatos não falam) que essa história seja inteiramente baseada em personagens vivos ou mortos, e nem que nenhum animal foi machucado para que esta peça fosse concebida.

Bom, sem mais delongas,
Miau.

Vai em direção à senhora, que ainda está ao lado do recém-plantado pé de carambola. A mulher, ao ver o Gato, assusta-se.

Dasdores - (*chamando o Gato*) Garfield?

O Gato emite um som nada amistoso.

Dasdores - Arnesto, é você?

O Gato, habilidoso, mia como se confirmasse o devaneio da senhora.

Dasdores - Nesto, Graças a Deus você voltou pra mim. Deus sabe o que faz e não ia permitir que eu vivesse sem você.

A senhora se põe de joelhos e começa a fazer o sinal da cruz. O Gato a olha ainda em silêncio, quando termina sua oração, a senhora pega a coleira e já a põe no Gato, que só agora mostra sua insatisfação.

Gato - MIAAAAAUU! (num ranger de dentes)

Sai Dasdores arrastando o Gato pela coleira.

CENA II - Quanto custa uma carambola?

Menó, assobiando em cima da árvore, brinca de malabares com as carambolas tiradas direto do pé. Sua sombra toma conta de todo o espaço e parece que, junto com Menó, há vários. Ele balança os galhos e várias carambolas vão ao encontro do chão e das miúdas meninas que recolhem as carambolas. Menó ri alto, mas sua risada nem chega a tirar as meninas da pequena colheita.

Meninas - (recitam em coro)

A fruta do caramboleiro

Que caiu aqui

Não soube do mundo inteiro

E ficou assim

As frutas mesmo novinhas

Ganhavam praças e bocas

O dono da vendinha
Lucrava
Sem nem tirar a roupa.

Com passos escandalosos, exibindo seus corpos, as meninas maiores exibem as mais novas, que cantarolam cantos infantis. Mas defendem, com os próprios corpos, a sobrevivência com a venda das carambolas. Tem aquelas que chegam tímidas, com seus corpos desengonçados e infantis, aquelas mais duras e aquelas que parecem já dominar todo o corpo. Elas cantam rodeando o palco e apresentam suas carambolas na medida em que a música as evoca.

Meninas - (cantando)

Carambolas!

Carambolas!

Novas e madurinhas

Carambolas!

Carambolas!

Olha essas pequenas delícias

Carambolas!

Carambolas!

Tem de doze e de treze

A Tereza do meio grita como se descobrisse um grande segredo.

Tereza do meio - Carambolas!

As outras se olham, olham-na. E à medida que o silêncio toma conta das meninas, o cenário vai se apagando, ficando cada vez mais escuro. Como se se

materializasse o silenciamento no palco. No escuro se ouvem buzinas, barulhos, salivas sendo puxadas, ursinhos que falam “I love you”, assobios, “elogios”, gritos confundidos com gemidos. Ainda no escuro. Apenas uma voz.

Mão - *(só voz)* Quanto custa a carambola?

CENA III - Dasdores

Dasdores entra com o Gato preso na coleira. Passos lentos pra avaliar melhor o cenário de guimbas. Escolhe umas três. Vira-se para a plateia.

Dasdores - Ei, você aí *(aponta para um desconhecido)*. Tem fogo pra me emprestar?

Agradece com um gesto assertivo com a cabeça, acende a pequena ponta fazendo um biquinho. Senta-se no pé da escada que dá para a rua e divaga com seu “marido” gato.

Dasdores - Ai, Arnesto! Quería que você conhecesse as novas vizinhas! Ali tem coisa, tem sim! Você também acharia isso.

O Gato, com sua expressão, nega-lhe até um miado.

Dasdores - *(num tom de fofoca, ela começa suas suposições)* Ontem, vi três sujeitos estranhos entrando lá, só saíram hoje de manhã, e sabe que durmo tarde, né, Nestim. No meio da noite, escutei uns barulhos estranhos vindos da casa delas, estatalei meus ouvidos e escutei que o pai de

uma delas havia morrido.

O Gato a olha de lado como se já soubesse que a conversa seria loonga.

Gato - MIAU! (*mia o Gato não falante*)

Dasdores é interrompida por um dos bêbados.

Careca - Ei, dona, bom dia! (*com um sorriso torto e o corpo torpe*)

Dasdores - Na mangaça logo cedo, Deus me livre!

Careca - Queria um trocadinho pra comprar uma meotinha.

Dasdores - Eu não dou dinheiro pra vagabundo, não, se arreda pra lá e vai procurar um emprego!

Careca - Viaja não, pow! Sou trabalhador, só precisava de um combustível antes de ajudar as novas vizinhas com a mudança.

Dasdores - As que mudaram pro 44?

Careca - Isso aí.

Dasdores - Fiquei sabendo que o pai daquelazinha de cabelo curto morreu.

Careca - Já, dona Dasdores! Tomando conta da vida dos outros de novo?

Dasdores - Mas você me respeita, sujeitinho! Só tô preocupada com nossa escadaria. Chega esse povo estranho vindo de onde nem sei e, no mesmo dia em que o pai morre, tem uma festinha na casa das bonitas. Vai me falar que não é estranho?

Careca - Estranho é a senhora ter medo daquelas pobres meninas, dona!

Dasdores - Essas são as piores.

Careca - O pai da menina morreu de diabete. DIABETE, ôh, Dona Língua. Acho que a senhora anda fumando as guimbas erradas, hein!

Dasdores - Tu me respeita, rapaz!

Sai o bêbado dando de ombros para a senhora, que ainda resmungava.

Dasdores - Esse jovens de hoje em dia não respeitam ninguém mais, honrar pai e mãe? Nem existe mais. Isso é falta de, de...

Frase interrompida, ouvem-se barulhos de tiro e vozes de crianças.

Dasdores - Desconjuro!

Faz um sinal da cruz trêmulo, os tiros continuam e as crianças gritam mais ainda. Dasdores levanta com medo, arrastando o Gato pela coleira.

CENA IV - Quem é a polícia e quem é o ladrão?

Entram as crianças fazendo da rua barricada para seus sonhos infantis. Como naquelas brincadeiras de criança em que uns assumem o papel da polícia e o restante vira ladrão. A caça e o caçador. Decisão que pode lhe dar o aval de matar sem questionar e sem ser questionado. Menó, que no momento está adormecido no galho da caramboleira, parece estar dentro de um pesadelo terrível. E da árvore caem carambolas que mais parecem granadas. Uma onda de tiros caramboleiros assola o cenário, há carambolas por toda a parte. As crianças mantêm a brincadeira como se estivessem presas àquilo. E correm com seus rádios sendo os donos da carambola toda.

Apenas a silhueta da mão é desenhada na cena.

Mão - *(grita em um tom autoritário)* Ei, Menó!

Menino do campinho 1 - João da Silva Santos.

A voz se faz eco e carambolas caem.

Menó acorda assustado, ansioso, parece ter corrido uma maratona, todo suado, passa a mão pelo corpo e, aos poucos, recupera o fôlego, quando constata que foi um pesadelo.

CENA V - O pai já foi um bêbado

Dois bêbados conversam na escadaria com suas cachaças debaixo do braço. O Gato se aproxima de forma sorrateira, assustando os bêbados. O bêbado pula de susto, deixando a cachaça cair.

Careca - Oh, oh, oh, bichano, chega assim não! A bruxa tá solta no bairro.

O Gato dá um miado risonho.

O outro companheiro de bebida se vira para o colega.

Outro bêbado - Ió, tá devendo, Careca?

Careca - Bala perdida só encontra quem ela quer, e vai que ela me acha.

O Gato se acomoda ao lado dos dois. Fala o Outro bêbado alto, cutucando com o cotovelo o amigo do lado.

Outro bêbado - Deixou a patroa em casa, Arnesto?

O Gato revira o olho. O bêbado ri como se inventasse aquela brincadeira.

Careca - Por acaso, o gato comeu sua língua?

Todos caem na gargalhada, menos o Gato.

Outro bêbado - Rolou o que, bichano, cabou o patê?

Gato - Tô de graça hoje não, oh, picolé de cana! *(num tom mais ludi-
brioso, ele começa)* Mas, Careca, você sabe quem era o pai da menina do 44?

Outro bêbado - *(em disparada)* O pai dela não era o Aurélio pedreiro?

Careca - Ele mesmo! Bebia todo dia santo com ele antes dele se converter. Ele era um homem bom. Ensinou à filha mais velha o ofício das carambolas e, depois disso, ela replicava nas esquinas com muita maestria. A do cabelo curtinho foi a rapinha do tacho, única que decidiu vender arte, e não carambolas. Mas cuidou do pai até o dia em que ele morreu.

Outro bêbado - Pobre, Aurélio! Homi bom.

Careca - Mas, Nesto, preocupado com a cabeça da véia. A mulher cismou com as vizinhas, você poderia aumentar o remedinho dela, ein. Talvez, de quebra, se livraria dessa coleira.

Cutuca o Gato com o cotovelo a fim de dar ideia. Ri no meio dos soluços de cachaça.

Careca - A véia tá biruta já. Acha que as meninas tão envolvidas na morte do Aurélio.

Outro bêbado - As do 44?

Careca - Sim, as do 44.

Outro bêbado - Mas as bichinhas são uns doces.

Risadas altas nos intervalos dos causos, como se não aguentassem a cabeça criativa de Dasdores. Os homens molham a goela com cachaça.

Gato - Mas, afinal, o tal Aurélio morreu de diabete?

Careca - O Jão lá do boteco da praça disse que sim. Tinha tanta formiga saindo do caixão que tiveram que fechar ele.

Outro bêbado - Buiu também foi, disse que foi a maior choradeira.

Gato - E as filhas?

Careca - A mais velha pagou o velório com as carambolas que o pai a ensinou a vender. Uma guerreira!

Outro bêbado - *(num tom guloso)* Ouvi dizer que é a melhor vendedora da região.

Careca - Bem pudera! A mãe também sabia usar bem a boca.

Os bêbados riem como se lembrassem de uma piada interna. Na outra ponta, um farol ilumina o corpo da menina. Sua expressão é sólida e nem parece estar dentro do seu corpo.

CENA VI - Somos todas Terezas!

Tereza do meio entra em cena com um caixote de carambolas na mão. Ela usa um vestido que mostra mais do que ensinam mulheres a mostrar, mas isso Tereza aprendeu sozinha. Era boa em dar jeito nas coisas, mesmo que, para isso, fosse necessário vender carambolas na esquina. Tereza canta à sua venda como se cantasse pela liberdade.

Tereza do meio - (canta)

Eu queria ser estrela
Pois a Terra é pra poucos
Mas nasci caramboleira
Nem céu, nem estrela
Minha bisa era faceira
Capou o pé do meu bisavô
Que, com tanto amor, a laçou
Lá em casa tem irmão nascendo
Querendo ser jogador
A mão que aperta fruta também dá dízimo ao pastor
O perdão não é pra todos
Estava errado o nosso Senhor.

Tereza do meio cantarola uma melodia que acompanha o ritmo da canção. O farol começa a piscar, destacando apenas o corpo da menina mulher que queria ser estrela, mostra seus seios, suas entradas e o balanço do quadril. Uma mão surge da porta do carro puxando Tereza e suas carambolas pra mais próximo. A menina se inclina e a mão abocanha a carambola, amassando-a entre os dedos. A respiração alta de Tereza consome todos os espaços e tudo fica escuro. Ouve-se, no escuro, um pequeno murmurinho de música.

CENA VII - A rua é pra todos?!

Algumas risadas quebram a escuridão. E a luz que toma seu lugar, como o sol depois de um dia nublado, desenha crianças brincando na rua. Terezas e os

meninos do campinho brincam de corda.

Todos - *(cantam)*

A carambola já madurinha

Cai aqui

Cai ali

Eu queria provar outra frutinha

Mas não tem o que comer

E você que tá aí vai fazer o quê?

O movimento da corda se torna mais rápido, exigindo destreza do corpo que está pulando. Em fila, eles vão pulando, e a música se torna um som ambiente. Prenúncios de chuva interrompem a brincadeira e carambolas caem como trovão, as crianças correm gritando.

CENA VIII - Nem todo pé é igual

Menó aparece em cima da árvore no meio dos trovões. Ele está impaciente, de repente espia um Gato que caminha majestoso ao encontro da árvore. O Gato olha o garoto franzino em cima da caramboleira, acomoda-se ao pé da árvore e, sem olhar mais para o menino, ele começa a sua ladainha.

Gato - Já ouvi algumas histórias de uma família do pé de carambola.

Menó - Qual foi, mané! Aqui no bairro o que mais tem é pé de carambola.

Gato - Mas nem todo pé é tratado igual.

Menó - Se pá você é novo por aqui, conheço todos os gatos de rua

dessa região.

Gato - Vamos dizer que não sou tão novo assim. Mas, me conta, por que está aí em cima?

Menó - Minha mãe me pediu pra vir buscar meus primos, eles vão passar as férias aqui, e do alto da caramboleira vejo o ônibus cortando o morro antes de descer pra cá.

Gato - Vivendo de antecedências, Menó?

Menó - Isso é coisa do meu pai. Ele sempre falou: *“menino, nesse mundo a gente tem que dar a resposta antes da pergunta”*.

Gato - Mas como você responde sem saber o que pergunta?

Menó - Não sei, mas sempre vou falando meu nome. Acho que as outras coisas acabam não sendo importantes depois do sobrenome.

Gato - Caramboleira ou Caramboleiro?

Menó - Caramboleira!

Gato - E você gosta de carambolas?

Menó - Acho que gosto.

Gato respira fundo e o menino, com tom curioso, interrompe-o.

Menó - E essa coleira?

Gato - Blé! *(batendo no vento com a pata)* Coisa da Dasdores.

Menó - Das Dores. *(ri de forma boba)* Nome engraçado!

A conversa é quebrada com a voz de Dasdores chamando o Gato.

Dasdores - Arrrnesto!!!

Gato - Falando na peste!

Espichando-se para sair.

Gato - Bom, foi bom te conhecer, menino da caramboleira.

Menó - Falô, gatinho!

CENA IX - O Gato da Dasdores

Dasdores está em casa olhando umas fotografias antigas e começa a chamar seu Gato.

Dasdores - (*gritando*) Arnesto! Cadê você? Nestim, vem cá ver uma coisa!

Aparece o Gato, desconfiado, com sua coleira. Dasdores senta-se próximo ao bichano e alisa-o enquanto mostra uma das fotografias.

Dasdores - (*fala de forma saudosa*) Nestim, olha essa foto! Nosso casamento foi o mais bonito da Paróquia de Santo Antônio. Lembra que aquela fofaqueira da Glorinha falava para os quatro cantos que você me traía? E olha nós aqui, Nesto. O que Deus une nem a morte separa.

O Gato não é dado aos apertos de Dasdores e logo se irrita com aqueles afagos e arranha a mulher no braço que o afaga. A mulher o solta e ele se ouriça todinho.

Dasdores - Desculpa, meu amor!

Já levanta e se direciona para o fogão.

Dasdores - Acabei ficando perdida nestas fotografias e não preparei sua comida. Ando com a cabeça meio fraca esses dias.

O Gato rodeia a almofada e deita-se sem responder aos lamentos da mulher.

CENA X

Entra a Tereza caçula em cena com uma garrafa de suco. Caminha pra perto do pé de carambola e derrama o suco na terra. Parece estar um pouco fora de si. Ela chora e ri. Ri e chora.

Tereza caçula - FINALMENTE! FINALMENTE! Acho que por essa ele não esperava. Pensou que a filhinha ia perdoar ele, tadinho! MORREU.

Alguns soluços acompanham seu choro risonho. Seu corpo se balança como se dançasse às margens de um precipício.

Tereza caçula - Prometi pra minha mãe que não sujaria minha mão por aquele bosta. Mas... (*risada irônica*) Precisei apenas fazer umas pesquisas aqui, descobri que, além de diabete, o velho também tinha crise renal. Daí só foi fazer um suquinho de carambola pro diabo e nada de mão suja, apenas um copo! Bateu as botas. Foi conversar com o cão. Passagem só de ida. Bye bye!

Mais risos e choro.

Tereza caçula - O safado tinha dado todo o patrimônio pra igreja. Ele bem achava que ia conseguir um lugar no céu. Mas tratei de adiantar a ida dele antes que pudesse se arrepender. Vê se pode, ter feito tudo que fez e ainda sair como bom moço.

Tereza anda impacientemente.

Tereza caçula - Passei no velório assim que começou. Olhei pra ele. Mortinho. O pobre homem de pouca idade havia morrido. De uma hora pra outra só se lembravam do quanto foi bom e digno. A família estava estarelecida. E eu. Eu estava com nojo, tudo aquilo embrulhava meu estômago, e saí correndo de lá vomitando nos últimos degraus da igreja. Tinha se convertido há quase dez anos, mas ainda gostava de visitar o quarto de alguma filha antes que a idade a levasse a conhecer outras caras. Vai visitar quem agora? Plantou essa carambola. Então coma. Morre envenenado pelo próprio veneno. Quem falou por último agora?

Senta-se naquele chão molhado do próprio suco da carambola, pega um punhado de terra molhada e espreme entre os dedos. Carvouca com ódio o chão.

Gato - Ei, garota!

Aparece o Gato, que estava acompanhando o lamento da menina.

Gato - Acompanhei seu drama aí e lamento, mas tem outros defuntos que não podem ser desenterrados, então vai com calma aí.

Tereza levanta-se assustada e limpando a mão na roupa.

Tereza caçula - Você é um Gato que fala?

Gato - E você é a vizinha que a Dasdores acha que matou o pai?
(fala rindo)

Gato - Pelo visto, a velha estava certa, mas fica tranquila que esse é o nosso segredinho.

Tereza caçula - Arnesto, né?

Gato - Arnesto é o karma da velha. Eu sou apenas o Gato.

Barulhos de rádios de comunicação.

Gato - Acho melhor a gente circular, pois ainda tem carambola pra cair.

CENA XI - A última carambola

Barulhos de rádio de comunicação, apito de juiz e crianças jogando futebol.

Menino do campinho 2 - Câmbio! Alguém na escuta?

Menino do campinho 3 - Câmbio! O suspeito é um jovem negro que fugiu a pé em direção ao campinho.

A luz evidencia o campinho, que é demarcado com pneus; ao lado, um pé de carambola, que é vizinha do campinho, e a sombra do ponto de ônibus. Em cima da árvore, está Menó, que ainda aguarda os primos chegarem. A agitação da rua faz Menó ficar atento.

Menino do campinho 2 - Ei, Menó! Não se mexa, paradinho aí, senão estouro seus miolos.

Menó - João da Silva Santos!

Menó começa a recordar seu pesadelo. Ele era uma criança boa, tirava boas notas e todos do bairro gostavam dele. Mas tinha alguém mandando-o ficar parado e ele tinha que ficar, péssima hora pra ter câimbra. Menó tenta afastar a câimbra, mas se desequilibra e carambolas caem como tiros em cima dele, que também cai. Quando não há mais carambola pra cair, o Menino do campinho 2 olha para a cara do amigo, satisfeito, e sinaliza pra ele checar o Menó. O menino do campinho 3 dá umas empurradinhas no corpo imóvel que está no chão e faz um gesto afirmativo com a cabeça. Ajoelha-se, mete a mão no bolso do Menó, e é possível ver que o delinquente juvenil carregava um punhado de carambolas no bolso. Escuta-se uma cantiga na medida em que velas são acendidas no palco.

Todos - *(cantam)*

A fruta do caramboleiro que caiu aqui

Com um tiro bem certo

Caiu sem reagir

Dizem que foi engano

Era até trabalhador

Mas eles têm ordens

Para os homens de cor

Carambolas

Carambolas

Carambolas

Carambolas!

CENA XII - E pra não dizer que não falei Das Dores

*Ainda estão entoando cantos, quando o Gato entra sem se fazer notável.
Espreita a todos em cena, no palco.*

Gato - Dizem as línguas de bem que nenhuma carambola cai sem a permissão de Deus. Esta peça é concebida pela criatividade da suposta criatura divina e, mesmo arcaica, ainda trata de dias atuais. Aprendemos, aqui, que a carambola mata e morre. E que o tal senhor escreve errado por linh... *(engole a seco as letras e só mia a partir daí)*

Todos - *(cantam)*

A fruta do caramboleiro que caiu aqui

Com um tiro bem certo

Caiu sem reagir



● l o g a d o ●

Saskia Sá



APRESENTAÇÃO

Sou Saskia Sá, ilustradora, escritora, roteirista e diretora de cinema e séries de TV. Gosto de contar histórias e me utilizo dos meios possíveis para contá-las, inclusive como narrative designer para jogos eletrônicos. Alguns elementos são importantes nas minhas histórias, sempre protagonizadas por mulheres que são afetadas por questões sociais e ambientais, buscando desmontar visões preconcebidas, mesmo que envoltas pelas estruturas narrativas do gênero especulativo, seja fantasia, ficção científica ou dialogando com o novo horror latino-americano. Muitas vezes se passam em mundos distópicos, nos quais as personagens estão imersas e não conseguem encontrar saída para seus dilemas, mas sempre deixo fissuras pelas quais os sonhos conseguem furar a dura crosta da realidade em que elas vivem.

“O Legado” é um texto dramaturgicamente adaptado de um conto de minha autoria, ainda não publicado, que se chama “O Legado das Tnwuará”. No gênero de fantasia com elementos de ficção científica, o texto trabalha com a construção de um mundo em extinção, o planeta Tnwuá, colonizado por conquistadores terráqueos que o arruinaram com sua ganância, causando a própria extinção nesse processo e quase exterminando o povo Tnwuará devido à relação orgânica e simbiótica que ele tem com o planeta. A questão principal que move o enredo, além do tema decolonial, é também a da herança cultural e da escolha dos mais jovens em receber esse legado e salvar Tnwuá ou ir em busca de um outro destino para si.

O LEGADO

Saskia Sá

Personagens:

NWUÁ - A jovem Tnwará é neta de Akhdá, a guardiã do legado dos ossos. A jovem passa pelo dilema de aceitar ou não o legado de sua avó como guardiã dos ossos ou de ir embora do destruído e desértico planeta Tnwaá na última nave com sua amiga Muhré. Como todas as pessoas Tnwará, ela tem pele azul, cabelos brancos e chifres retorcidos. É magra e seus cabelos longos são trançados e emaranhados ao redor dos chifres.

AKHDÁ - A anciã é a guardiã do legado dos ossos. Ela é uma das últimas Tnwará que ainda resistem à destruição causada pelos colonos vindos do terceiro planeta em órbita do Sol e acredita que o legado ainda possa salvar o planeta, mas Akhdá está morrendo e, com ela, talvez o legado e Tnwaá também morram. Ela tem a pele azul ressecada feito papel envelhecido e marcada por sulcos profundos. Seus cabelos são brancos, cacheados e longos. Seus chifres são grandes e espiralados.

MUHRE - A jovem melhor amiga de Nwua. Ela não tem nada que a prenda em Tnwaá e quer que a amiga vá embora junto com ela na última nave, que vai sair do planeta no fim do dia em que a ação se desenrola.

Para isso, Nwuá precisa convencer a avó a lhe dar o colar de ossos, para que elas o troquem pela passagem da nave para fora daquele mundo. Ela tem a pele azul e os cabelos curtos, brancos e espetados ao redor dos chifres.

CORO DAS ANCESTRAIS - São as seis ancestrais de Akhdá, que também foram guardiãs dos ossos, são as depositárias da sabedoria e do legado das Tnruará. Elas já estão mortas e funcionam como a consciência de Tnruá, pontuando os diálogos das personagens vivas e contando a história do planeta antes do dia em que Nwuá deve se decidir se irá aceitar o legado e salvar o planeta e seu povo ou se abandonará tudo e irá embora, condenando os poucos remanescentes do seu povo à morte, junto com a morte de Tnruá. As seis ancestrais vão desde a “Ancestral criança”, uma menina muito jovem e a mais sábia entre elas, até uma mulher muito velha e descrente, a “Ancestral velha”. Só as duas serão identificadas quando não estiverem falando em coro coletivamente.

PRÓLOGO

As seis mulheres do coro surgem silhuetadas e contornadas por um halo de luz amarelada ao fundo. As ancestrais são as antigas Guardiãs do Legado dos Ossos das Tnruará. Todas estão mortas. Seus longos cabelos brancos estão soltos cobrindo seus decrepitos corpos nus.

Abaixadas de cócoras, as mulheres do coro emitem sons ritmados com suas respirações. Elas começam com sons espaçados e suaves como o vento e vão aumentando de intensidade até se tornarem gritos em um ruído indistinto e rítmico. Aos poucos, elas vão se erguendo e levantando-se até ficarem de pé silhuetadas contra o fundo vermelho, em cujo centro brilha um enorme sol laranja.

Ao ficarem de pé, as mulheres batem os pés ritmadamente, acompanhando a cadência das suas respirações e sons vocalizados, levantando poeira do piso que está todo recoberto de areia.

O terreno acidentado é uma grande extensão desértica de dunas e rochas. Mais à frente e ainda totalmente no escuro, resta uma única árvore totalmente ressecada. Sua silhueta frágil se destaca recortada contra o sol laranja e ela se eleva sobre um monturo de areia coberto de crânios e ossos semienterrados. Amarrados por tiras trançadas em cada galho seco, pequenos ossos balançam, tilintando ao vento que sopra em um uivo constante.

De repente, as mulheres correm até a frente do palco e param totalmente enfileiradas, calando-se e fitando o público. Só se ouve o som do vento por alguns instantes.

Ao fundo passa uma nave prateada contra o sol alaranjado, deixando um rastro brilhante. O som potente do seu motor explode, fazendo com que as mulheres se virem e olhem para o céu, abaixando-se com temor, mas elas logo se levantam e olham para o público novamente.

Coro das ancestrais - *(gesticulam, choram e lamentam-se com a morte de Tnɔwúá)* Vejam! As naves estão partindo! Tnɔwúá está morrendo e todos estão indo embora! Ah, não! Todos estão indo embora e Tnɔwúá está morrendo! Tnɔwúá está morrendo!

Ancestral criança - *(dá um passo à frente e fala voltada para o público)* Vejam! Tnɔwúá foi devastado pela ganância dos colonizadores! Eles sugaram toda a vida do nosso mundo e mataram as Tnɔwuará de fome,

de tiro e doenças. É por isso que todos estão indo embora e aqui nada mais resta.

Naves prateadas descem sobre o planeta, elas bombardeiam tudo em guerras e massacres. As imagens são projetadas ao fundo e encenadas por sombras. As mulheres do coro desabam no chão, com exceção da Ancestral criança.

Ancestral criança - Aqui nada mais resta.

Coro das ancestrais - (*levantam-se e rodeiam a Ancestral criança*) Nós somos as ancestrais e é com a voz do nosso povo, que ecoa mesmo na morte, que dizemos que ainda há uma esperança.

Ancestral criança - Sim! Ainda há uma esperança. O legado vive!

Coro das ancestrais - O legado dos ossos das Tnwará!

Ancestral velha - (*aproxima-se da Ancestral criança*) Mas nada está decidido e é forte a descrença de Nwuá, a herdeira do legado! Como todas as Tnwará jovens, ela não acredita no legado das mais velhas! Você era assim também! Sempre tão impaciente e imprudente! (*ela ri, falando para a Ancestral criança*)

Ancestral criança - Eu sei, eu tinha a urgência da juventude e de nada adianta nos arrependermos agora. Não temos mais tempo e, se Nwuá não aceitar o legado, Tnwará morrerá e todas nós iremos desaparecer...

As luzes vão se apagando lentamente, as mulheres do coro abaixam a cabeça e saem de cena.

CENA I

Do lado direito, uma luz branca amarelada ilumina a estrutura da fachada de um sobrado inteiramente feito com ossos. A estrutura tem uma parede de ossos, uma varanda no segundo piso e uma escada que desce até o piso de areia.

Akhdá sai por uma porta no segundo andar e anda encurvada e muito lentamente pela varanda, apoiada em uma bengala. A velha ancestral Guardiã do Legado dos Ossos das Tnɔwuará para a todo momento para tomar fôlego e começa a descer a escada de ossos.

Do lado esquerdo, atrás de uma estrutura telada, as silhuetas de duas mulheres estão iluminadas por trás pela luz alaranjada do sol, enquanto, sobre elas, as silhuetas prateadas das naves riscam o céu e desaparecem velozmente no horizonte. O som das naves ressoa como trovões, acompanhando o voo delas e se misturando ao som constante do vento que uiva sibilante.

As duas mulheres silhuetadas levantam as cabeças e acompanham o movimento das naves em deslocamento no céu.

Muhré - *(agitada, anda de um lado para outro)* Parece que você não entendeu! A última nave sai hoje, Nwuá! A gente tem que resolver isso agora, ou será o nosso fim!

Coro das ancestrais - *(ocultas, só se ouve o sussurro das vozes como um eco distante que se mistura ao som do vento constante)* O fim... O fim... O fim... O fim... O fim... O fim... O fim...

Nwuá - *(com a cabeça baixa, desanimada, aos poucos demonstra sua irritação)* Eu sei que é o fim, Muhré, você não precisa me lembrar disso

toda hora!

Muhré - *(aproxima-se e segura nos ombros de Nwuá)* É, mas até agora você não fez nada e nós precisamos do colar. O que você está esperando?

Nwuá - *(levanta a cabeça e, suplicante, olha para Muhré)* Minha avó diz que o colar dos ossos é o meu legado... o meu destino.

As mulheres do coro entram em fila no fundo do palco e apontam para Nwuá, que permanece congelada com Muhré.

Coro das ancestrais - *(tom impositivo)* Você não pode fugir do seu destino! É o seu legado, Nwuá!

Muhré - *(fala como se respondesse ao coro)* Destino? Legado? Só se for um legado de morte! Isso é conversa fiada da velha pra te prender nesse cemitério de ossos! Sua avó não quer morrer sozinha! Olha ao redor, Nwuá! Não tem mais nada aqui pra gente, está tudo morto!

Coro das ancestrais - *(discutem entre elas, cada uma defendendo uma posição)* Sim! Tudo está morto! Não! Nem tudo está morto, Nwuá! Está tudo morto, sim! Não! Nem tudo está morto! Está tudo morto!

As mulheres do coro se calam e se olham, vão se aproximando e se abraçam.

Nwuá abaixa a cabeça e deixa os ombros caírem. Muhré se aproxima dela e a abraça.

Nwuá levanta a cabeça e se solta do abraço. Ela acena para Muhré e sai correndo pela lateral esquerda do palco ao fundo. Muhré se volta para a frente. A tela à sua frente se eleva, revelando-a. Uma luz azulada se acende sobre Muhré, que sorri e parece animada com a decisão de Nwuá.

Muhré - Até que enfim! *(ela se vira na direção em que Nwuá saiu e faz sinal com a mão)* Vai, Nwuá! Busca a nossa liberdade! Finalmente a gente vai embora desse cemitério de ossos! Se for preciso, roube o colar dos Tnwará da velha! Não hesite, minha amiga! Se for preciso, mate essa velha inútil!

Ancestral velha - *(sarcástica)* Isso! Mate a velha! Pra vocês as velhas não servem pra nada mesmo. Somos todas inúteis!

Ancestral criança - *(condescendente)* Pobre criança, não entende nada da vida... Ela não sabe que Akhdá se juntará a nós e iremos desaparecer junto com toda a vida do planeta.

Ancestral velha - *(zombando de Muhré)* Mas não se esqueça, Muhré! Vocês também carregam Tnwará com vocês! Aonde forem irão sentir a nossa morte e morrerão conosco! Então vá, Nwuá, e mate a velha!

Coro das ancestrais - *(debochando)* Mate a velha! Mate a velha! Mate a velha!

Muhré - *(grita)* Eu não quero morrer nesse cemitério de ossos!

As mulheres do coro se calam e olham para Muhré, elas sacodem as cabeças, desiludidas, e vão saindo do palco até desaparecerem e deixarem Muhré sozinha.

A luz sobre Muhré vai diminuindo até se apagar totalmente.

Ao mesmo tempo em que a ação se desenrolava entre Nwuá e Muhré, do outro lado, a velha Akhdá continuava a sua lenta e arrastada caminhada até finalmente terminar de descer as escadas do sobrado de ossos e pisar no solo arenoso. Akhdá caminha devagar até o meio do palco e olha para a árvore seca sobre o monturo de ossos. Ela sobe a pequena elevação, apoiando-se com a bengala.

A luz acima do sobrado de ossos se apaga e ele é retirado do palco. No mesmo momento, uma luz branca azulada se acende sobre Akhdá, que, ofegante, apoia uma das mãos no tronco da árvore.

A velha passa as mãos calejadas nos cabelos e respira fundo para recuperar o fôlego. O som da sua respiração é ampliado, tornando-se um som ritmado que se mistura ao som do vento. A velha se apoia com as duas mãos na bengala torta de madeira escura, no castão da bengala há uma cabeça de cobra dourada engastada. Aos poucos, o som da respiração vai se acalmando até ouvirmos apenas o som do vento.

As ancestrais do coro entram no palco e se posicionam ao fundo em fila, olhando para Akhdá, que leva a mão ao peito magro, onde está pousado o fecho de um colar de ossos. O fecho é formado por um crânio de serpente, esculpido em cristal azul. A cabeça da cobra morde o próprio rabo. O colar no pescoço de Akhdá é um oroboro feito com ossos brancos, rajados com partes translúcidas que emitem uma luz azulada que pulsa iluminando o rosto dela de baixo pra cima.

Coro das ancestrais - *(as vozes soam em sussurros, misturando-se ao som dos ventos)* O legado. O legado. O legado. O legado. O legado. O legado. O legado.

Akhdá - *(levanta a cabeça e olha ao redor)* Parece que ouço a voz das ancestrais... Sim, é o sussurro delas no vento. É um sinal de que logo irei me unir a elas. Já não era sem tempo... Mas ainda tenho uma missão. Preciso convencer minha neta Nwuá a aceitar o legado, ou não haverá mais vida em Tnwuá...

Passos ressoam ao fundo, e a velha levanta a cabeça, acompanhando o som e esperando.

Akhdá - *(sorrindo, esperançosa)* Ah! É Nwuá que vem vindo! Enfim! Venha Nwuá, venha minha neta! Venha receber o seu legado.

Ancestral criança - Pobre Akhdá, ela não sabe que Nwuá não deseja o legado dos ossos dos Tnswará. Ela quer ser livre e voar entre as estrelas, não quer morrer com Tnswá!

Coro das ancestrais - Então tudo morrerá e não haverá mais Tnswá!

CENA II

Nwuá surge no fundo do palco. Seu corpo está silhuetado contra a luz do sol laranja. Nwuá dá dois passos e para ao ver a avó. Um foco de luz azulada se acende sobre Nwuá. O fundo do palco se apaga e tudo fica escuro, apenas os focos de luzes azuladas brilham sobre as duas personagens. As duas se olham e o Coro das ancestrais observa o encontro delas. O colar brilha e pulsa no pescoço da velha. A velha toca o colar e a neta levanta as mãos à frente, num movimento involuntário de defesa.

Uma música instrumental percussiva inicia suave e se eleva aos poucos, misturando-se ao som do vento.

Nwuá - Pobre da minha avó Akhdá, ela está tão frágil... Está morrendo, e Tnswá morrerá com ela. De nada valeu ser a Guardiã do Legado dos Ossos, foi tudo uma grande ilusão.

Ancestral velha - Criança ignorante! Se deixou infectar pelo pensa-

mento dos colonizadores e deixou de acreditar no legado das Tnwuá-rá! Pelo menos ela tentou... *(com raiva)* E você o que fez? O que fará, Nwuá? Deixará Tnwuá morrer?

Akhdá - *(faz sinal com as mãos apressando a neta)* Venha, minha neta, venha, Nwuá! Receba o legado, e Tnwuá viverá!

Nwuá - *(balança a cabeça e continua parada)* Eu não quero esse legado de ilusão... Eu só preciso do colar para ir embora daqui com Muhré. Quero viver, minha avó! Quero ser livre!

Coro das ancestrais - *(tristes)* Ela não quer o legado, e, assim, nada mais restará. Tnwuá morrerá.

Akhdá dá um passo vacilante em direção à neta. Ela respira com dificuldade e começa a tossir. Apoia-se no tronco da árvore e dobra o corpo. Nwuá vê que a vó está muito mal e corre até ela, ajudando-a a se sentar aos pés da árvore e encostando a velha senhora ao tronco.

O fundo do palco se acende novamente, o sol laranja brilha no fundo vermelho. Do fundo do palco, as seis mulheres do coro se agacham e se aproximam das duas engatinhando pelo chão. Elas rolam na areia, cavando e fuçando por toda parte, levantando areia e jogando-a para cima. Pegam ossos do chão e os levantam para o céu com expressão de raiva e revolta.

Coro das ancestrais - *(gritos de revolta e dor)* Ah, não! Não! Não! Akhdá está morrendo! Tnwuá vai morrer com ela! Tnwuá tem fome! Tnwuá tem sede! Akhdá está morrendo! Tnwuá vai morrer com ela! Temos Fome! Temos Sede! Fome! Sede! É a morte que vem!

Elas gritam, choram e lamentam-se, e suas vozes se elevam. Akhdá e

Nwúá se olham e a neta abraça a avó. Algumas das mulheres do coro caem no chão. As outras as puxam, arrastam-nas, e todas ficam agachadas, encolhidas no fundo do palco. A velha geme e Nwúá olha para ela.

Nwúá - (*chora*) Vó! Por favor, não vá! Não me deixe!

Akhdá sorri e leva a mão trêmula e frágil ao rosto da neta, acariciando-o.

O vento sopra e uiva, e a garota chora.

Música apenas vocalizada e em tons agudos, soa triste e sentimental.

Akhdá - Você vai aceitar o legado, Nwúá?

Nwúá se levanta, nervosa, deixando a avó encostada na árvore. Com os ombros encurvados, ela se vira de costas e anda, saindo do foco da luz, tornando-se uma silhueta contra o fundo vermelho do palco. Ela levanta a cabeça e olha para o sol laranja.

Ancestral velha - (*vira-se para Akhdá e fala, revoltada*) Olha só, Akhdá! A pobre tola ainda não sabe. Ah, mas eu não aguento isso, não! Essa pirralha não sabe de nada! Ela só quer o colar... Ela só quer o colar porque ele vale muito no tal do mercado. É! O tal do mercado é um deus mais poderoso no universo do que as vozes das ancestrais! Mais poderoso do que um planeta inteiro! Pra essa criança estúpida, o legado é só um colar que vale a passagem dela pra fora de Tnwúá. Ela nem sabe que a sua escolha decide a vida e a morte do nosso mundo.

As outras mulheres do coro se reúnem ao redor da Ancestral velha e a abraçam, tentando acalmá-la, mas, revoltada, ela se solta e dá um passo à frente na direção de Nwuá.

Ancestral velha - Acorde, Nwuá! Iludida é você! Você também é Tnwuá e Tnwuá está dentro de você e daquela sua amiga. Vocês querem ser livres, mas não sabem que liberdade não é só voar nas naves brilhantes pelo universo! Não! Não é mesmo!

Como se ouvisse a voz da Ancestral velha, Nwuá se vira e olha para a avó. Ela se aproxima de Akhdá e olha para o colar com uma expressão de cobiça. Aproxima lentamente a mão do colar, mas Akhdá, percebendo sua intenção, coloca a mão sobre a cabeça da cobra, agarrando o colar.

Akhdá - *(grita com raiva)* Não! Se você não quer o legado, também não terá o colar!

Nwuá se assusta com o grito da avó e recolhe a mão. Ela se empertiga e também reage com raiva.

Nwuá - *(gritando, revoltada)* Esse legado é uma ilusão, vó! Esse colar de ossos nunca protegeu nosso povo contra os colonizadores. Ele é uma maldição! É isso que ele é!

Coro das ancestrais - *(chorando e lamentando-se, batendo nos peitos com os punhos fechados)* Uma maldição... uma maldição... uma maldição...

Akhdá - *(ainda revoltada, ergue-se com dificuldade e fica de frente para Nwuá)* Você está errada, Nwuá! Essa liberdade que você tanto deseja é que é uma ilusão, como você pode ser livre se o seu mundo e o seu povo

agonizam? *(ela respira fundo e se acalma, suavizando a voz)* E, sem o legado, minha neta... Tnwuá já estaria morto, e nós também! Ele é uma bênção!

Coro das ancestrais - *(sussurrando suavemente)* Uma bênção... Uma bênção... Uma bênção...

Nwuá - *(ainda revoltada)* Não interessa se você acha que esse legado de merda é uma bênção! Pra mim ele é uma maldição!

A avó leva as mãos ao rosto e chora, sacudindo os ombros. Nwuá olha para ela com raiva, chuta a areia e cruza os braços, vira-se de costas e leva as mãos à cabeça, segura os chifres e sacode a cabeça de um lado a outro, em desespero, sem saber o que fazer. Akhdá levanta a cabeça e olha para a neta, ela percebe o desespero de Nwuá e estica a mão na direção dela, tocando em seu ombro.

Akhdá - *(aproximando-se da neta e a abraçando, afetuosa)* Nwuá, minha neta querida, não fique assim...

Ancestral velha - *(desdenhosa)* Ih, olha lá! Akhdá amolecendo... Agora já era!

As outras mulheres do coro olham para a Ancestral velha e sacodem a cabeça, depois se viram para Akhdá e Nwuá e as observam.

Tudo fica em silêncio e só o vento uiva.

Nwuá se vira e olha para a avó. Ela respira fundo e se acalma. Nwuá abraça a avó, que lhe estende a mão, a garota a ajuda a se levantar e a abraça. A velha se apoia na bengala e na neta e as duas caminham de costas. Elas olham para o fundo do palco, o sol laranja e o céu vermelho. Naves voam riscando o céu com rastros prateados.

O vento sopra e a areia se move. O uivo forte do vento se mistura ao som de explosão dos motores.

A velha leva a mão ao peito e se dobra, gemendo. Ela solta a bengala e cai de joelhos na areia. A garota se assusta e se ajoelha ao lado da avó, aninhando a cabeça da avó em seu peito e acariciando os cabelos dela.

Nwuá - *(chorando)* Vó! Não me deixe, eu preciso de você.

Akhdá - *(com a voz fraca)* Meu amor, você já tem tudo para viver a sua vida sem mim. Será mais fácil você decidir a sua vida se eu não estiver aqui. Eu sei que você quer ir embora daqui, Nwuá... Mas saiba que, se você for, Tnwuá vai morrer.

Coro das ancestrais - *(elas se balançam suavemente e suas vozes sussurram, ecoando e misturando-se ao som do vento)* Tnwuá vai morrer... Tnwuá vai morrer... Tnwuá vai morrer...

Nwuá - *(levanta o rosto e seca as lágrimas)* Tnwuá já está morto, vó... Se eu ficar aqui, também vou morrer.

Akhdá - Ele pode renascer...

Nwuá - Como, vó? Se nem a senhora conseguiu fazer Tnwuá renascer durante todos esses anos! Mesmo tendo dedicado toda a sua vida a ser a Guardiã do Legado dos Ossos. Veja! O que ganhou com isso? Está morrendo junto com Tnwuá! E eu não quero morrer aqui sozinha!

A garota abraça a avó e chora. Akhdá acaricia a cabeça da garota sobre seu peito.

Akhdá - Se você aceitar o legado...

Nwuá levanta a cabeça e fita a avó, sacudindo a cabeça e negando. Akhdá abaixa a cabeça, entristecida, percebendo que a neta já tomou sua decisão de ir embora. Percebendo que não vai convencê-la, a velha arranca o colar de ossos do pescoço enrugado e estremece num soluço, engasgando e tossindo muito. Uma gosma azulada sai de sua boca. Nwuá olha para ela, assustada, com os olhos arregalados. Com as mãos tremendo, Akhdá estende o colar brilhante para Nwuá, que, surpresa, recebe-o nas palmas das duas mãos estendidas. O brilho do colar pulsa e ilumina os rostos das duas com sua luz azul.

Nwuá - *(com expressão incrédula)* Vó!

Akhdá - *(com a voz fraca)* O legado é seu! Faça o que quiser com ele, Nwuá... Mas saiba que, se o colocar ao redor do seu pescoço e fechar a boca ao redor da cauda da serpente dos ossos, nunca mais poderá tirá-lo. Esse gesto dirá às ancestrais que você terá aceitado o legado. A decisão é sua. Aceite o legado ou se vá e deixe tudo morrer. Eu me juntarei às ancestrais e a Tnwuará... Minha missão terminou.

O corpo de Akhdá estremece em um espasmo e ela cai sobre o monturo dos ossos aos pés da árvore.

Coro das ancestrais - *(chorando, correndo para os quatro cantos e anunciando a morte da velha guardiã)* Akhdá se foi... A Guardiã do Legado dos Ossos dos Tnwuará se foi.

Quando terminam o anúncio, elas voltam ao centro do palco e se aproximam do corpo de Akhdá. As mulheres a levantam delicadamente, abraçando-a. Nwuá continua ajoelhada chorando.

Ancestral criança - *(sorrindo)* Seja bem-vinda, Akhdá... Agora você está entre nós.

As mulheres do Coro das ancestrais vão conduzindo Akhdá, levando-a embora, mas Akhdá se detém e se vira. Ela vê Nwúá com as mãos abertas olhando para o colar e chorando.

Akhdá - E agora, minha neta?

Ancestral criança - Você fez o que pode. Agora a decisão é dela.

As mulheres do coro conduzem Akhdá para fora do palco. O foco de luz sobre Nwúá e a luz no fundo do palco se apagam. Tudo fica escuro, com exceção da luz azul do colar nas mãos de Nwúá, que pulsa, brilhando e iluminando o rosto da jovem. Então tudo se apaga, ficando na escuridão total.

CENA III

Som de passos se aproximando, misturados ao som do vento, que uirva baixinho. A luz do fundo do palco se acende, mostrando que a bola laranja do sol está mais baixa e num tom de vermelho mais escuro. O céu tem um tom dégradé que vai do roxo escuro ao vermelho e está entardecendo. A luz do colar brilha e pulsa nas mãos de Nwúá, que olha para ele, sem se mover, encostada na árvore com o corpo da avó caído na sua frente. O som dos passos aumenta, aproximando-se mais. Muhré surge ao fundo.

Muhré - *(grita, chamando Nwúá e procurando por ela)* Nwúá! Nwúá!
Cadê você? A gente tem que ir!

Ela vê Nwuá e corre até ela. Nwuá a vê chegando e se levanta, ainda segurando o colar. Muhré estaca ao ver o corpo de Akhdá. Ela se ajoelha ao lado do corpo, toca na cabeça da anciã morta respeitosamente, abaixando a cabeça por alguns segundos. Em seguida ela se levanta e olha para o colar nas mãos de Nwuá.

Muhré - *(impositiva e apressada)* Vamos logo, Nwuá, tá na hora!

Ela estica a mão para pegar o colar, mas Nwuá fecha os punhos e leva as mãos às costas, escapando do toque de Muhré.

Nwuá - Eu ainda não decidi.

Muhré - *(impaciente)* Ah, nem vem! O colar é seu agora! Não era o que você queria? O que você ainda tem que decidir? Vamos embora daqui logo! A nave não vai ficar esperando você se decidir pra sempre.

Nwuá abre as palmas das mãos e olha para o colar.

Nwuá - Eu sei... mas não é o que Akhdá queria. Nem pra mim nem pra Tnwuá.

Muhré - *(debochada)* Deixa de ser trouxa! A velha morreu, Nwuá! E Tnwuá não vai durar muito. A gente tem todo o universo pra explorar, vamos lá! As estrelas nos esperam!

Nwuá - Ela me disse que Tnwuá pode renascer se eu aceitar o legado.

Muhré - *(debochada, rindo)* Legado! Legado! Tô cansada dessa palavrinha idiota. Você ainda acredita nisso?

Nwuá - Não sei...

Muhré - *(olha para o sol e aponta)* Você tem até o anoitecer pra me

encontrar no hangar. Depois eu vou embora, com ou sem você!

Muhré olha para a bengala caída no chão.

Muhré - Tudo bem se eu ficar com isso? Deve valer bastante e você já tem o colar...

Nwuá balança a cabeça que sim e Muhré não espera mais nem um segundo, pega a bengala e sai correndo, desaparecendo no fundo do palco. O colar refulge em azul no rosto de Nwuá. Akhdá e Coro das ancestrais se aproximam dela, fazem um semicírculo às costas de Nwuá.

Coro das ancestrais - *(começam a sussurrar baixinho, mas os sussurros vão aumentando)* Aceite o legado... Aceite o legado... Aceite o legado...

Nwuá - *(olha fixamente para o colar)* Preciso me decidir, mas não sei o que fazer... Será que agora é a minha vez, vó?

Coro das ancestrais - *(as vozes vão se elevando)* Sim, agora é a sua vez, Nwuá! Aceite o legado! Aceite o legado! Aceite o legado, Nwuá!

Nwuá - *(olha para a paisagem desértica)* Será que Tnwuá pode mesmo renascer?

Nwuá ergue o colar até a altura de seus olhos com as mãos trêmulas. Anda ao redor da árvore, girando ao redor do próprio corpo, com os olhos fixos no colar em uma dança desengonçada e angustiada. O som do vento se mistura com as vozes do coro, que repetem que agora é a vez dela.

Nwuá para de girar em frente à árvore e levanta o colar, abrindo o fecho dele com um clique, o que a faz se sobressaltar. Segura o colar aberto pelas duas pontas

e o leva até o pescoço. Ela para alguns segundos, fecha os olhos e as lágrimas escorrem. Akhdá se aproxima dela e acaricia o rosto de Nwuá, que, ainda de olhos fechados, sorri, sentindo o toque da avó. Akhdá leva as mãos até as mãos da neta e as duas levam o fecho do colar até as costas de Nwuá, que o fecha ao redor do pescoço.

Uma música com tambores começa a soar. O Coro das ancestrais, junto com Akhdá, dança formando uma roda ao redor de Nwuá, que também dança com movimentos rápidos, em transe, com força e euforia. O brilho azulado do fecho de luz sobre elas vai aumentando de intensidade até que se torna uma ofuscante luz azul que inunda tudo.

Ofegante, Nwuá cai de joelhos e o coro se agacha em um círculo ao redor dela, cobrindo-a. Tudo fica em silêncio por alguns instantes, até que o coro se levanta e se afasta de Nwuá. O corpo de Akhdá ainda está deitado aos pés da árvore.

A jovem levanta a cabeça e olha ao redor, mas nada mudou, tudo continua morto.

Nwuá - *(desanimada)* Nada mudou, vó. Nada mudou... *(berra com ódio)* Nada mudou! Tudo continua morto! *(triste)* E agora não posso mais desistir do legado, vou morrer sozinha neste planeta agonizante.

Nwuá se abaixa e se ajoelha ao lado do corpo da avó. Chorando, leva os dedos ao rosto de Akhdá. Ela se assusta ao ver que pontos luminosos se desprendem de seus dedos e correm pelo rosto e pelo corpo da avó morta. Os pontos luminosos se espalham e alcançam as outras mulheres ancestrais do coro. Uma névoa suave corre pelo chão, aproximando-se delas por todos os lados. Nwuá olha ao redor e se levanta. Olha para suas mãos, que estão brilhando. Luzinhas se soltam dos

seus dedos e flutuam pelo ar. Os pontos luminosos voam e se grudam na árvore seca e milenar. O vento sopra e revolve a névoa, levantando-a. O colar pulsa intensa e rapidamente no pescoço de Nwuá. As mulheres do coro correm ao redor de Nwuá. As luzes azuis piscam e pontos azuis brilhantes surgem por todos os lugares. Nwuá olha para todos os lados e dá uma gargalhada extasiada.

Nwuá - *(grita com alegria)* Você tava certa, vó! Você tava certa!

Ao redor de Nwuá, flores iluminadas com luzinhas azuis brotam por toda parte e uma vegetação vibrante toma conta de tudo. Na árvore que antes estava seca, brotos de folhas verdes nascem e crescem, cobrindo seus galhos. As luzes vão se tornando esverdeadas, deixando o ambiente com cores mais frias.

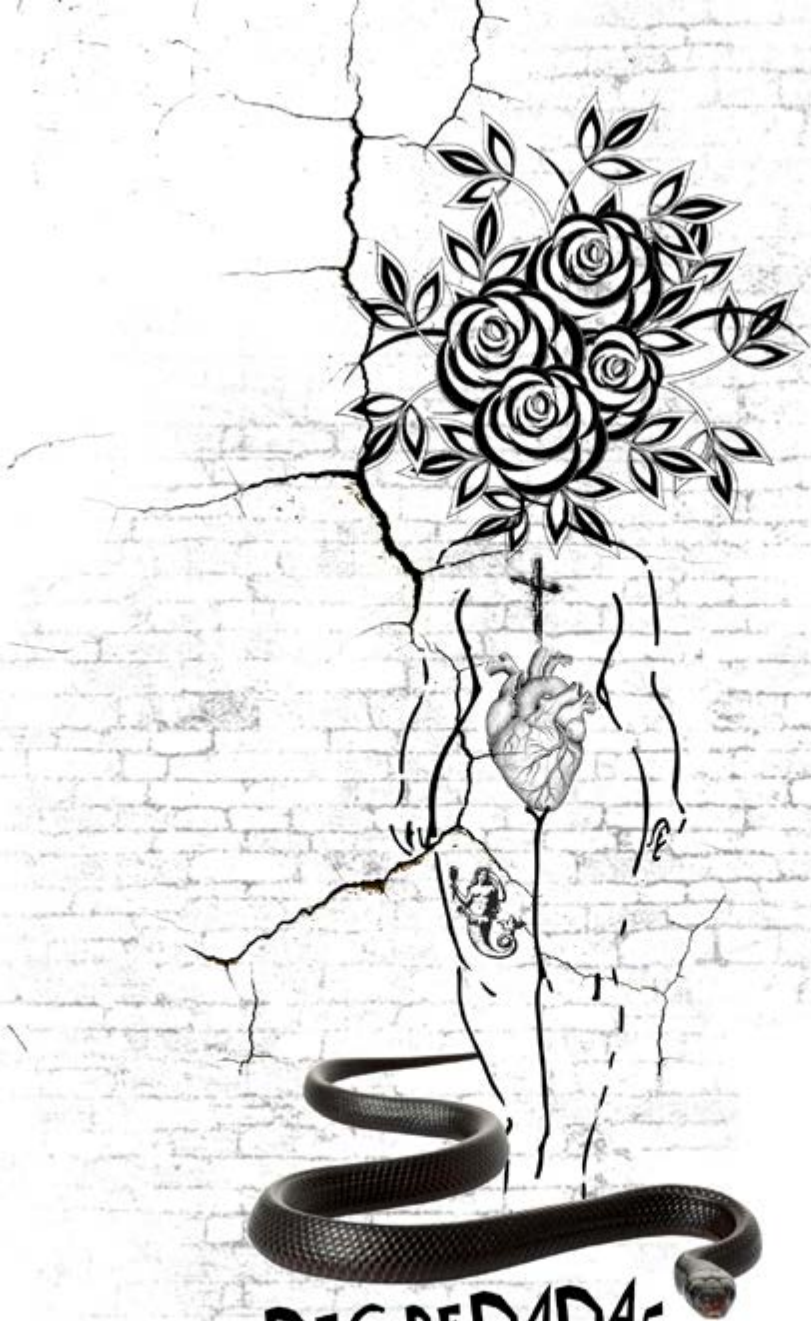
Um som forte de motor de nave e o zunido do seu rastro explodem no céu e Nwuá se vira e vê o rastro brilhante da última espaçonave que está partindo. Ela levanta a mão e acena sorrindo.

Nwuá - A última nave partiu! Adeus, Muhré! Que você tenha boa sorte na sua jornada e encontre tudo o que nunca encontrou aqui em Tnwuá.

Muhré - *(gritando)* Nwuá!

Nwuá ouve o grito da amiga e se vira, surpresa. Muhré corre até ela, trazendo a bengala de Akhdá, que se transformou em um galho florido. As duas se abraçam e as mulheres do coro dançam ao redor da árvore e das duas. Os corpos das mulheres do coro estão cobertos de flores e folhas e elas cantam.

Coro das ancestrais - Tnwuá renasceu! Tnwuá renasceu! Tnwuá renasceu! Tnwuá renasceu!



DEGREDADAS
FILHAS DE EVA

Carla Torres Pereira Carrion



APRESENTAÇÃO

Eu sou alguém que escreve. Uma mulher que escreve. Faço muitas coisas com meu corpo além de escrever, mas escrever é uma de minhas coisas favoritas. Tenho um corpo que escreve. Escreve o riso, o choro, a raiva, o trabalho acadêmico, a poesia, a prosa, a carta, a mensagem no celular.

Sou alguém que escreve. Mas considero esta uma aventura: estou aqui, ao lado de talentos incríveis e sensibilidades ímpares, desaguando minha primeira dramaturgia de verdade.

Eu não queria contar uma história de amor. Achava que seria banal. Banal como o amor e suas tolices. Como são banais os primeiros beijos. As primeiras transas. Os términos, as saudades, as despedidas e as perdas.

Mas não é o banal que me encanta? O banal de duas namoradas separadas por um destino trágico. Houve inspiração, pelo elemento re-

ligioso, de um filme sáfico lindíssimo: “Desobediência” (de Sebastián Lelio, baseado no romance homônimo de Naomi Alderman). Aqui não falo, porém, como no filme, sobre a cultura judaica, mas sobre a cristã: a cultura que me fez colonizada e colonizadora. Sempre estive em busca de Deus. E também tive medo de Deus. A expressão “temente a Deus” sempre me fez muito sentido. Se Deus soubesse que eu, menina, gostava de meninos e meninas, o que faria? Esse Deus ciumento, o Deus que criou o homem e a mulher. Mas e se um tal Deus criou também Lilith e a Serpente, figuras adoradas (e temidas) em diferentes religiões e culturas? E se existem tantas divindades quanto o número de palavras a serem ditas e escritas em todas as línguas vivas e mortas e ainda não nascidas?

É por isso que é uma história não mono. Não monossexual, não monogâmica, não monoteísta. Lembro-me da maravilhosa pensadora e psicóloga guarani Geni Nuñez quando digo isso: é ela quem me ensina a ser contra todo tipo de monocultura. Penso na poeta Mar Becker, escritora de “A Mulher Submersa”, quando me aventuro nas possibilidades líricas de mulheridade e amor. Escolho o lírico para compor a prosa dramática. E não posso deixar de citar as trocas com Giovana Lizana, amada-amante-amiga que, em seus poemas e encantos, me ajuda a entender os mistérios da mitologia, da espiritualidade, do amor e da liberdade. Nem de me aconchegar nos segredos compartilhados com Alexandra Reis, a amiga de tantos sempre, tantas lágrimas, alegrias e cafés.

Essa história é escrita através de muitas almas além da minha. Nada é nosso. A gente assina o que entrega ao mundo. Assino a Serpente, minha deusa. Assino Rute, a parte de mim que hesita. Assino Ester, a primeira a gargalhar em mim feito uma Pombagira. Sou um pouco do trágico, um pouco do pudico e um tanto a mais do despudorado. Tudo

está aí. Todos os meus amores e desamores. Penso nomes. Nieve e Ruah, orientadoras profundas de minha escrita na arte de fazer drama: Nieve atenta aos detalhes, me ensinando a dar voz às diferenças entre as personagens; Ruah me proporcionando reflexões sobre a religiosidade, a fé e a profanação. Alê Pin, a Flor, companheira de antigos encontros de dramaturgia, sempre na Má Companhia. Todo o grupo do Elas Tramam, numa ceia profana de delírio e delícias.

De novo: Alexandra, Geni, Giovana, Mar. Também José Anesio, Josi Santos, Marcus Vinicius, Mary Leal. Nomes e mais nomes afetivos e mestres da minha escrita. Tantos que tenho medo de faltar algum. O nome da minha mãe e de todas as mães de mim. O nome do meu pai e de todos os pais de mim. O nome da minha irmã e de todas as irmãs de mim. O nome de meu irmão e de todos os irmãos de mim. Os nomes de todas as pessoas amadas.

Todos os sabores.

De todos os afetos.

Pode sentir.

Abocanhar o fruto.

Aqui, ele não é proibido, não.

DEGREDDAS FILHAS DE EVA

Carla Torres Pereira Carrion

Classificação: 16 anos

Aviso de gatilho: Relatos de violência psicológica, física e sexual.

Personagens:

SERPENTE - A narradora. Uma grande deusa do Paraíso a contar a história de duas mulheres comuns.

RUTE - Uma mulher comum. Sua idade é próxima dos 30, pouco mais, pouco menos. Veste-se com cores frias e sóbrias. Segura uma Bíblia. Cheia de medos e pudores. Guarda o desejo em seu coração, como Eva quando tentou evitar experimentar o fruto. É ansiosa, por vezes hesita ao falar, outras vezes entra em uma verborragia desesperada. Crê em Deus sobre todas as coisas. E ama a próxima mais que a si mesma.

ESTER - Outra mulher comum. Sua idade é a mesma de Rute – próxima dos 30, pouco mais, pouco menos. Veste-se com cores quentes e vibrantes. Segura uma rosa vermelha. Expõe a raiva, o desejo e a gargalhada de uma Pombagira. Teve dores, amores e dissabores. Segue resis-

tindo. É poética e apaixonada. Ama tantas mulheres quantas lhe forem possíveis, honra todas as famílias que lhe foram dadas em suas fugas e segue profundamente apaixonada por sua namorada de adolescência. O amor não a aprisiona.

CENA I

É um tempo fora do tempo, um lugar fora do lugar. Chama-se Paraíso, por muito tempo considerado o lugar de Deus, fora da Terra. A plateia tem a grande oportunidade de estar diante da grande contadora de histórias do Paraíso, uma criatura divinamente terrena: a Serpente. Ela se dirige às suas herdeiras, na intenção de contar uma história tão banal quanto sagrada: uma história de filhas suas, irmãs suas, amantes suas.

A Serpente entra no palco em movimento sinuoso. É bela e cheia de astúcia. Inicia sua narrativa com voz envolvente.

Serpente - Herdeiras minhas, filhas de minhas filhas. Eis-me aqui, principiando o verbo que se faz carne e poesia. Quero contar uma história de amor e ódio.

Uma história que se repete ao longo dos séculos, silenciada pelo poder do patriarca.

E do padre.

Do colonizador.

Do conquistador e do ditador.

Do monarca.

Do Senhor.

Do Pai, do marido e mesmo das beatas que desconhecem a fúria fêmea que corre em suas veias.

Fêmea, mulher, ardência do desejo que escapa. Que escapa. Sempre escapa.

Não tem a ver com útero, mas com dissidência. O mundo só teve início a partir da desobediência. Toda história é uma história de desobediência.

Como a que trago hoje.

É uma história de amor e desamor. De gente como vocês, herdeiras minhas. Filhas de minhas filhas, de minhas irmãs, de minhas amantes. Filhas de Eva e de Lilith.

Filhas da urgência de um amor que nunca foi contado.

É possível reconhecer uma Filha de Eva pela timidez carregada de culpa que ela porta nos olhos baixos e também pela obscenidade deliciosa com que ela se põe a dançar quando se sente livre. Há sempre uma ambiguidade nas herdeiras da primeira pecadora. Quando falam manso, quando suspiram arfantes no momento do orgasmo, quando clamam por justiça, quando se creem más devido a pequenas e tolas atitudes.

É mais óbvio o grito das herdeiras de Lilith – e toda herdeira de Eva inveja um pouco. Há quem diga que Lilith fez amor com o próprio Lúcifer e deu à luz uma geração de mulheres poderosas, as bruxas revolucionárias que cuspiam nas fogueiras ou bebiam da chama cheias de glória. Como a história é narrada do ponto de vista dos vencedores, poucas pessoas enxergam a vibração bondosa das herdeiras de Lilith – mas as filhas de Eva tendem a adivinhar.

Uma dessas histórias me parece particularmente trágica e interessante. Acontece em um tempo longínquo, no futuro além do princípio dos tempos. Mulheres comuns, de nomes comuns.

Rute e Ester, Ester e Rute.

Em um canto qualquer de um tempo invisível. Ninguém saberia dessa história se eu não ousasse vir aqui apresentá-la.

Eis a missão de uma deusa, Senhora do Sagrado: narrar o mundo inteiro a partir de um caso qualquer. Um caso comunzinho e vulgarzinho como o de todas vocês. Como cada casinho-inho sem relevância alguma para as engrenagens gigantes do patriarca-Deus. Aquele que se quer adorado sobre todas as coisas. Aquele que não permite outras divindades. Monogâmico, ciumento, dono das guerras e dos feminicídios, do abandono das crianças, do horror ao prazer e às delícias do sexo.

Para mim, toda história tem relevância. Inclusive a sua. *(olha e aponta para alguém da plateia)*

E também a sua. *(olha e aponta para outra pessoa da plateia. Então se movimenta lançando olhares profundos para seu público)*

Eu digo que não há inferno. Não além daquele que a própria humanidade cria. Infernos feitos de prisões, amarras, manicômios, cárceres privados, escassez de recursos materiais e afetivos.

Me acompanham nessa história?

A Serpente se afasta do palco até que as luzes do Paraíso se apaguem. Faz-se um silêncio profundo, enquanto lentamente as luzes do fundo começam a se acender... O fundo é banal, vulgarzinho: uma quitinete. Ambiente simples, com uma mesa no centro e duas cadeiras. Há um espaço de cozinha com uma cafeteira ao fundo. É a casa de Ester.

Rute e Ester estão de costas uma para a outra. Rute veste roupas de cores frias, cobrindo bem o corpo. Sapatos fechados. Segura uma Bíblia. Ester está com roupas de casa, leves, coloridas, mostrando os braços e as pernas. Segura uma rosa vermelha. Há tensão no ambiente.

Rute - Não imaginava que voltaria a te ver...

Ester - Tenho visto você. Seus vídeos. Me fazem quase pensar em me converter. *(ri com deboche)*

Rute sorri. Voltam-se uma de frente para a outra.

Rute - Posso ter essa esperança?

Ester desmancha o sorriso. Olha Rute de cima a baixo. Intensamente. Aproxima-se sedutora.

Ester - Você está ainda mais bonita do que antes.

Rute - *(está tímida e nervosa, aperta a Bíblia contra o peito, fala em voz baixa)* Ah, engordei muito nesse tempo... Mas é a virtude o que importa...

Ester gargalha num misto de deboche e nervosismo. Aproxima-se ainda mais de Rute, repetindo o olhar de cima a baixo. Entrega-lhe a rosa, que Rute recebe desconcertada.

Ester - *(envolvente e aos risos)* Nunca me importei com a sua virtude.

Rute recua, passa as mãos nos cabelos e mais uma vez aperta a Bíblia contra o peito. Vira-se de costas para Ester. Ergue a cabeça, na tentativa de passar dignidade.

Rute - Minha visita aqui é breve. Preciso ainda visitar alguns irmãos, famílias doentes, levar a palavra do Senhor. O mundo carece tanto de Deus...

Pausa.

Rute - Vim apenas ver você... Depois de tanto tempo... Mas já é tarde...

Ester - Rute... Querida, que medo é esse? Fica um pouquinho. São anos e anos sem te ver. Sabendo de você através de redes sociais. Esposa do pastor, musicista, cantora gospel, *tiktoker*. Ainda tem a mesma voz que cantava Alceu Valença, Milton Nascimento, Clara Nunes, Alcione...

Rute - (*ríspida*) Não canto mais músicas do mundo.

Ester - A gente muda com os anos. Você mudou, eu mudei. Fica para um café. Veja que eu odiava, tremia que nem vara verde, ansiedade, só com um pinguinho de cafeína. Agora tomo pra conseguir me manter desperta. (*gargalha*) A vida adulta é um caos, você sabe. Todo dia um minissurto. Dar aulas para pré-adolescentes, você imagina o que deve ser?

Rute assente.

Ester - Você tem duas meninas agora, né? Deve ser uma loucura.

Rute - (*com um tom um pouco mais animado*) Ah, Alice e Joice. Minhas enteadas, filhas de Rafael. São minhas meninas, sim, elas são como...

Pausa sem completar a frase. Volta-se para Ester.

Rute - (*hesitante*) Ah, Ester...

Não posso ficar muito...

Tenho que ir...

Ester - Um café, meu bem. Só um café. Talvez um pão com manteiga. Sei que adora!

Rute aperta a Bíblia contra o peito novamente. Olha as horas. Faz-se uma nova pausa enquanto ambas se entreolham.

Rute - Fico para o café... Mas vai ser rápido...

Rápido mesmo, tá?

Ester - (*sorrindo*) Ninguém vai te prender aqui...

Ester oferece uma cadeira para Rute, que se senta, depositando a Bíblia e a rosa sobre a mesa. Ester vai à bancada preparar o café e o pão com manteiga. As luzes da quitinete se apagam, enquanto se acendem as do Paraíso, focando a Serpente.

CENA II

Serpente - Evas e Liliths se entreolham curiosas, às vezes rivais, às vezes irmãs, e tentam compreender suas diferenças e semelhanças. Uma herdeira de Eva, assim como a primeira mãe divina, tende a demorar um pouco a desobedecer. Quando criança, é boa menina, porta-se com delicadeza e assiste às filhas de Lilith, que poderosamente não temem a feiura, os joelhos ralados, os cabelos cortados e os batons vermelhos. Invejosas, as filhas de Eva tentam erguer um pouco a saia aos quinze anos ou às vezes dizem que não são dadas às saliências das outras. Quando se descobrem desejanter do proibido – como o amor a outras mulheres –, costumam guardar o segredo até não mais poderem, até que o desejo chegue ao limite, até que o amor lhes bata à porta e entregue o fruto em mãos.

Olha e aponta para alguém da plateia.

Você! Identifica-se com alguma de minhas meninas?

Aguarda brevemente a resposta e, independentemente de obtê-la ou não, continua...

Minhas meninas e eu.

Eu e minhas meninas.

É difícil que pessoas comuns, mortais, compreendam.

Que minhas meninas são eu, e eu sou elas.

Eu sou Eva, esposa de um homem, tentada por um réptil.

Eu sou Lilith bradando contra o poder patriarcal.

Eu sou a Serpente, Senhora das profundezas de dentro da gente.

O foco das luzes segue a Serpente, enquanto ela se retira do palco. As luzes se apagam e a quitinete se ilumina. Elas estão sentadas à mesa tomando café e compartilhando o pão. Mais descontraídas.

Rute - *(rindo tímida, balançando a rosa na mão)* ...então você se lembra disso?

Ester - *(gargalhando)* Mas é claro. A mais ativa do movimento estudantil, brava, briguenta, até eu tinha medo. Se sua tia soubesse...

Rute - *(olha para cima, sonhadora)* É... Eu acreditava em tanta coisa naquela época... Em justiça social... Em educação libertadora... *(permite-se um sorriso e imediatamente se interrompe, adquirindo expressão mais grave. Sua fala se torna rígida)* Mas hoje tenho fé. A verdadeira fé no Senhor. É isso que liberta.

Ester - Mas você acha que uma coisa exclui a outra? Ainda vejo nos

seus olhos o brilho de um sonho. Aquele brilho...

Rute - (*interrompendo*) Ester, por favor...

Ester - No meu terreiro, a justiça social e a espiritualidade não se excluem. Fazemos parte desta terra e é por ela que devemos lutar. (*sua fala torna-se enfática*) Carne, Rute! Nossa carne viva! Acho estranho você não se lembrar. Somos sangue e fúria. Éramos.

Rute se levanta, segurando a xícara de café. Beberica apressada.

Rute - (*com a voz trêmula*) Está ótimo o café... Mas daqui a pouco devo ir... Você entende, né? Compromissos...

Ester - Do que você tem medo, Rute? Por que você evita entrar nesse ponto?

Rute - Que ponto?

Ester - Nós! O passado! Todas as mensagens que te mandei. Senti sua falta. Muita! Você se esqueceu completamente de mim. Respostas breves, curtas, como se fôssemos duas estranhas...

Rute - (*ergue um pouco a voz, trêmula, agitada, ansiosa*) Acha que tenho medo, Ester? Medo do passado? Eu tenho pavor. Pavor. Você sabe o que aconteceu comigo quando você foi embora? Sabe?

Rute põe a xícara de café sobre a mesa. Está agitada. Não tem onde colocar as mãos. Pega sua Bíblia como se buscasse sua segurança, como se alcançasse seu próprio Deus.

Rute - Desculpa...

Desculpa...

Você...

Você...

Rute não sabe mais o que dizer. Está consumida.

Ester - Eu fui expulsa de casa, Rute!

Rute - *(com a voz trêmula, cabeça baixa)* Eu perdi... Eu perdi tudo... Não havia mais justiça, beleza, encanto no mundo...

Ester - Fui espancada, Rute. Pelos meus pais. Espancada até me sentir morta. Mas não morri. Fiquei viva pelo desejo de viver. Fui cuidada por pessoas que nunca imaginei...

Rute - *(erguendo a voz, trêmula, agitada, ansiosa)* Eu sei, eu sei. Eu nunca soube como, de que modo... Mas senti... Ouvi dizer... As coisas que a gente escuta por aí... Eu quis ir até você... Procurei sua família, a igreja, todo mundo... *(a fala se torna mais atropelada, como se Rute lançasse de uma vez excessos há muito guardados)* Eu gritei que era eu a garota sobre quem você escrevia no diário – que era eu a sapatão

a prostituta

a infeliz que havia seduzido você

eu gritei para que trouxessem você de volta

para que cuidassem de você, para que acalmassem você na glória de Deus e punissem a mim

a verdadeira culpada.

Faz-se uma longa pausa e as duas mulheres se olham. Rute parece estar exausta. Senta-se como que derrotada por seus próprios demônios.

Ester - *(com calma e doçura)* Não foi assim que aconteceu. Não foi você quem me seduziu. Nem eu. Era amor, Rute. Meu primeiro amor.

Talvez eu não tenha sido o seu, eu que ouvi tantas histórias de amor suas, de garotos a quem você tanto se dedicou. Mas era amor. A gente aprendeu, minha bela, minha princesa, a gente aprendeu o amor no toque, no mergulho do corpo, na boca, no verter do desejo. Você era a menina do meu diário e eu jamais diria seu nome para ninguém.

Eu protegi seu nome, Rute.

Por que você se expôs?

O que aconteceu depois?

Rute - Depois...?

Direciona-se ao centro do palco, de frente para a plateia. Sua expressão demonstra amargor. A cabeça pende para baixo, embora olhe para frente. Os ombros caídos, em depressão.

Rute - Depois do pecado, a morte... Como aconteceu com meu pai...

Ester - *(com expressão assustada, aproxima-se de Rute, que não se volta para ela)* Rute, do que está falando?

Rute - *(ainda na mesma posição, com uma voz ainda mais trêmula, agitada, ansiosa. E entrecortada)* Depois eu presa por dias, e dias, e meses no meu quarto por ordens da minha tia. Depois eu entrando em guerra com tudo e com todos. Depois eu sem acesso à internet ou a qualquer meio de comunicação, depois, minhas notas baixando, eu aprendendo a beber escondido o álcool da despensa pra acalmar o medo, a dor, aquele desespero, Ester, depois eu inventando jeitos de provocar dor

na minha pele

até sangrar

a dor

de dentro.

Depois eu pensando formas de morrer sem dor
depois eu pensando formas de morrer com muita dor.

Depois minha tia me dando um tapa na cara porque eu-era-pecado-
ra-como-meu-pai! Eu-era-pecadora-como-meu-pai!

Eu-era-pecadora-como-meu-pai! *(gritando agitada, as mãos na cabeça)*

Ester - Rute! *(tira Rute do transe)* Me explica, por favor, do que você está falando? Seu pai! Seu pai, Rute? Era como uma família pra mim. Seu pai e João me salvaram tantas vezes da minha *(dá uma risada amarga e faz aspas com as mãos)* “família tradicional”.

Rute!

Quem te fez pensar isso?

Rute se volta para Ester. Começa a falar com voz mais mansa.

Rute - Ah, minha irmã... Um dia você vai entender como eu entendi... Eu demorei a entender... Que meu pai era bom, mas era um pecador... E o salário do pecado é a morte. Meu pai amou minha mãe depois de ter se deitado com homens... Quando ele casou com João, achou que era amor. Mas era pecado... João, a quem também chamei de pai. Era bom, mas era pecador. Percebe, Ester, o que importa é não estar em pecado! Meu pai viveu em pecado... Eu herdei dele o vício da indecisão... Você lembra?

Ester - Lembro de você livre. Experimentando a vida. As paixões. Desejando, sendo desejada, beijando quem quisesse. E você queria tanto! *(dá uma risada gostosa)*

Rute - *(recua todo o corpo como que constrangida)* Ai, Ester, não... Por favor...

Ester - Eu pensando se um dia teria chance. Porque era você, né? Linda, livre, sonhadora, cantora, criadora. Dona da porra toda!

Rute - *(distrainda, como se Ester, por uns instantes, não estivesse ali)*
Tudo livre demais...

Solto demais...

Eu era uma pequena meretriz...

Não é certo isso. Uma garota que não sabe se...

Que não sabe se gosta de meninos ou meninas...

Ester - Tem que escolher? Assim, eu vivia sonhando que você me escolhesse um dia, só um pouquinho, só uma vez. *(ri com doçura e sedução)*
Mas tem que escolher? Por quê?

Rute olha para algum ponto no infinito, enquanto retoma seu estado de transe e aflição, em fala apressada e ofegante.

Rute - A jovem Jezabel. Prostituta da Babilônia. Beijando quem eu quisesse nas festas e sem ser corrigida à cinta pelo meu pai. Bem que minha tia falou. Bem que minha tia falou.

O salário...

Do pecado...

O salário...

O acidente...

A respiração agitada de Rute se confunde com o suspiro de Ester, que faz uma expressão profundamente triste.

Ester - Uma fatalidade. A pior!

Rute - *(ainda agitada, ofegante)* Eu ia contar pra eles naquele dia.

Sobre nós...

Sobre...

tudo...

Eu achava que eles iam gostar, que ficariam felizes... Eu ia contar pra eles naquele dia... Quando chegássemos de viagem... *(Rute encarna a si própria adolescente, em uma voz alegre que mimetiza a si mesma no passado)* “Pai, tio, estou amando de verdade agora. Amor assim como nunca aconteceu antes. É ela, pai, é ela, tio, sempre foi ela.”

Rute pausa. Tapa a própria boca, assustada.

Ester - *(com extrema doçura e levemente emocionada)* Você ia dizer assim? Você pensava e sentia assim?

Rute - Então o caminhão. Desgovernado...

Ele tentou desviar. Todo mundo estava de cinto de segurança. Todo mundo.

Mas só eu... Só eu...

Sua voz falha, embargada.

Ester - Eu sei, meu bem. Eu sei. Foi a minha primeira grande perda também. Eles também eram minha família. Eles me emprestavam livros, incentivavam a gente em tudo. Eles acreditavam na minha escrita e na sua voz.

Rute - *(ainda sem se voltar para Ester)* Eu tive uma segunda chance... E continuei pecando...

Primeiro o pecado original, depois o dilúvio e, mesmo assim, eu não deixei de pecar.

Envolvi você em minhas tramas, escondida de seus pais e de minha tia...

Ela me alertou que, com ela, tudo seria diferente. Agora que eu era

órfã de tudo... ai...

Ela não sabia dessas minhas...

...tendências...

...parecidas com as dele...

Mas ela sabia que eu era criada livre demais.

Ela tentou conter...

Tentou...

Eu falhei...

Ester - Rute, você está falando absurdo. Olha pra mim!

Rute - (*vira-se pra Ester gritando*) Perdi tudo, tudo. Minha família, você. Deus escreve certo por linhas tortas... Eu perdi tanto... Tanto...

Para só então, depois de andar no vale das sombras e da morte, encontrar a glória do Senhor... Oh, glória... Glória a Deus... (*há um êxtase fanático em sua voz. Seu olhar contempla um infinito invisível, em devoção*)

Ester - (*grita tão alto quanto Rute*) Chega! Chega! Chega! Não é tudo sobre você! Ninguém morre ou é espancado para que você encontre a sua maldita glória! Quem te tornou essa criatura egocêntrica que eu desconheço? Essa mulher que desonra o pai pela forma como ele amava? Essa mulher que desonra a si mesma pela própria forma de amar? Quem é você? Você não é minha amiga, você não é meu amor! Você é uma coisa sórdida que diz coisas insensíveis e absurdas! Você não é mais minha loucura, minha fortaleza! Você é um muro entre nós!

Rute encara Ester. Dura.

Rute - Eu sou o muro que nos protege da morte e nos garante a vida eterna.

Ester toma a frente de Rute, voltada também para a plateia. Está séria, demonstrando quase tranquilidade.

Ester - Não preciso de seu muro nem de sua vida eterna. Não comungo da mesma fé e meu pai Oxumaré jamais condenaria todos os meus sete amores que dançam comigo ao luar. Sou um corpo macho e fêmeo, um corpo às vezes sem gênero. Um corpo degenerado feito de sangue e de luz. Eu amo com liberdade e gozo por minha vontade. Rute, meu amor primeiro, senta aí mais um pouco.

Vira-se para Rute e oferece-lhe a cadeira novamente. Rute obedece ao pedido.

Ester - Não há muro que aguente uma história de liberdade. Escuta a minha.

As luzes da quitinete se apagam.

CENA III

A Serpente retorna enquanto se acendem lentamente as luzes do Paraíso.

Serpente - Ah, as histórias... Quem sabe realmente de suas verdades? Contam, por exemplo, que eu fui a culpada pela expulsão de Eva do Paraíso. Mas poderia eu realmente causar qualquer dano à Senhora de meu coração? Foi no balanço dos quadris de Eva, agarrada à sua cintura macia, que descobri meu propósito.

“Deus criou o homem e a mulher”, dizem os ditadores de todos os tempos. Ninguém conta que a Deusa criou a Serpente.

Seria a Serpente homem?

Seria a Serpente mulher?

O dualismo macho-e-fêmea é como aquele que determina a diferença entre a noite e o dia: não existe – estão contidos um no outro e se transformam no ciclo do tempo.

Deus diz: eu sou.

A Deusa diz: eu sou, mas também posso não ser.

A Deusa é o lado de Deus que anoitece. Senhora das feras e das almas. Senhora do coração ardente de Eva, a Mãe, Mulher e Guerreira. A criadora primordial. Amante do homem e da mulher. Eva, Adão e Lilith. O poder trino da Deusa. A Serpente forma a quarta parte, criando a totalidade.

As luzes do Paraíso dão lugar às da quitinete. Rute está sentada e Ester está em pé de frente para a plateia.

Ester - *(fazendo movimentos com a mão da esquerda para a direita como se acompanhasse no ar as linhas de um caderno)*

“18 de novembro. Querido diário,

Hoje foi o melhor dia de toda a minha vida. Estávamos na praia, só nós duas. O mar estava tão manso quanto o sol e ela vestia branco. Parecia uma sereia. Vou chamá-la de Sereia. Porque ela me encanta. Ela falava de seus planos com alegria, dizia dos seus sonhos de estudar e trabalhar além-mar, conhecer o mundo inteiro. Falava de seu desejo de ser cantora internacional. Ela ria deliciosamente. Dizia assim: *‘sei que sou pobre, mas rica em sonhos’*. Eu olhava para ela, ela olhava para o mar. Até

que ela parou e me olhou. Seus olhos de luz. ‘*Você não diz quase nada*’ – falou. Eu disse que preferia olhar para ela. E foi aí que de repente ela riu. Meiga. Simples. E perguntou se eu queria mesmo apenas olhar. A princípio não entendi o sentido. Fiquei confusa. Porque era ela, porque era eu. Ela continuou me olhando, os lábios entreabertos. Tomei a coragem que tentava ter fazia tempo. Delicadamente aproximei mais meu corpo do dela. E beijei a Sereia. E a Sereia me beijou. E o sertão virou mar, o mar virou sertão, o mundo inteiro deixou de ser. Eu já havia beijado outras garotas antes. Outras garotas já haviam tocado meus seios com o mesmo despudor. Eu já havia sentido o cheiro da nuca de outras garotas, os cabelos macios, braços, coxas. Mas digo agora que vou sempre chamar essa de primeira vez. A primeira vez que fui beijada. Pela Sereia. E me tornei eu mesma o mar.”

Ester pausa. Respira fundo. Rute olha aturdida, emite um leve suspiro.

Ester - Foram muitas e muitas páginas de diário sobre nós. Guardava dentro da Bíblia, junto ao Cântico dos Cânticos, segredos de amor de Salomão.

Ester pega a Bíblia e a rosa. Abre o Cântico dos Cânticos, Capítulo sete, versículos 2-4. Lê de forma apaixonada e sedutora.

“Como são belos os seus pés nas sandálias, ó filha dos nobres!
As curvas de seus quadris parecem joias, trabalho das mãos de um artista.
Seu umbigo é uma taça em meia-lua
Onde nunca falta o licor.
Seu ventre é um monte de trigo cercado de lírios,

Seus dois seios são como duas gazelas, filhotes gêmeos de uma gazela.”

Faz uma pausa profunda, suspirando. O suspiro de Rute faz eco. Ester deposita a Bíblia em um canto qualquer. Está triste.

Ester - Foi naquela noite que ela encontrou...

Rute levanta-se, aproximando-se de Ester.

Rute - Foi naquela noite...

Ester - Nossos planos, Sereia. Nossos planos de amor.

Rute - Eu estava pronta...

Eu te esperei atrás da igreja...

Ester - Passagens compradas, malas prontas, identidades falsas. Uma vida inteira pela frente. Tudo o que desejávamos!

Rute - Eu te esperei atrás da igreja...

Ester - Ela leu o diário de amor. Uma vez e mais outra. Chamou meu pai. Ele leu o diário de amor. Uma vez e mais outra. Ela me deu um tapa. Ele me deu um tapa.

(Ester estapeia de leve o próprio rosto) Perguntaram seu nome e eu neguei até o fim. Neguei até o fim. “*Quem é ela, quem é a prostituta?*” Neguei até o fim. Eu protegi seu nome...

Rute - *(emocionada)* Ai, Ester...

Ester - Então eles me espancaram. Como todas as vezes antes. Como todas, todas as vezes antes. Mas foi pior. Arrancaram-me a carne e o sangue. O último fiapo de meu amor por eles.

Rute - Perdemos tanto...

Ester - Você me esperou atrás da igreja...

Rute - Você não apareceu...

Ester - Morri. Morri sete vezes como uma gata. Me arrancaram o dinheiro, as roupas, tudo o que eu tinha. A dignidade de uma menina de 17 anos. Meus cabelos, meus brincos, me expulsaram quase nua, rasgada rua afora. Eu estava arruinada, quase morta. Não poderia chegar até você dessa forma. Não queria que o mesmo acontecesse...

Ester não completa o raciocínio. Rute se aproxima dela e lhe segura a mão com ternura.

Rute - Você deve ter se sentido tão sozinha... Ester, por que não fugiu até mim? Por quê... *(sua voz falha)* Ninguém no mundo deve bater nos filhos... Ninguém...

Ester - *(olha para o infinito)* “Honrar pai e mãe...” Há quem diga que eu nunca respeitei esse mandamento. Mas quem seriam realmente meus pais e minhas mães senão aqueles que de verdade me acolheram em seus ninhos? Seu pai, seu padrasto. Mãe Maria...

Rute - *(espantada)* A macumbeira do bairro?

Ester - A macumbeira. Ela, sim. Tão macumbeira como eu sou hoje. Me acolheu como se eu fosse sua filha. Os olhos dela, olhos de Mamã Oxum, molhados de ternura, acalmaram os meus. Os seus mistérios sagrados curaram meu corpo destruído. E eu renasci. A macumbeira, Rute. A minha mãe. Eu honrei e honro todos os pais e todas as mães que me apareceram ao longo da vida.

Rute - Eu nunca soube... Não de tudo isso... Muito pouco soube de você depois daquilo...

Ester está um pouco mais suave, depois de ter aberto sua história. Senta-se

e volta a se servir de café e pão, enquanto Rute a acompanha.

Ester - Ela me protegeu e me escondeu como eu pedi. Mas não fiquei muito tempo por aqui. Fui pra capital depois. E encontrei outra mãe, a Velha Cecília, prima de Mãe Maria. Tantos lares me receberam, tantas famílias eu tive... Trabalhei de quase tudo o que se possa imaginar. Faxina, vendas, recepção de hospital, festas, turismo, cozinha. Certa época me deitei com um homem que me presenteou com gigantes valores mensais. Só para que eu fosse bela e firme em sua cama e em seus jantares. Era um contrato e me serviu. Paguei minha faculdade, formei-me professora de português. Tinha planos e fazia o que era necessário. Tanto que passei no concurso aqui.

Rute assente.

Rute - Imagino que você seja ótima professora.

Ester - Devo ser. A gente vai aprendendo, né?

Rute - E esse homem?

Ester - Ele achava que possuía mais de mim do que realmente tinha. Precisei me desviar de seus ciúmes, de seus...

Rute se mostra levemente incomodada diante dessa fala. Passa as mãos nos cabelos, enquanto aperta os lábios.

Ester - Violências, Rute. No corpo e na alma...

Um silêncio profundo se faz entre elas. Ester traz na expressão uma tristeza que é acompanhada pela de Rute. Olham-se.

Rute - Eu... Sinto tanto...

Um homem não deve bater em uma mulher...

Não deveria...

Não deveriam...

Eles... Ah, eles...

Ester - Mas eu escapei, meu bem. Eu escapei. Fugi de meu carcereiro e encontrei uma outra família, no lar da nova namorada, Amália. Mas Amália me queria presa e eu desejava ser livre. Sufocou-me com palavras cruéis, quis abocanhar meu coração. Não é menos prisão se a carcereira é uma mulher. Hoje eu amo sete mulheres e sempre cabe alguém a mais. Cabe no meu peito a saudade do meu primeiro amor. Eu honro, minha doce Rute, todas as minhas mães, todos os meus pais e todos os meus amores. Eu honro você como quem se prostra diante do altar de Eva. Embora hoje você acredite que Deus seja inquisição e o amor seja prisão. Eu ainda vejo você. Ainda sinto. Ainda sei...

Rute faz menção de abraçar Ester e recua. Caminha pelo ambiente, reflexiva. Serena, volta-se para Ester.

Rute - Eu te esperei e você não apareceu... Eu chamei seu nome e você não ouviu... Eu tentei morrer e não consegui... Ah, Ester, eu fiz o que precisava ser feito...

Eu aceitei a cura que me ofereceram...

A cura para a minha doença...

...da alma...

Essa doença de querer do jeito errado...

O pastor, meu amado esposo... Terapeuta... Pai das filhas que chamo

de minhas. Foi-nos revelado em cada sessão... de cura...

Rute pausa. Levanta-se. Respira fundo. Repentinamente grita.

Rute - (gritando) “O pecado há de sair de você. Nem que tenhamos que tomar medidas drásticas. O peso do pecado é o peso da mão de Deus sobre os seus sonhos, mesquinhos sonhos, menina.”

Rute passa as mãos nos cabelos. Ao continuar a narrativa, sua voz adquire um tom estranhamente meloso e asqueroso, imitando o pastor/terapeuta/marido.

Rute - “Menina linda, menina doce, menina, vem. Encosta aqui, na parte de mim que chama por você.”

Rute retoma seu próprio modo de falar, mais comedido, com um toque de vergonha.

Rute - Eu encostei. E depois encostei outras vezes. Na parte... Na parte dele... A minha mão aflita... A mão dele em mim. Pra aprender a desejar a coisa certa... Ai, Ester...

Ester, aflita, aproxima-se de Rute e tenta segurar sua mão. Rute recua. Parece ter medo.

Rute - (retoma a imitação da voz melosa do homem) “Você me fez pecar, menina, você me faz pecar. Eu sou um pobre viúvo da mais digna das esposas, sempre fui fiel a ela. Você me fez pecar, é culpa sua. Mas Deus há de nos perdoar, menina, linda e terrível menina. Tive uma revelação. O salário do pe-

cado é a morte e o nosso casamento será a solução. Seja mãe de minhas filhas e a minha fiel esposa. E nunca mais mal algum chegará à tenda dos justos. Toca de novo aqui, na minha parte que arde por você, toca com sua boca. Seremos curados por Deus e perdoados pelo pecado a que Satanás me levou através de ti. E faço de ti minha mulher.”

Ester - *(abismada e irritada, mas buscando falar de forma gentil com Rute)* Você entende o que está falando? Você entende o que aconteceu? O que ele fez com você... Você sabe, Rute. Você sabe?

Rute - *(buscando aparentar firmeza)* Eu já tinha 19 anos, já sabia o que fazia... Eu escolhi pecar... Não era mais uma criança. Era uma mulher adulta.

Ester - *(com irritação na voz)* Pelo amor de todos os deuses, Rute!

Rute faz uma expressão assustada. Ester se cala. Recua.

Ester - Perdão, querida, perdão. Não é com você, meu bem. Mas isso... Isso que aconteceu. Eu não sei como dizer sem ser dura. O seu marido, esse homem, o pastor. Ele abusou de você. Você sabe, não?

Rute - Ele me curou de mim...

Ester - Ele te roubou da vida.

Rute - Eu já era adulta, sabia o que fazia. Pecamos e fomos perdoados.

Ester - Ele abusou do poder que exercia sobre você. Ainda exerce, não?

Rute está com o corpo rígido, sente quase não poder mais ocultar todas as angústias e desesperos de todos os tempos, os segredos de sua história, seu medo, sua dor e sua fúria. Mas segura. Prestes a cair, segura.

Rute - Ele é meu amado esposo, o meu amor para sempre.

Ester - Você tem certeza de que não está mentindo para si mesma?
Meu bem...

Rute - *(buscando disfarçar o tremor da voz)* Ester, eu não sei o que ainda tô fazendo aqui. Você não entende, não entenderia...

Você é do mundo...

Ester - *(carinhosamente, agora conseguindo tocar a mão de Rute)* Eu sou do mundo, sim. Deste mundo real e palpável e sei reconhecer um abuso. Sei reconhecer um trauma. Porque eu sofri abusos, eu tenho meus traumas que até hoje rasgam minha alma. Sou feita da mesma carne que você e por isso sinto, meu bem. E sinto, sinto muito...

O corpo de Rute está mole e repentinamente despenca no chão.

Ester se senta ao lado de Rute e a abraça. Rute recebe o abraço com resignação, deita-se sobre as pernas de Ester, em posição fetal. Ester acaricia os cabelos de Rute com doçura. Ficam um tempo nessa posição enquanto Rute chora a dor de toda uma vida. É um choro rasgado, há muito tempo sufocado. Quando, enfim, consegue se acalmar um pouco, Rute levanta a cabeça lentamente, aproximando o rosto do de Ester.

Rute - *(com voz trêmula e aflita)* Como é que a gente...

Pausa. Interrompe-se.

Rute - Como é que a gente fazia...? Como é que a gente começou?
Quando eu era do mundo...

Ester passa a mão nos cabelos de Rute. Recua.

Ester - Não agora, não assim, meu amor. É o que mais desejo, minha grande alegria. Minha Sereia. Mas não agora, não desse jeito, meu amor. Você está frágil e assustada. Eu jamais, jamais na vida me aproveitaria disso.

Rute - *(a voz falhada, quase sumindo)* Ele é o meu esposo... Ele é o meu amor... Ester, como é que pode isso? Ester...

Ambas se deitam abraçadas em concha, plenas de ternura. As luzes da quitinete se apagam.

CENA IV

As luzes do Paraíso se acendem enquanto a Serpente entra sinuosa e levemente triste.

Serpente - As Serpentes também têm coração, vocês sabem. E choram quando suas filhas sofrem. Sofrem a dor de cada uma dessas criaturas que é desviada do caminho do prazer e condenada às dores do medo e da culpa.

Não se enganem: eu sofro o sofrimento de cada um de seus coraçõezinhos. Meu sangue é frio, mas transborda de ternura.

Lança um olhar gentil para a plateia, mantendo a expressão entristecida.

É triste que Evas livres acreditem que só serão dignas quando encontrarem um consorte. Se elas soubessem da história de sua ancestral...

Porque a verdadeira história, aquela que não contam, foi que ela rastejou vários dias com a Serpente até tomar a decisão. E a Serpente era fêmea – era Lilith. A Serpente contou a história da primeira desobediência do mundo, a de Lúcifer, seu amante. Depois a sua própria, quando negou Adão como esposo. E foi Eva quem decidiu sobre a terceira desobediência: provaria do néctar agridoce do conhecimento. Se tornaria sábia, porém perdida. A perdição é o prenúncio da sabedoria mais plena.

As primeiras mães divinas já sabiam disso.

Segredaram seus desejos.

E deram à luz a humanidade.

A Serpente se coloca no canto do palco, permitindo-se do Paraíso observar, juntamente com o público, suas belas herdeiras. A quitinete se ilumina à meia-luz.

As mulheres ainda se encontram deitadas em concha. Ester põe a rosa nos cabelos de Rute e os acaricia. Estão serenas.

Rute - Não quero ir embora, Ester... Não quero me afastar de você. Não mais...

Ester - Não tem visitas a fazer?

Rute ri. Não responde.

Ester - Você é feliz?

Rute - Neste momento, sim.

Ester - Então fica.

Rute - Preciso cuidar de minhas filhas. Prometi isso a mim mesma tan-

tas vezes... Que não me afastaria delas... Que não deixaria que acontecesse...
(*suspira*) ...Não é fácil ser uma menina criada na igreja.

Ester - Não, não é. Imagino o quanto deva sentir por elas. Tanto amor, todo esse amor que você é. Mas não seria hora de cuidar de você? Você, como eu, foi espancada. Anos e anos pelas mãos de falsos profetas. Como cuidar delas sem antes se fortalecer? Você parece ter tanto medo...

Rute - Eu tenho... Não sou corajosa como você... Nem forte...

Ester - Olha, de tantas pessoas que conheço e amo nesta vida, poucas são tão fortes quanto você. Você é uma sobrevivente!

Rute sorri. Faz silêncio. Põe-se sentada e se permite acariciar os cabelos de Ester.

Rute - Sabe... Você *também* está ainda mais bonita do que antes.

Ester gargalha. Depois fica curiosamente tímida.

Rute - (*citando um trecho de A Cor Púrpura, romance de Alice Walker*)
“Eu acho que Deus deve ficar fora de si quando você passa pela cor púrpura no campo e não repara.” Lembra disso?

Ester - Alice Walker. Lembro, sim. A citação favorita do senhor Antônio.

Rute - Ah, meu pai... Meu maior amigo. Sinto tanta falta. Tanta... Não há um dia em que eu não pense nele...

Ester - Eu também sinto falta...

Rute - O prazer é um dom de Deus, não é?

Ester - O prazer, a beleza, a alegria, a paixão. A dança, a música. O tesão.

Ester também se senta e abraça Rute, que encosta a cabeça em seu ombro.

Ester - Você ainda sonha, Sereia?

Rute ri. Está leve, delicada, traz a expressão de uma menina.

Rute - Eu sonho. Várias vezes sonhei com você e orei pra não sonhar assim tão bonito...

Me parecia errado...

Ainda sinto que parece...

Mas eu sonho, sonho, sim...

Ester - *(animada)* Me conta. Esses que sonha comigo!

Rute fica tímida. Hesita.

Rute - *(ri baixinho)* Não, agora, não. Esses ainda não. Teremos tempo.

Ester brinca com os cabelos de Rute.

Rute - *(segurando e acariciando a rosa, sempre sonhadora)* Mas eu sonho com a cor púrpura no campo. Com voltar a estudar. Sonho em aprender um instrumento novo. Em cantar músicas do mundo. Dar aulas de música do mundo. Pecar com músicas do mundo. *(cantarola um trecho de O Mar Serenou, composição de Antonio Candeia Filho, eternizada na voz de Clara Nunes)* “O mar serenou quando ela pisou na areia... Quem samba na beira do mar é sereia.”

Rute gargalha, assemelhando-se a Ester.

Rute - Sou pobre, mas rica em sonhos. Sou presa, mas tenho asas.

Ester ri. Faz-se um silêncio. O olhar de Ester para Rute é de desejo e encantamento, enquanto Rute segue olhando para algum ponto no infinito.

Rute - *(volta o olhar para Ester)* E você? Sonha?

Ester - Sonho. E realizo. Como agora...

Ester e Rute aproximam o rosto, as bocas quase se tocando, mas recuando, numa brincadeira de namoradas. Então, com ternura, beijam-se e se permitem se tocar com ardor e vontade, como há muito tempo não faziam. Um beijo erótico e apaixonado, feito de desejo, urgência e saudade. A Serpente toma a frente das amantes e as cobre com um enorme véu, dando a elas a intimidade para o amor.

Serpente - Vejam vocês, somos todas filhas das mães. Como as belas amantes que agora se entregam uma à outra. É assim que as coisas devem ser. Toda herdeira de Eva deveria conhecer a verdadeira história. A do encontro com a primeira amante rastejante. História de chão, terra, sabor e saber. Toda Eva tem uma irmã gêmea suja de lama, melada de fluidos corporais, banhada nos líquidos do orgasmo. Quando Evas e Liliths se conhecem e se reconhecem, nada pode detê-las.

Eva caminha poderosa no exílio.

Lilith rasteja e voa.

Irmãs.

Amantes.

Eternas.

Livres.

Palavra da Deusa. E que assim seja.

As luzes se apagam.

Este livro foi composto na primavera de 2022,
na tipografia *Adobe Caslon Pro*, de William Caslon, corpo 11/17.



REALIZAÇÃO:



APOIO:



Realizado com recurso do
Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

